

87

# cadernos de teatro

— O TEATRO DE TADEUSZ KANTOR — J. Klossowicz

---

— ESTILO, CONVENÇÃO E INTERPRETAÇÃO  
— H. Morrison

---

— A CARTA PERDIDA — I. L. Caragiale

---



## **CADERNOS DE TEATRO N. 87**

Outubro/Novembro/Dezembro — 1980

Publicação d'O TABLADO patrocinada pelo Serviço Nacional de Teatro — SEAC — FUNARTE, órgão do Ministério de Educação e Cultura

*Redação e Pesquisa d'O TABLADO*

*Diretor-responsável* — JOÃO SÉRGIO MARINHO NUNES

*Diretor-executivo* — MARIA CLARA MACHADO

*Diretor-tesoureiro* — EDDY REZENDE NUNES

*Redatores* — BERNARDO JABLONSKI, GUIDA VIANNA e  
CARMINHA LYRA

*Secretária* — SILVIA FUCS

**Redação: O TABLADO**

Av. Lineu de Paula Machado, 795 - ZC 20

Rio de Janeiro — 22.470 — Brasil

*Os textos publicados nos CADERNOS DE TEATRO só poderão ser representados mediante autorização da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT):  
Av. Almirante Barroso, 97 Rio de Janeiro*



# O TEATRO DA VIDA SUSPENSA

Jan Klossowicz

“O Cricot-2” em suas novas instalações em Cracóvia  
e em Florença

Foi inaugurado em janeiro de 1980, na Rua Kano-nicza, em Cracóvia, o *Centro de Teatro Cricot-2*. Em apenas alguns meses, o teatro de Tadeusz Kantor, que até então nunca havia tido lugar fixo, adquiriu dois: um em Cracóvia, não muito longe do castelo de Wawel, e o segundo em Florença, numa antiga basílica romana perto do teatro onde antigamente Edward Gordon Craig desenvolveu suas atividades. Vinte e cinco anos se passaram desde que Tadeusz Kantor criou o *Cricot-2* e trinta e oito anos desde que ele fundou o Teatro Independente Clandestino, na época da ocupação hitlerista.

Seria conveniente falar da história do extraordinário desenvolvimento artístico de Kantor, das etapas e sucessivas metamorfoses de sua criação pictórica, de sua atividade teatral. Numerosos artistas de sua geração, que atingiram a maturidade artística nos anos 40, gozam hoje de uma reputação de clássicos contemporâneos, e suas biografias artísticas parecem ter chegado ao fim. Kantor é um caso inteiramente à parte. É verdade que, na inauguração do Centro, ele falou do fim de sua carreira — não sem malícia — para logo em seguida, com um só gesto, prontamente varrer toda a tradição ligada à sua comentadíssima obra. Para ele, a única coisa que conta é o que ele faz atualmente, e mais exatamente, a fase de sua atividade teatral que começou em 1975, com a criação da “Classe Morta” (*Umarla Klasa*).

Já se falou muito da importância e do valor artístico deste espetáculo, que sem dúvida passará à história do teatro como um dos mais notáveis dos anos 70. No entanto, valeria a pena refletir sobre os aspectos essenciais da etapa atual da atividade teatral de Kantor, sobretudo

diante das declarações feitas por ele na inauguração do Centro, onde falou de suas principais propostas bem como do novo espetáculo que ele está preparando em Florença. Na verdade ele falou muito pouco sobre teoria. Apenas algumas frases sobre o realismo de seu teatro, onde o ensaio constitui uma transposição artística do mundo real; sobre o caráter muito pessoal de sua linguagem teatral, que é um ato de defesa — defesa de si mesmo e dos outros — contra a agressão do mundo moderno e sobre o ato criador que é uma revelação do que há de mais profundo e de mais íntimo no homem artista e que encontra sua expressão nas lágrimas, consideradas como o que há de mais íntimo e de mais secreto. E são as lágrimas que provocam o que deveria suscitar um espetáculo teatral; não a cólera ou a revolta — como fazia o teatro de “avant-garde” de sessenta anos atrás (os dadaístas) — mas a emoção.

Igualmente importante foram as afirmações de Kantor sobre o material de seu teatro; dos elementos puramente teatrais (não os aspectos plásticos ou literários) que compreendem a composição do espetáculo. Estes deveriam afetar o espectador tanto do ponto de vista emocional como intelectual, como uma obra dramática cujo texto não estivesse previamente fixado. Neste teatro, a representação é uma escultura viva — disse Kantor — comparando-o às moldagens de gesso dos vestígios descobertos entre as cinzas de Pompéia, onde em um minuto corpos humanos se petrificaram em seus movimentos consumidos pelas chamas. Isto está ligado à visão de seu próprio teatro que ele considera uma espécie de fotografia que, ao mesmo tempo, fixa um momento da vida do homem e mata-o, parando movimento e tempo. Assim, a composição do espetáculo é uma sucessão de cenas que se seguem, mas continuam autônomas e equivalentes. De certa maneira, uma seqüência de cortes no filme da vida.

Essa proposta de Kantor confirma a impressão suscitada pela percepção e análise de *A Classe Morta*, principalmente a de se estar na presença de uma obra teatral cuja maior parte dos componentes seria de uma obra literária que contudo não existe, sob o ponto de vista de obra dramática, como uma peça expressa em uma linguagem escrita constituída de palavras, frases e cenas. E que, ao mesmo tempo, apesar do caráter efêmero da arte dramática, enquanto gênero, pode funcionar na consciência — mesmo que através de uma documentação imperfeita — além da duração do próprio espetáculo,



graças ao impacto e à força de sua expressão semântica e emocional.

Na sua declaração, de grande importância histórica e teórica em si mesma, Kantor fez suas despedidas à Witkiewicz. Ele declarou que Witkiewicz, na qualidade de dramaturgo, não significava quase mais nada para o mundo moderno. Falando sobre o espetáculo que está preparando, sublinhou sua ruptura com a literatura em geral. Confessou que procurava um livro (um livro e não uma obra dramática) onde pudesse encontrar “a defesa contra o mundo contemporâneo”, mas não o encontrou. Foi então que começou ele próprio a criá-lo, falando de si aos outros, aos atores e aos espectadores de seu teatro.

Nesse momento seria oportuno dedicar algumas palavras à história e aos últimos estudos comparados de seu teatro, ao menos nesses últimos anos. Os anos 60 foram um período onde se cristalizou um modo de criação coletiva, um teatro sem literatura e sem palavras, onde apareceu a “escrita de cena”, a inversão do palco e da platéia, dos atores e dos espectadores, as tentativas de criação de um novo modo de atuar, o primado do fator emocional, o exibicionismo. Nesta época, como fez nos anos 40 e 50, Kantor prosseguiu nas suas próprias investigações, na sua própria pesquisa. Ele criou o teatro “informal”, o teatro “grau zero”, o “happening”. Só estas noções seriam suficientes para demonstrar as ligações constantes do teatro de Kantor com as artes plásticas. No correr dos anos 70, quando quase todo o teatro “novo” se desintegrou, e em consequência ultrapassou os limites do teatro, Kantor chegou através de seu “teatro impossível” ao que ele chamou de “teatro da morte”, o que eu chamaria hoje de “teatro da vida suspensa”.

Em 1975 aparece *A Classe Morta*. É um espetáculo onde o “drama”, no sentido clássico do termo, está ausente, mas onde o “teatro novo” também está ausente, onde palco e platéia estão nitidamente delimitados e onde se consegue uma extraordinária tensão emocional, um choque intelectual espantoso graças a um contraponto ininterrupto de pensamentos, gestos, signos, objetos, palavras e cenas, onde o que é comum e trivial aparece como grande e significativo, enquanto o que é sério e pretenso explode como um balão furado por uma agulha. *A Classe Morta* na sua concepção e na percepção que oferece nada tem de mágico, de ritualístico, guardando apenas a essência da obra de arte. Este espetáculo comporta também um papel excepcional, o do maestro, que não é outro senão o autor, o criador do espetáculo em

peessoa, que está ali presente, assim como o escritor na sua obra, quando se dirige diretamente ao leitor.

Uma vez mais, e talvez mais claramente que nunca, Kantor aparece como um verdadeiro artista de vanguarda. Ele criou um teatro novo, enraizado na literatura e nas artes plásticas do século XX, desafiando as tendências, as rupturas, as crises e as desilusões da vanguarda contemporânea. De acordo com o que disse sobre o espetáculo que prepara em Florença, espera-se que ele siga o mesmo caminho; ele não teme criar um espetáculo onde falará — com seus atores — de si mesmo.

Ainda não se pode julgar a importância da criação teatral de Kantor no teatro contemporâneo; mais uma vez provavelmente, ele nos surpreenderá com sua abordagem sempre nova desta arte. Seus Centros de Cracóvia e de Florença, que ele mesmo chamou de “bibliotecas”, depois de ter por muito tempo hesitado na escolha do termo, deverão ser um organismo vivo, não tendo nada em comum com um museu ou com arquivos. Eles têm por objetivo prolongar e desenvolver tudo que não deveria morrer com o fim do espetáculo. Pode-se acreditar que assim o farão.

É difícil superestimar a importância da criação desses ateliers, dessas “bibliotecas” teatrais. A atividade teatral de Kantor — desenvolvida com uma perseverança, determinação e continuidade dignas da mais alta estima, sempre à margem das grandes tendências e enfrentando toda espécie de problemas grandes e pequenos — vem enfim encontrar um amparo oficial e apoio financeiro, institucionalizando-se, de certa maneira. Kantor, como teve ocasião de dizer muitas vezes, teme esta institucionalização, mas saberá sem dúvida manejá-la e daí tirar vantagens e desenvolver esta nova experiência. Sobretudo porque, depois de quarenta anos de atividade, ele não quer nem mesmo ouvir falar do passado, falando somente do futuro.

(Extraído da revista “Le Théâtre en Pologne”, Varsóvia, Centre Polonais de L’Institut International du Théâtre et de L’Agence des Auteurs., 6 (262) : 3-4, junho de 1980. Tradução de Caminha Lira).



# ESTILO, CONVENÇÃO E INTERPRETAÇÃO

H. Morrison

O exame do estilo e da convenção teatral exige uma compreensão cuidadosa, porque essas qualidades são inseparáveis da interpretação. “Estilo” é um termo vago, que pode significar élan, opulência, e muitas vezes significa sofisticação. É também usado como um conjunto de rótulos convenientes para classificar as peças em tragédia, comédia, farsa, naturalismo, classicismo, etc. Sugere que cada peça possui uma qualidade intrínseca, uma estrutura e textura identificáveis, o que, utilizado de acordo com as regras, deve produzir um certo tipo de efeito. Isto é confundir estilo com convenção, o qual poderia ser identificado com uma modalidade, em conteúdo e caráter, com a qual a audiência está familiarizada. A convenção pressupõe uma compreensão, uma atitude tomada pela audiência. O estilo é uma questão mais detalhada e mais indefinível: talvez homogeneidade, certamente uma adequação sutil, uma exatidão na atuação. Consideremos a peça de Feydeau “A pulga atrás da orelha”. Esta farsa francesa pertence a uma tradição de comédia, e o que se pode esperar que aconteça são perigosas coincidências, trocas de identidade, personagens grotescos, um rápido e selvagem desenrolar da ação. Contudo, representá-la de maneira vigorosa e ampla mas exata não basta para dotá-la de estilo. O estilo nasce de algo mais profundo: os valores e paixões de seus personagens, suas atitudes no amor, romance, luxúria, costumes, respeitabilidade, honra, cavalheirismo e suas próprias auto-imagens.

Aqui, o estilo pode significar o *modus vivendi* dos personagens em conflito com seus desejos, suas maneiras precisas de buscar o melhor dos mundos, de afirmar sua respeitabilidade e moralidade e ao mesmo tempo “cair na farra”. Assim, o refinamento e o aspecto mais cômico da paixão parecem ser ingredientes essenciais, condicio-

nando o comportamento. Em contraste, *Look back in Anger* é uma peça dentro da convenção do realismo social em quase todos os aspectos naturalista. Os mínimos detalhes na representação e produção são fundamentalmente importantes: a sordidez de um pequeno apartamento miserável, roupas vestidas durante muito tempo e por muitas vezes, o choque inteiramente realista dos personagens com suas vidas e de uns com os outros. Isto não deve ser transformado numa metáfora didática, onde Jimmy e Alison simplesmente representam atitudes perante a vida: o estilo está na angústia de uma identificação, na absoluta verossimilhança.

## *Falsidade de estilo*

Uma má compreensão do conceito de estilo pode fazer com que os atores se esforcem por conseguir um efeito predominante às expensas da autenticidade. Por exemplo, por muitos anos as comédias de época da Restauração eram vistas como exhibições de humor e elegância acima de tudo, dedicando-se pouca atenção aos elementos realistas do mundo dos personagens. Isto é desviar a atenção dos temas centrais: sátira e zombaria da ganância e ambição, da paixão, da frivolidade e da vaidade, num mundo de roupas finas por cima de um interior sujo. Afetação e batidas de leques, saltos vermelhos e perucas não deveriam tornar-se fantasias para mestres suburbanos de gracejos. Shakespeare e os elizabetanos há muito são submetidos a um falso conceito, o qual refletia uma idéia vitoriana da virtude, do mal, do heroísmo e da história, boa declamação, mulheres românticas, uma maneira de falar viril e pseudo-heróica; os notáveis trabalhos de Peter Hall, Peter Brook e John Barton, na última década, fizeram maravilhas para restabelecer a harmonia. Naturalmente, a reação produziu alguns excessos, com o herói de hoje de óculos escuros e roupas Carnaby Street. Adornos superficiais não são estilo mas sim moda. Deve-se entender por estilo uma realidade artística, o meio de expressar a verdade dos personagens, sua significação, seu humor — uma simples definição de uma qualidade que é infinitamente difícil de conseguir!

## *Estilo, realidade e verdade*

Certamente, na busca de uma realidade artística, devemos fazer referência à nossa própria época e à da



peça. Os métodos de interpretação histórica refletem o que as pessoas esperam do teatro, independente do valor da peça propriamente dita, e podem mesmo estar agonizantes. Nosso método de lidar com o drama clássico é mais idiomático, mais coloquial no uso da entonação, da inflexão, excluindo expansão, retórica e um padrão de declamação excessivamente rítmico. Bernardo Miles experimentou métodos elizabetanos de representar, inclusive a pronúncia do século XVI, provando simplesmente que a questão era meramente de interesse acadêmico. Contudo, Ibsen ou Tchecov, tão mais próximos de nós, parecem beneficiar-se com uma fidelidade escrupulosa à época: a moral e atitudes cristãs do século XIX, conforme expressos na linguagem e conduta do Pastor Mander, são tão essenciais quanto sua psicologia básica.

Não podemos representar o homem pondo de lado seus trajes mentais, nem apresentar "Os Espectros" num cenário altamente abstrato. Os móveis, a arquitetura são o espírito da peça: os valores são afirmados ao se cobrir as pernas do piano.

Os dramaturgos nem sempre estão presos à questão do estilo, embora geralmente tentem seguir as convenções. Está no direito do artista experimentar, misturar, usar o método que mais lhe convier para expressar uma idéia especial, e tragédia e comédia, elegância e vulgaridade estão muitas vezes interligadas. A forma é secundária ao conteúdo, e variedade e vida são mais interessantes do que exatidão de estilo: consideremos o efeito provocado numa audiência inglesa por Racine representado nos moldes da Comédie Française: só o francês pode apreciar suas sutis insinuações. O estilo de época não é só as maneiras refinadas de um período, ou sua estética, mas sim os costumes e a filosofia dessa época, o equilíbrio deduzido a partir do texto: em resumo; até que ponto a realidade externa importa para a peça?

#### *Atitudes para com o drama sério*

O estilo, em peças mais sérias, é mais difícil de se definir. Muitas comédias requerem agilidade, leveza, uma habilidade técnica que brilha sobre vários pontos, ilumina-os intensamente e seguem em frente. Uma peça séria não pode ser representada só com técnica, nem pode ser transmitida unicamente através de uma profunda emoção.

A "tragédia" apresenta uma série de problemas, inclusive sonoridade de linguagem, diálogos sem autentici-

dade, auto-indulgência e enfadonha solenidade, e a crítica mais adversa parece resumir-se no tédio e no não-envolvimento, bem o oposto da purgação intelectual e moral de Aristóteles. As falhas na psicologia humana, as imperfeições e as trágicas conseqüências de credos e éticas são os aspectos da tragédia que interessam à audiência moderna. O pensamento contemporâneo parece dirigir-nos para os heróis estoicos e racionais. Porque podemos conhecer os protagonistas da tragédia em termos psicológicos, e assim entendê-los melhor, perdemos alguma parte de seu mistério, e o ator caminha na corda bamba entre a compaixão e o ridículo, entre o horror e a simples repulsa.

A linguagem poética pode ser tão "real" como a prosa? Em si, ela pode ter uma profundidade e lucidez ao descrever a experiência humana, que falta à linguagem realista. Um mau naturalismo lida apenas com o superficial e com o trivial, preocupado com um aparente realismo, aparência geral de realidade. A linguagem poética não é necessariamente em versos, mas sim de uma imagística elevada, ou de sentidos transmitidos com um estilo que estimula a imaginação; como uma forma de linguagem que se esforça para ser precisa e não obscura ou meramente factual, e por isso precisa de menos ornamentos do que a prosa. Um estilo simples, claro, permitirá que um texto elaboradamente trabalhado funcione, e um estilo de produção honesto e ordenado revelará as profundezas da peça. A tragédia torna-se obscura se sobrecarregada de muitos artifícios simbólicos ou psicológicos conscientes: se nos dispusermos a montar "Lear" como um caso geriátrico de demência senil, a peça perde seu poder de nos comover.

*Onde as convenções fundem-se: humor negro,  
tragédia "branca"*

Definições como "tragédia", "tragicomédia", "comédia", etc., tendem a ser rótulos bem enganadores, e não podem ser sempre aplicados. A prerrogativa de um bom dramaturgo é contar a história como sua imaginação a desenvolve e incluir os vários eventos tristes, grandiosos, comoventes, cômicos ou patéticos que podem ocorrer. Muito de cômico é apresentado em peças de implicações e conseqüências trágicas, e não somente para reduzir a tensão e proporcionar um alívio momentâneo. "The Revenger's Tragedy" considerada obra de Tourneur, faz continuamente uso da comédia escandalosa, ainda que



não seja uma sátira no gênero da "Revenge". Os acontecimentos dessa peça, a humanidade corrupta, o destino aterrador da maioria de seus personagens, são apresentados sarcasticamente: um estóico sorridente nos conta uma história cruel e nos desafia a ser sentimentais. Desafia as profundas motivações psicológicas. De fato, deve-se entender o que faz Lussurioso palpitar: sua característica mais marcante é que ele é um completo maníaco sexual, mas da maneira que é descrito, parece ser um cômico monstro. Seu irmão, em outra peça do mesmo período, é o lobisomem Ferdinand em "The Duchess of Malfi" de Webster: a diferença no estilo e na interpretação é que Webster viu seu tema com temor e horror e foi sensível à grande tragédia de Ferdinand; Tourneur viu Lussurioso como uma figura engraçada, um perigoso *show* à parte. Muito da sutileza de interpretação depende o nosso entendimento para com a atitude que o dramaturgo toma em relação a seu personagem e seu mundo. De todos os grandes dramaturgos, provavelmente somente Shaw decidiu resolver nossas dúvidas sobre os personagens de suas peças, e nos ajuda a compartilhar sua maneira de vê-las, descrevendo-os minuciosamente.

O *métier* de Tourneur pode ser descrito como Humor Negro, seus personagens, com excessão de Vindice, são bonecos depravados ou virtuosos, mais tipos do que pessoas, como seus nomes indicam (Castiza, ou Castidade, naturalmente uma mulher impregnada de virtude, ou Lussurioso, sensualidade ou luxúria). A peça ostenta uma vitalidade, uma energia sobre-humana, é algo como uma animada história em quadrinhos.

A tragédia exige acima de tudo a mais profunda reação emocional; o "humor negro" nos afeta chocando-nos; adotando uma atitude irreverente para com os assuntos sagrados, tratando dos atos e dos assuntos mais profundos e sérios com insensível frivolidade, como por exemplo o peripatético cadáver em "Loot" de Joe Orton. Pode-se descrever essa atitude dos dramaturgos para com eventos trágicos como a de sobreviventes: eles nunca se transcenderão a si mesmos, mas sobreviverão, entenderão e resistirão sem lamentar. A tragédia, na sua forma mais pura e simples, parece depender de dois elementos: alta veracidade da psicologia, revelação do lado mais sombrio do homem e imagens de uma inatingível beleza e per-

feição, o contraste entre Céu e Inferno. Na comédia é revelada a vida; na tragédia, o homem.

(Extraída de *Directing in the Theatre*, de H. Morrison, Ed. Pitman, 1978, tradução e adaptação de Carminha Lira).



# UMA CARTA PERDIDA de ION LUCA CARAGIALE

(Scrisoare pierduta)

Comédia em quatro atos

Pela primeira vez se publica a versão de uma das peças mais significativas de Ion Luca Caragiale, o grande dramaturgo romeno.

Acadêmico *post mortem*, seu retrato preside as deliberações da Academia da República Popular Romena. E não podia ser mais justa a designação, porque o realismo crítico de Caragiale denunciou, precisamente, os males de uma organização social infectada de feudalismo — desse feudalismo prolongado quase até os nossos dias.

Ion Luca Caragiale nasceu em 30 de janeiro de 1852, perto de Ploiesti, na aldeia de Haimanale e que hoje tem seu nome. Seu pai era administrador de bens eclesiásticos e seus tios Costake e Iorgu Caragiale foram atores reputados e, além disso, autores de várias peças teatrais. Caragiale fez seus estudos na escola primária e no liceu de Ploiesti, e logo decidiu adotar a profissão tradicional da família. Quis pois ser ator e, durante dois anos, seguiu em Bucareste, os cursos de declamação e mímica de seu tio Costake.

Mas, em 1870, por morte de seu pai, se viu obrigado a trabalhar duramente para enfrentar as necessidades de sua família. Começou, então uma vida de preocupações e privações enormes e essa situação se manteve até mesmo depois de haver merecido a consideração do público. Desempenhou os ofícios mais surpreendentes: “ponto” de teatro, copista, revisor de provas, periodista, inspetor escolar, empregado nos monopólios estatais, editor de periódicos humorísticos, tradutor, diretor de teatros, dono de uma cervejaria, gerente de um restaurante, etc.

Acolhido com ódio pelos representantes da cultura oficial de seu tempo — que viam nele um denunciador implacável da hipocrisia e dos falsos valores — o grande

escritor decidiu suportar toda sorte de inquietudes e enfrentar uma luta cotidiana contra a miséria.

Caragiale praticou quase todos os gêneros literários: teatro, ensaios, contos, lendas, verso e crítica literária. Na primeira etapa de sua carreira, até 1890, escreveu, preferentemente, peças teatrais. À essa época pertencem suas célebres comédias “Uma Noite Tormentosa” (1878), “D. Leônidas frente à reação” (1879), e “Uma Carta Perdida” (1884). O drama em dois atos “A vingança”, em 1890, encerra por assim dizer, sua brilhante atividade de dramaturgo. Por esses mesmos anos publicou dois dos seus relatos mais conhecidos: “Um Círio de Páscoa” (cristã) e “Pecado”.

Durante os dez anos seguintes escreveu grande número de ensaios e relatos. Desse tempo data seu célebre volume de “Ensaio”, a maior parte dos quais haviam aparecido, primeiramente, em uma revista satírica.

A atitude de Caragiale ante os principais problemas de sua época se reflete, também em seus numerosos artigos, seus estudos críticos, suas paródias e suas fábulas, que constituem uma sátira da vida social e política e revelam uma cordial simpatia pelos oprimidos. Mas as páginas mais emocionantes, onde dá livre curso a seu amor pelo povo e sua cólera contra os opressores, são as que escreveu por ocasião dos sangrentos episódios de 1907, quando estalaram em todo país as revoltas dos camponeses contra a insaciável avidez dos opressores — os fazendeiros donos das terras. O panfleto intitulado “1907 — da primavera ao outono” é uma das mais vibrantes atas de acusação contra as antigas classes dominantes que reprimiram, a sangue e fogo, os protestos camponeses.

Caragiale nunca recebeu recompensas oficiais, não obstante a difusão e a qualidade de sua obra. Em 1891, já de plena posse de seu talento — havia estreado suas comédias, e publicado alguns dos seus relatos mais conhecidos — apresentou seu livro “Teatro”, para o prêmio da academia. Não obstante, só obteve quatro votos; vinte acadêmicos se opuseram a que lhe fosse concedida a recompensa. O certo é que Demétrio Sturza, o chefe do Partido Liberal, havia pronunciado contra ele um discurso violento: “Um artista, um poeta, não deve tomar os elementos piores da sociedade para apresentá-los como tipos a imitar, ou para caracterizar a sua nação e a qual se infama desta maneira e faz perder ilusões e esperanças.”

Esta desconsideração por sua obra, ao lado de outros males que deveria suportar — dificuldades materiais,



humilhações e perseguições de personagens oficiais de sua época — contribuiu em sua decisão de expatriar-se e estabelecer-se em Berlim: ali viveu desde 1904 até o fim de seus dias (1912).

Mas esse exílio voluntário não significava que o escritor se desinteressara pelos acontecimentos da pátria abandonada. O sabor e o vigor de sua obra haviam provindo de seu caráter popular; não podia se afastar agora das preocupações e das lutas de seu povo. A correspondência de Caragiale, e tudo quanto fez e escreveu durante esse tempo provam que seguia com paixão a situação política de sua pátria. Nesse sentido é eloqüente a já mencionada posição que adotou frente aos episódios de 1907.

A obra de Caragiale não só expressa sua compreensão da época mas também pinta, com traços incisivos, a monstruosidade de uma sociedade baseada na opressão e na exploração. Sua extraordinária força crítica aparece já em “Uma noite tormentosa”. O escritor desnuda ali, o verdadeiro caráter da burguesia que, ainda que tendo atraído os princípios de 1848, segue usando a fraseologia revolucionária. O contraste entre o que era a sociedade de 1880 e o que pretendia ser, a tornava tão grotesca como repugnante.

A sátira contra as classes dominantes prossegue e alcança seu apogeu em “Uma carta perdida”, uma das obras-primas do teatro romeno. A sátira já não se dirige somente ao regime de cruel opressão, mas também alcança a coalizão mesma das classes dominantes. E assim se revela tudo quanto se ocultava por detrás da pretendida luta política entre os dois partidos — Liberal e Conservador — alternadamente no poder, a identidade de suas posições, a tragicomédia parlamentar do regime quase feudal. O governo, a alta sociedade, seus costumes corrompidos e sua dourada ociosidade eram indubitavelmente grotescos, mas, não obstante essa aparência ridícula, as realidades que Caragiale revelava eram trágicas. Grotesco e trágico eram o fato de que o governo se assegurasse da vitória eleitoral por meio do terror, da fraude e da mentira, tão grotesco e tão trágico como o fato de que os “representantes do povo” eram recrutados entre indivíduos da clã de Dandanake, o “maestro cantor” de “Uma carta perdida”, cujo silêncio se compra com um mandato de deputado. Mas, particularmente significativa — e ela mostra toda a agudeza da crítica de Caragiale — é a circunstância de que a luta ali descrita não gira em torno da eleição, propriamente dita, mas da designação

do candidato governamental, o qual, com o apoio do partido situado no poder, pode considerar-se, a justo título, como o eleito. Da eleição se encarregam o comissário Pristanda e seus esbirros...

A maneira de se expressar de Caragiale é muito diferente quando descreve a vida laboriosa e difícil dos camponeses. Quando o grande escritor apresenta tipos honrados, caracteres retos e resolutos que sofrem sob o peso da exploração — quer dizer, homens de um mundo completamente oposto aos de suas comédias satíricas — toda a atmosfera de seus escritos muda: o sarcasmo cede seu lugar a um tom grave e a ironia ferina à uma calorosa simpatia.

Mas a nota distinta de Caragiale é ter urdido um espelho implacável que refletia, em sua total decadência, os vícios do regime “verdadeiramente constitucional”, segundo exclama o comissário Pristanda no final de “Uma carta perdida”, como suprema e acerba ironia sobre a farsa montada pelos dirigentes da época. As suas sátiras não eram, pois, sem finalidade, “comicidade pura”, como pretendiam alguns críticos esteticistas; eram sim, uma tomada de consciência frente à realidade.

Mas a virtude de sua arte, a grandeza de seu talento criador, faz com que sua obra não só valha para seu tempo, mas também para a sociedade gerada por uma ordem social semelhante, em todos os tempos e em todos os países. Por isso, sua potência de vida, sua frescura, seu sabor, se mantiveram intactos até os nossos dias. E é isso, que o público de qualquer país poderá, com esta comédia admirável, perceber.

---

*Hector P. Agosti*



## "ROMENAS GERAIS"

Além do que foi dito acima por Hector P. Agosti para a apresentação do autor quando da tradução do texto para o espanhol, gostaríamos de acrescentar umas poucas palavras para ressaltar a "brasileiridade" de *A Carta Perdida* (ou talvez fosse melhor dizer: a universalidade das facetas e falsetas do jogo político).

Quando o tradutor para o português nos enviou o texto sugerindo uma possível adaptação para, por exemplo, o interior de Minas, achamos *a priori* — antes de lê-lo — que isso seria impossível, idéia mesmo de brasileiro que mora há muitos anos em Bucareste e que esqueceu o passado "nativo". Imagine, o que poderia haver de comum entre as realidades político-sociais dos interiores de Brasil e Romênia, além das mesmas parcas e remotas origens latinas?

Bem, embora não tenhamos procedido à adaptação sugerida — os personagens continuam com seus nomes originais e a ação se passa em um pequeno distrito romeno no ano de 1883—, realmente, ficamos perplexos (melhor dizer, despencamos de perplexidade) diante da inequívoca sensação de estar em contato com um texto que poderia muito bem estar assinado por Martins Pena ou — mais ainda — por França Júnior!

O humor de Caragiale, sua percepção ferina, sutil, insinuantemente amarga — sem perder uma deliciosa ingenuidade — quando colocados a serviço de uma crítica dos costumes e da realidade de uma corrupta política pseudoliberal, nos soam dolorosamente familiares. Impossível impedir que em nossas mentes ecoem durante a leitura da peça comparações, reconhecimentos, *dejá-vus* e a constante convicção de que isso pode e deve ter acontecido aqui há alguns anos atrás! (Alguns anos atrás? Bem, a gente espera que pelo menos *hoje* isso não aconteça mais, certo?)

Com relação às soluções, Caragiale simplesmente não as aponta. Limita-se a semifarsescamente pintar o retrato da sociedade em que viveu, com seus casamentos hipócritas, as falsas uniões e lealdades e o baixo nível dos que faziam política, onde o lema "os meios justificam os fins" constituía-se na suprema palavra de ordem.

É delicioso também constatar que o único personagem verdadeiramente honesto está "fora da realidade". Tanto no sentido de não compreender o que se passa à sua volta, nas reviravoltas sem sentido em torno da escolha do candidato ideal, como no fato de ele estar bêbado em horário integral, do início ao fim da ação; além de estar constantemente enojado — e aqui também há um duplo sentido: se ele não estivesse bêbado, seguramente que sendo honesto estaria se sentindo enojado das barbaridades perpetradas à sua volta.

Mas afinal, talvez nem devêssemos cobrar soluções do autor: uma comédia típica não se define mesmo por apenas se propor a divertir, fazer rir e a ter um final feliz? Como já dissera Shaw: "Se você não consegue livrar-se do esqueleto da família, pode muito bem fazê-lo dançar..."

E *A Carta Perdida* pode muito bem "dar samba". Adaptação feita, alguns cortes aqui e ali e têm-se à mão um bom produto brasileiro, tipo exportação.

Divirtam-se com os achados de *A Carta Perdida*.



# UMA CARTA PERDIDA

De I. L. CARAGIALE

Tradução: Fernando Jablonski

## PERSONAGENS:

STEFAN TIPATESCU, Intendente do departamento.

AGAMENON DANDANAKE, veterano de 1848.

ZAHARIA TRAHANAKE, presidente do comitê permanente, do comitê eleitoral, do comitê escolar, da comissão agrícola e de outros comitês e comissões.

TAKE FARFURIDI, advogado, membro dos mesmos comitês e comissões.

IORDAKE BRANZOVENESCU, idem.

NAÉ CATZAVENCO, advogado, diretor-proprietário do periódico: "O Grito dos Cárpatos", presidente fundador da Sociedade Enciclopédica Cooperativa "A Aurora Econômica Romêna".

IONESCU, mestre, colaborador do mesmo periódico e membro da mesma sociedade.

POPESCU, mestre, idem.

GHITZA PRISTANDA, comissário de polícia.

UM CIDADÃO, bêbado.

ZOÉ TRAHANAKE, mulher de Zaharia Trahanake.

UM CRIADO.

ELEITORES, CIDADÃOS E PÚBLICO.

Na capital de um departamento campestre, no ano de 1883.

## ATO I

*Um salão bem mobiliado. Ao fundo, uma porta enquadrada por duas grandes janelas. À direita, em segundo plano, outra porta; à esquerda, em primeiro plano, um sofá e uma poltrona.*

## CENA I

*Tipatescu, um pouco agitado, vai de um extremo a outro, com o "O Grito dos Cárpatos" nas mãos; está em trajas caseiros. Pristanda, de pé, um pouco mais para o fundo, se apóia em seu sabre.*

TIPATESCU (*terminando de ler uma frase do jornal*) — "...Vergonha para nossa cidade que assim treme diante de um homem!... Vergonha ao governo desnaturado que abandona um dos mais belos departamentos da Romênia às garras de um vampiro!..." (*indignado*) Eu vampiro, eu? Grotesco!

PRISTANDA (*no mesmo tom*) — Verdadeiramente grotesco!... Perdão, permita que lhe pergunte, Sr. Fanica, mas... um bampiro\*... que é um bampiro?

TIPAT. — Um vampiro é um... é alguém que suga o sangue do povo... Eu, entende, eu sugo o sangue do povo!

PRIST. — O senhor suga o sangue do povo?... Uh lá lá!

TIPAT. — Miserável!

PRIST. — Verdadeiramente miserável!

TIPAT. — Uma sujeira!

PRIST. — Verdadeiramente uma sujeira!

TIPAT. — Ah, mas nós não o elegeremos.

PRIST. — Não o elegeremos!

TIPAT. — Apesar de sua corja de pedantes, apesar dessa farsa de sociedade, que é a sua, ele não terá chance. Que me cortem a cabeça!

PRIST. — A mim também!

TIPAT. — Bom, sigamos. Deixemo-lo ladrar como um cachorro!

PRIST. — Verdadeiramente, como um cachorro!

TIPAT. — Você dizia que ontem à noite... (*senta-se*).

PRIST. — Como eu ia dizendo, Senhor Fanica (*aproxima-se*), ontem à noite eu sentia um pouco de sono depois do jantar, como sempre acontece em nossa profissão... porque o senhor bem sabe que um pobre diabo de comissário não tem, como os demais cristãos, suas horas para comer, nem para beber, sem falar em deitar ou levantar...

TIPAT. — Assim é...

PRIST. — E no que me diz respeito, Sr. Fanica, para servir ao senhor! Não é por nada não... mas é bem duro! Família numerosa, renumeração\* pequena, de acordo com o orçamento do Estado! Pois é, Sr. Fanica! Por isso minha mulher me diz: "Você podia pedir ao Sr. Prefeito que te aumentasse um pouco, por que assim nós não pode continuar..." Nove garotos, Sr. Fanica, para vos servir! Nenhum de menos... O Estado não tem idéia do que faz um homem em sua casa, ele só olha a folha de serviços. Mas, diga-me senhor! Nove garotos e cinco mil cruzeiros por mês... família numerosa, renumeração pequena, segundo o orçamento do Estado!

(\*) textual — Bampiro.

(\*) textual — renumeração.



TIPAT. (*sorrindo*) — Não digo que não. Segundo o orçamento, ela é pequena, de acordo. Mas você não é tão estúpido, não nasceu ontem, te arranjas bem entre uma e outra coisa, não? Sempre se morde alguma coisa... sabemos muitas coisas!

PRIST. — O senhor sabe? Como é que o senhor sabe, Sr. Fanica? Mas também... Como não ia o senhor saber.

TIPAT. — Não me irrita por isso, desde que você saiba se conduzir; gosto que o funcionário a meu serviço o seja de todo o coração... e quando se é um homem de confiança...

PRIST. — De confiança, Sr. Fanica. Para vos servir!

TIPAT. — Eu não observo de tão perto, ele pode muito bem se beneficiar de um tostão ou outro... sobretudo se ele tem família numerosa.

PRIST. — Nove almas, Sr. Fanica, que Deus me livre!

TIPAT. — Vamos, vamos, Ghitza, e com as bandeiras de anteontem não perdeu tempo, não é assim? Tua nota será bem salgada, hein?

PRIST. (*apanhado desprevenido, começa a rir*) — Bem salgada! (*respondendo ingenuamente*) Quer dizer, eh! Como salgada, Sr. Fanica?

TIPAT. — O comitê pagou ao agiota uma fatura por quarenta e quatro bandeiras...

PRIST. (*ingênuo*) — Sim...

TIPAT. — E como? Foram exatamente quarenta e quatro bandeiras colocadas?

PRIST. — Foram colocadas, Sr. Fanica, foram colocadas... Pode ser que o vento tenha derrubado uma ou duas... mas que foram colocadas, ah isso foram...

TIPAT. — Quarenta e quatro?

PRIST. — Quarenta e quatro, uma por uma, Sr. Fanica.

TIPAT. (*rindo*) — Não me faça rir, Ghitza. Como se eu não tivesse passeado por toda a cidade, de carro, com Zoé e o Sr. Zaharia, na noite da iluminação! Foi justamente ela, astuta como é, que falou: "Que tal se nós contássemos as bandeiras de Ghitza?"

PRIST. (*entristecido*) — Me entristece por ter sido ela, D. Zoé, logo ela... de quem enfim eu esperava um pouco de proteção...

TIPAT. — Vejamos, ela não o disse por mal, foi só para se divertir. Ela bem sabe, e o Sr. Zaharia também, que você é o nosso homem...

PRIST. — Seu homem, Sr. Fanica, e da Sra. Zoé, e do Sr. Zaharia... Bom, e então, vocês as contaram? Sr. Fanica, hein? Estava bem, não? Quarenta e quatro...

TIPAT. — Digamos quatorze... ou quinze.

PRIST. — Vamos contá-las, Sr. Fanica, vamos contá-las: duas na Prefeitura...

TIPAT. — Duas...

PRIST. — Duas na Praça 11 de fevereiro...

TIPAT. — Quatro...

PRIST. (*esforçando-se por lembrar*) — Duas na Municipalidade...

TIPAT. — Seis.

PRIST. (*mesmo jogo*) — Uma na Escola dos Rapazes...

TIPAT. — Sete...

PRIST. — Uma... na Escola das Moças...

TIPAT. — Oito...

PRIST. — Uma no hospital...

TIPAT. — Nove...

PRIST. — Duas... na Catedral\* de São Nicolau.

(\*) textual — catedral.

TIPAT. — Onze...

PRIST. — Duas na Prefeitura... quatorze...

TIPAT. (*rindo*) — As da Prefeitura você já contou.

PRIST. — Qual nada, Sr. Fanica (*rápido e de um só fôlego*) Duas na Municipalidade, dezoito; quatro nas escolas, vinte e quatro; duas na Catedral de São Nicolau, trinta...

TIPAT. (*rindo*) — Já contou todas elas e, além disso, você se engana na soma.

PRIST. — Deus me livre, Sr. Fanica! Quarenta e quatro, uma por uma, quarenta e quatro... Não digo que uma ou duas... pode ser... um golpe de vento... ou quem sabe...

TIPAT. (*rindo*) — É a mim que quer enganar, eh?

PRIST. (*mudando rapidamente de tom, humilde e ingênuo*) — Família numerosa, renumeração pequena, segundo o orçamento...

TIPAT. (*olhando para o seu relógio*) — Está bem, Ghitza, deixemos a estória das bandeiras...

PRIST. — Sim, deixemo-la verdadeiramente, Sr. Fanica...

TIPAT. — Conte-me esta estória de ontem à noite, pois estou curioso.

PRIST. — Tem razão, Sr. Fanica. Ontem à noite pois, lá pelas dez e meia, volto para casa, como alguma coisa e me encosto para cochilar um pouquinho, porque estava morto de cansaço depois do incêndio. Minha mulher, desculpe-me as palavras, me diz: "Tira a roupa Ghitza e deita." Mas eu, jamais. Diante do dever, Senhor Fanica, o dever noite e dia. Então, me levanto lá pela meia-noite, deixo o meu uniforme e o quépi, me traço em civil e saio para cumprir o meu dever, Sr. Fanica. Até eu ficar



pronto, já está mais ou menos em volta de uma hora da manhã. Tomo por detrás da Municipalidade e atravesso o terreno baldio para sair na barreira da União. Ao passar, vi luz na casa de Naé Catzavenco nas janelas de trás, abertas de par em par. A paliçada é alta e escalando-a, pode-se entrar na casa pela janela. E eu, que só penso no meu serviço, que idéia me atravessou pela cabeça! Disse a mim mesmo: vamos, se eu descobrisse qualquer coisa a respeito, até que não seria mal... e, suavemente como um gato, subi na paliçada e agucei os ouvidos: ouvia e via tal como o vejo e ouço, Sr. Fanica, como se estivéssemos no teatro.

TIPAT. (*com interesse*) — E depois?

PRIST. — Jogavam cartas.

TIPAT. — Quem estava lá?

PRIST. — Ora, que pergunta! Quem havia de estar, os de sempre: Ionescu, Popescu, o padre Pripitch...

TIPAT. — O padre também?

PRIST. — Sim, o padre, e o Sr. Takitza e Petrouch e Zapisesco, enfim o bando completo. A partida estava quase terminando... e havia tanta fumaça que saía pela janela como uma chaminé. O padre e Petrouch jogavam ainda; os outros conversavam.

TIPAT. — E Catzavenco me dirigia todas as injúrias?

PRIST. — E como, Sr. Fanica! Ao governo e ao senhor... e ele contava seus votos.

TIPAT. — Os pedantes vaidosos, o padre e os demais incapazes, fracasados!

PRIST. — Verdadeiramente fracasados!

TIPAT. — Espera, que já lhes darei votos...

PRIST. — Um momento, o senhor vai ver só o que aconteceu... Sr. Fanica. Falando de uma coisa e de outra, Catzavenco disse: “Aposto que votará por nós alguém com quem vocês nem sonham, um daqueles com os quais o bampiro... — perdão, ele sempre o chamava de bampiro — com quem o bampiro conta como se conta com Deus... e quando tivermos esse, teremos todos... Escutem, pois, esta carta”... e tira um bilhete da sua carteira... “Escutem só...” Mas, nesse momento, o diabo do padre, que não podia ficar quieto, planta seu jogo e diz: “Que eu seja condenado às penas do inferno, Naé, meu anjo. Pára! Não leia ainda... eu também quero escutar... deixe-me acender somente meu cigarro...” E, Sr. Fanica, ele se levanta da mesa de jogo, acende um palito de fósforo, tira uma baforada e vem jogar o fósforo queimado pela janela, bem diante dos meus olhos. Fiz um movimento para trás, perdi o equilíbrio sobre a paliçada e caí justo sobre um imbecil que talvez passasse por ali ou estivesse agachado junto à paliçada. O imbecil se pôs a gritar, todos acorreram à janela; eu, apenas caí, levantei rapidamente, escoreguei ao longo da paliçada e me escondi no pátio da Municipalidade.

TIPAT. (*interessando-se pelo relato*) — E então?

PRIST. — Voltei logo depois, como bem o senhor pode supor, mas eles haviam fechado as janelas e corrido as cortinas.

TIPAT. — E, de que se tratava? Que carta? Não entendo nada... Ghitza, devo ir almoçar; não posso fazer esperar o Sr. Zaharia e Zoé. Jamais

eles almoçam sem mim e o Sr. Zaharia não sai antes de comer. E, sobretudo, impaciente como é Zoé.

PRIST. — Quais são as suas ordens, Sr. Fanica?

TIPAT. — Trata de saber que estória é essa de carta e de que se trata.

PRIST. — Entendido, Sr. Fanica.

TIPAT. — Conviria esclarecer essa estória — não que eu tema as intrigas estúpidas de Catzavenco — mas não seria nada mal se o tornássemos inofensivos por completo e depois ajustássemos contas com esse honradíssimo senhor.

PRIST. — Ajustássemos as contas, verdadeiramente!

TIPAT. — Espera um momento que já troco de roupa; sairemos juntos, tenho ainda algo pra te dizer.

PRIST. — Não saio daqui, Sr. Fanica. (*Tipatescu sai pela esquerda.*)

## CENA II

*Pristanda, só.*

PRIST. — Lindo ofício esse de comissário... E o Sr. Fanica e D. Zoé que não fazem outra coisa senão contar minhas bandeiras... Bem que tem razão minha pobre mulher quando diz: “Ghitza, Ghitza, lamba-lhes as botas e limpe-lhes os traseiros, porque os satisfeitos não morrem de fome...” Verdadeiramente é assim! Aí está o Sr. Fanica, para não ir mais longe: o que é que ele não tem? Tem terras, e que terras! Um emprego, e que emprego! Uma Senhora Zoé, e que Senhora Zoé! Vive muito tranqüilo, palavra! com o dinheiro de Trahanake... (*Contendo-se*) do velhinho... Mas eu, família numerosa, renumeração pequena, de acordo com o orçamento... (*Senta-se numa cadeira à parte.*)



CENA III

Zaharia, Trahanake, Ghitza Pristanda,  
depois Tipatescu e Zoé.

TRAHANAKE (*entrando pela porta do fundo sem se aperceber de Ghitza que se levanta bruscamente, à sua chegada. Trahanake está agitado.*) — Ah! Que sociedade corrompida!... Já não há mais moral, já não há mais princípios, mais nada: o interesse e nada mais que o interesse... Tem muita razão meu filho, o estudante, em sua carta de anteontem: é muito jovem talvez, mas sério e maduro; ele diz: “Papai, onde não há moral, há corrupção, e uma sociedade sem princípios quer dizer que não os tem”... Que covardia, meus amigos, que infâmia. Você estava aí, Ghitza? (*Domina-se.*)

PRIST. — Aqui, para vos servir, Sr. Zaharia.

TRAHAN. — Fânica saiu?

PRIST. — Não, Sr. Zaharia, ele vem logo, momentaneamente (*sic*) ele está ao lado... Olhe, aí está o Sr. Fânica...

TIPAT. (*entrando pela esquerda, de chapéu e em traje de rua, fica surpreso ao ver Trahanake.*) É você, meu caro Zaharia! Não é possível! Saiu antes do almoço? Que é que está acontecendo?

TRAHAN. — Uma comédia, Fânica, uma estória muito engraçada. Espera que eu te conte. (*Ele lhe faz sinal para mandar Pristanda sair.*)

PRIST. (*rápido*) — Alguma outra ordem, Sr. Fânica?

TIPAT. — Não... E não esqueças o que te disse. É preciso esclarecer esse assunto o mais breve possível.

PRIST. — Entendido.

TIPAT. — É muito longo o que tens a me contar, meu caro Zaharia? Não me pode contar à mesa?

TRAHAN. — Um pouquinho de paciência... Zoé não deve saber de nada... Uma estória muito engraçada, Fânica! (*Senta-se no sofá, de frente para o público.*)

TIPAT. (*olhando as horas*) — Então, Ghitza, passa em casa do Sr. Zaharia e diz a Sra. Zoé — não está certo, Zaharia? — que tenha a bondade de não incomodar-se, que nos atrasamos um pouco para o almoço... temos que falar de política, conversa entre homens.

PRIST. — Compreendido, Sr. Fânica! (*Ele se dirige para a porta do fundo. Tipatescu se volta para Trahanake e desce. Quando Pristanda se prepara para sair, a porta da direita se entreabre; Zoé mete a cabeça pela porta entreaberta e chama Pristanda: “psst, psst”, e torna a fechar a porta apressadamente. Tipatescu se volta e vê Pristanda perto da porta da direita.*)

TIPAT. — Eh? Onde vai?

PRIST. (*fazendo sinal para que ele se cale e apontando para Trahanake*) — Onde o senhor me mandou, Sr. Fânica.

TIPAT. (*sem entender*) — Por que não sai pela porta da frente?

PRIST. (*que continua fazendo sinais*) — Sim, pela frente. (*Ele vai em direção à porta do fundo. Tipatescu se volta para Trahanake. O jogo de Zoé se repete. Tipatescu se volta novamente e Ghitza, ganha de novo a porta da direita e sai precipitadamente. Tipatescu, sem compreender, encolhe os ombros, desce e senta-se numa poltrona ao lado de Trahanake.*)

CENA IV

Tipatescu, Trahanake.

TIPAT. — Então, meu caro Zaharia, o que há? Diga depressa, você está com um aspecto meio...

TRAHAN. — Um pouquinho de paciência, escuta... Esta manhã, por volta de oito e meia — eu nem sequer havia tomado o meu café — o criado entra em meu quarto e me traz um bilhete e me diz que esperam a resposta... E de quem era o bilhete?

TIPAT. — De quem?

TRAHAN. — Do honradíssimo Senhor Naé Catzavenco.

TIPAT. — De Catzavenco?

TRAHAN. — Eu disse a mim mesmo: que tenho eu de comum com Catzavenco ou ele comigo? Absolutamente nada ou melhor, se considerarmos nossos princípios, poderemos dizer que é exatamente o contrário.

TIPAT. — Naturalmente... E então?

TRAHAN. — Espera, já verá. (*Ele tira um bilhete do bolso e estende à Tipatescu.*)

TIPAT. (*apanhando o bilhete e lendo*) — “Ao venerável Sr. Zaharia Trahanake: presidente do comitê permanente, do comitê escolar, do comitê eleitoral, da comissão agrícola e de outros comitês e comissões... (*tira o papel do envelope*) Venerável senhor presidente, no interesse de vossa honra de cidadão e de pai de família, nós vos pedimos passar, hoje, entre nove e dez horas da manhã, nos escritórios de “O Grito dos Cárpatos” e sede da Sociedade Enciclopédica Cooperativa “A Aurora Econômica Romena”, onde lhe será dado conhecimento de um documento da mais alta importância para o senhor... Vosso devotado Catzavenco, diretor-pro-



prietário do jornal “O Grito dos Cárpatos”, presidente fundador da Sociedade Enciclopédica Cooperativa “A Aurora Econômica Romena”... Bem, de que documento se trata?

TRAHAN. — Um pouquinho de paciência! Espera e verá... Pensei: não vou... vou... não vou... bah, irei só por curiosidade para ver que suja invenção ele pode tramar ainda. Me visto rápido, Fanica e vou lá.

TIPAT. — Foi ver Catzavenco?

TRAHAN. — Espere e verá... sim, fui ver Catzavenco. Mal entro, ele se levanta com respeito e me oferece uma poltrona. “Meu honradíssimo” para aqui, “Meu honradíssimo”, para acolá. “Lamento”, me diz “que nossas relações sejam tão frias, porque sempre tenho vos considerado como a pessoa mais notável de nosso departamento”... enfim, toda sorte de amabilidades. Eu, sério, lhe digo: “Honrado senhor, o senhor me chamou para mostrar-me um documento, mostre-me logo esse documento”. Ele diz “Tenho medo que seja um golpe demasiado forte para o senhor, e eu deveria tê-lo preparado de antemão, logo vós, um homem tão isto e tão aquilo...” e novamente mil delicadezas... E eu, seco: “Senhor, um pouquinho de paciência, o documento...” É ele, de novo: “Que quer o senhor, as mulheres...” “Já viu onde ele queria chegar, o indecente! Pobre Zoé! Sobretudo, não lhe diga nada, hein? É preciso que não saiba! Sensível como é!...

TIPAT. — Como? Ele ousou? O miserável! (*Ele se levanta, perturbado.*)

TRAHAN (*contendo-o*) — Espera, você vai ver! “...que quer o senhor, as mulheres”, disse-me ele, “nem sempre compreendem as qualidades morais, os méritos de seus maridos e o respeito, como diria, que elas lhe de-

vem...” Enfim (*Tipatescu salta*) por que hesitar? Decidi-me pô-lo entre a espada e a parede e disse-lhe: “Escute-me, honrado, um pouquinho de paciência: o documento!”; e quando ele viu, o crápula, que nada mais podia fazer, me mostra uma pequena carta... Adivinha de quem e para quem?

TIPAT. (*dominando a muito custo sua emoção*) — De quem? De quem, Zaharia?

TRAHAN. — Espere e verá. (*Destacando bem as palavras e rindo*) De você para a minha mulher, Zoé: uma carta de amor como manda o figurino... Eh? Que me diz disso?

TIPAT. (*muito perturbado*) — Não é possível, não é possível!

TRAHAN. — Bom, eu a li pelo menos umas dez vezes; até já a sei de cor! Escuta: “Minha querida Zoé: o venerável (quer dizer, eu) vai essa noite à reunião (a reunião de anteontem à noite). Eu (quer dizer, você), devo permanecer em casa porque chegaram uns despachos de Bucareste aos quais devo responder imediatamente; é mesmo possível que o ministro me chame ao telégrafo. Não me espere portanto, e vem você (quer dizer, Zoé, minha mulher) para junto de teu pombinho (quer dizer, você) e que te adora, como sempre, e te beija mil vezes, Fanica...” (*Ele olha demoradamente Tipatescu, que está no auge de agitação.*)

TIPAT. (*passando de um lado para outro, furioso*) — Impossível! Torcerei o pescoço daquele miserável! Não é possível!

TRAHAN. (*tranqüilo*) — Claro que não é possível; mas, como se pode imaginar semelhante infâmia! (*Com doçura*) Não digo que não, meu caro; compreendo que se pode caluniar até

certo ponto, mas assim já é demais, passa dos limites... Oh, Fanica, se estivesse lá teria visto como foste imitado! Teria jurado que era a tua própria letra! (*Parando e olhando Tipatescu, que passeia de um lado para outro com os punhos cerrados, espantado e preocupado*) Mas, olha só do que é capaz um sujeito de mau caráter! Vamos amigo, deixe-o, que diabo! Chama-o de canalha, sem vergonha e pronto, acabou-se; para que se irritar dessa maneira? Assim é o mundo, nada podemos fazer e não seremos nós que vamos mudá-lo! Quem pode saber até onde pode chegar a canalhice dos homens?

TIPAT. (*mesmo jogo*) — Miserável!

TRAHAN. — Vamos, meu caro, um pouquinho de paciência. Você dirá a ele o que eu já lhe disse: “O senhor é muito astuto em maquiavelismo, honradíssimo senhor, muito astuto mesmo, tenho que reconhecê-lo; mas, desta vez, errou o pulo...” Então, quando ele viu que o assunto não era de meu interesse, sabe o que ele fez? Me disse que se eu não desse importância à coisa, o público daria, pois a carta seria publicada no domingo em seu jornal e em um recanto bem visível para que todo mundo pudesse lê-la.

TIPAT. (*furibundo*) — Eu o mato! Eu o estrangulo! Tragam-no aqui, morto ou vivo, com a carta! (*Precipita-se para o fundo*) Ghitza! Ghitza! Chamem o comissário!

TRAHAN. (*seguindo-o até a porta*) — Um pouquinho de paciência... (*voltando-se para o público*) Ele tem um gênio muito forte! Precisa de muita ponderação! Contudo é um bom rapaz, inteligente, instruído, mas de gênio violento e isso é ruim para um prefeito. Numa sociedade sem moral



e sem princípios... é preciso também ter um pouco de diplomacia!

TIPAT. (*voltando do fundo*) — In-fame! Canalha!

TRAHAN. — Fique calmo, meu amigo, vamos, deixemos de lado essas bagatelas, devemos falar de coisas mais sérias. Esta noite há reunião. Proporemos a candidatura de Farfuridi. Soube que Catzavenco com todos os seus mestrinhos de aldeia e toda a sua corja, quer fazer um escândalo esta noite. Teremos que avisar Ghitza para que esteja atento. Esse miserável do Catzavenco tomará a palavra, esta noite, para nos atacar...

TIPAT. (*sempre encolerizado*) — Nada tema, meu caro Zaharia, esta noite o Sr. Catzavenco não estará na reunião. Estará alhures...

TRAHAN. — Então, vem almoçar?

TIPAT. — Não, meu caro Zaharia, muito obrigado; tenho muito que fazer. Vai sozinho; minhas lembranças à Sra. Zoé.

TRAHAN. — Está bem, mas te espero para o jantar, sem falta. Irei esta noite à reunião, assim é preciso que faça companhia a Zoé, pois a pobrezinha fica entediada por estar só. Depois da reunião jogaremos cartas...

TIPAT. (*aturdido*) — Sim, meu caro Zaharia.

TRAHAN. — Até logo, Fanica.

TIPAT. — Até logo, meu caro Zaharia...

TRAHAN. (*dirigindo-se para a porta, acompanhado por Tipatescu*) — E não perca a calma, meu caro, por qualquer porcaria. Não vê como é o nosso mundo? Numa sociedade sem moral e sem princípios, de nada serve irritar-se: é preciso ter (*com deli-*

*cadeza*) um pouquinho de paciência... (*sai pela porta do fundo.*)

## CENA V

*Tipatescu, depois Zoé.*

TIPAT. (*volta hesitante e se joga numa cadeira, a cabeça entre as mãos*) Que fazer? Que fazer? E Ghitza que não chega!...

ZOÉ (*entrando misteriosamente pela direita e aproximando-se rapidamente dele*) Fanica! Fanica!

TIPAT. (*levantando-se de um salto*) — Zoé!... Você sabe?

ZOÉ (*desolada*) — Eu sei! Estou perdida, Fanica. Eu sei... eu estava aí ao lado, eu tinha subido pela pequena escada de trás... Cheguei logo após Zaharia. Por mais que ele não creia, não tenho coragem de olhá-lo de frente. Ouvi tudo, tudo, tudo. Estou perdida, Fanica... Quando Ghitza saiu, eu o chamei (*Tipatescu compreende*). Eu lhe disse tudo: só ele pode nos salvar.

TIPAT. — E como você soube?

ZOÉ — Imediatamente depois que Zaharia... Olha! (*Entrega-lhe uma carta. Toda esta cena se desenrola com grande nervosismo.*)

TIPAT. (*lendo*) — “Prezada Senhora, nossa redação está de posse de um documento a vós dirigido e assinado por nosso amável prefeito. Esse documento lhe poderia ser entregue em troca de sua influência junto à amável pessoa em questão. Tenha pois, a gentileza de passar tão logo em nossas oficinas a fim de regularizar este assunto de maneira satisfatória para ambas as partes...” (*com desespero*) Como? Como? Quando você perdeu aquele bilhete, Zoé?

ZOÉ (*soluçando*) — Eu não sei... Anteontem à noite, ao sair daqui, eu

o tinha; quando eu cheguei em casa eu não sei se ainda estava comigo. Pode ser que eu tenha tirado o lenço no trajeto e a carta tenha caído: eles estavam no mesmo bolso!

TIPAT. — Ah, que desgraça!

ZOÉ — Estive em casa de Catzavenco... é de lá que eu venho. Ele me propôs devolver-me a carta, desde que nós lhe asseguremos a eleição. Do contrário, publicará a carta depois de amanhã...

TIPAT. (*enormemente agitado*) — É uma luta sem trégua. Ele quer tirar nossa pele e nós a dele!... E Ghitza que não vem...

ZOÉ — É que eu o mandei à casa de Catzavenco, para que ele compre a carta a qualquer preço.

TIPAT. — Então, Ghitza está lá?

ZOÉ — Certamente (*ouve-se um ruído.*)

TIPAT. — Deve ser ele... (*ele se precipita para a porta do fundo, abre-a e volta depressa*) Ah, esconda-se... depressa. (*Ele a agarra rapidamente e saem ambos pela esquerda.*)

## CENA VI

*Farfuridi e Branzovenesco, entrando misteriosamente pela porta do fundo; depois Tipatescu pela esquerda.*

BRANZOVENESCO — Talvez não seja exatamente assim; talvez seja uma manobra... uma manobra grosseira para intimidar alguns hesitantes...

FARFURIDI — Eu vi o venerável Sr. Trahanake entrar em casa de Catzavenco esta manhã lá pelas dez horas, quando ia para a cidade... Eu, tenha ou não tenha compromisso, às dez horas exatas, eu saio para a cidade...



BRANZ. — Não me diga!

FARF. — E eu vi sair da casa de Catzavenco a respeitável Sra. Trahanake, esta manhã mesmo, quando eu voltava para casa... Porque eu, tenha ou não clientes, às onze em ponto volto para minha casa...

BRANZ. — Não compreendo.

FARF. — Como não compreende? Às onze em ponto...

BRANZ. — Mas não, meu velho, não compreendo nada dessas intrigas com a oposição; você viu primeiro Trahanake e depois viu a sua mulher, a Sra. Zoé, e eu, logo depois vi Ghitza, o comissário, entrar na casa de Catzavenco...

FARF. (*intencionalmente*) — E então?

BRANZ. (*suspeitando alguma coisa*) — Há uma traição no meio, não?

FARF. — Vou mesmo mais longe e digo: traição, seja, se assim exigem os interesses do partido, mas que ao menos tenhamos conhecimento!...

TIPAT. (*entra pela esquerda, perturbado, mas adotando uma falsa desinvoltura*) — Salve, salve, honrados senhores!

BRANZ. (*à parte*) — Ele está amarelo!

FARF. (*à parte*) — Agora ele ficou vermelho! (*em voz alta*) Salve, salve, honrado...

TIPAT. (*oferecendo-lhes assentos*) — Sentem-se, sentem-se por favor.

BRANZ. — Muito obrigado, muito obrigado, honrado, mas estamos um pouco apressados: já passa de meio dia.

FARF. — Porque eu, tenha ou não tenha audiência, ao meio dia justo, vou ao tribunal...

BRANZ. — Para sermos breves, se trata do seguinte, honrado senhor... Na cidade... se diz...

FARF. — Quer dizer, permita-me, sejamos explícitos... porque eu gosto de colocar os pingos nos ii... O boato que corre...

BRANZ. — O boato que corre... que nosso partido apoiaria a candidatura de Catzavenco ao segundo colégio...

TIPAT. (*perturbado*) — Que partido? Que Catzavenco?

BRANZ. — Como, que partido?

FARF. — Quer dizer, o nosso partido: a Sra. Trahanake, o senhor, o Sr. Zaharia, nós e os nossos... nós todos levaríamos Catzavenco nos braços...

TIPAT. — E quem foi que disse isso? (*ri com ar contrariado.*)

BRANZ. — Não ria, honrado senhor, não ria... Já se começou a murmurar...

FARF. — E além disso, como dizer... a gente tem boas razões para desconfiar.

BRANZ. — O Sr. Trahanake que vai visitar o Sr. Catzavenco...

TIPAT. — Como?

FARF. — A Sra. Trahanake que vai visitar o Sr. Catzavenco...

TIPAT. — Como?

BRANZ. — O Sr. Ghitza, o comissário, que vai visitar o Sr. Catzavenco...

FARF. — Qual é o propósito de todo esse enredo?

BRANZ. — Nós — como dizer — nós temos medo do que as pessoas murmuram...

TIPAT. (*nervoso*) — E que é que as pessoas murmuram?

FARF. — O senhor quer que se fale francamente, honrado senhor? Temos medo de ser traídos... Aí está!

TIPAT. (*depois de voltar-se para um e outro magoado, a Farfuridi*) — Querido amigo, meu caro Farfuridi, não lhes parece que vocês se tornaram mais católicos do que o papa?

FARF. (*com ar decidido*) — Sim, honrado, quando se trata de princípios sim, me torno mais católico, quer dizer não, eu não me torno, eu sou, quando se trata disso, eu sou mais católico do que o papa...

TIPAT. (*magoado*) — Senhores, eu não admito tais observações em minha casa; eu as considero, permitam-me dizer-lhe, como outros tantos insultos...

FARF. — Não nos exaltemos, honrado...

TIPAT. — Como não exaltar-se, senhor? Os senhores vêm a minha casa, vêm a mim, que tenho sacrificado minha carreira, e permanecido entre os senhores, para organizar o partido — porque sem mim, confesso-o, jamais poderiam formar um partido — os senhores vêm a mim, em minha própria casa, para dizer-me na cara, que sou um traidor... Ah, não! Isso eu não posso permitir!...

BRANZ. (*tirando do bolso um papel*) — Perdão, mas isto que distribuem pela rua da parte do Sr. Catzavenco... Está impresso, meu caro senhor!

TIPAT. (*perturbado*) — Impresso? (*arrancando-lhe a folha de papel.*)

FARF. (*arrancando-lha por sua vez*) — Sim, impresso. Permita-me... (*lê*): “Damos como positiva a notícia de que a candidatura de nosso correli-gionário, Sr. Catzavenco, presidente do grupo independente, está em marcha e ao abrigo dos golpes da administração. Pelo contrário, temos fortes razões para crer que tanto o Sr. Trahanake, o velho e venerável presidente do Comitê Eleitoral, como o nosso jovem e honrado prefeito estão por fim convencidos de que, nas circunstâncias em que se encontra o país, nosso departamento não poderia es-



tar melhor representado senão por um homem independente como o nosso amigo, o Sr. Ca-tza-ven-co... O Sr. Catzavenco usará a palavra na reunião desta noite... O Comitê do Grupo Independente.” (*falando*) Que dizem os senhores?

TIPAT. (*à parte*) — Nem mais um minuto a perder (*Em voz alta*). Senhores, eu vos rogo, assuntos importantes me chamam sem demora ao telégrafo... Desculpem-me... mas... (*aproxima-se de uma mesa e agita uma campainha; depois sai pelo fundo.*)

BRANZ. — Como? Assim sem mais nem menos?

FARF. — Sim, como quem diz: façam o favor de sair... Está bem!

TIPAT. (*aparece ao fundo com um criado*) — Onde está Ghitza?

O CRIADO — Eu o procurei por toda a cidade, Siô Fanica, não o encontrei em parte alguma. (*Eles falam em voz baixa, no fundo.*)

BRANZ. (*falando em voz baixa com Farfuridi*) — Vamos à casa de Trahanake... Aqui, já soubemos tudo quanto podíamos... Rápido...

FARF. — Branzovenesco, sinto a traição no ar... Que horas são?

BRANZ. — Passam das doze horas...

FARF. — Doze horas?... Porque eu, as doze horas exatas...

TIPAT. (*aproximando-se deles*) — De modo que, senhores...

BRANZ. — Nós já vamos, nós já vamos, honorável, não queremos incomodá-lo...

FARF. (*gravemente*) — Nós vamos, mas não esqueça, honrado senhor, que somos membros do mesmo partido... Como eu o dizia, um momento atrás, ao amigo Branzovenesco: traição, seja, (*com certa emoção*) se

assim exigem os interesses do partido, mas que ao menos a saibamos também... É por isso que eu sempre repito com os nossos antepassados, com Miguel, o Bravo e com Estevão, o Grande: amo a traição (*com intenção*) mas odeio os traidores... (*mudando de tom com desvoltura*) Salve, salve, honrado!...

BRANZ. (*no mesmo tom*) — Salve!...

TIPAT. (*fechando a porta atrás deles, extremamente fatigado*) — Ah!...

## CENA VII

*Tipatescu, Zoé, depois o Cidadão Bêbado.*

ZOÉ (*entrando rapidamente pela porta da esquerda*) — Ele já foi? Viu, Fanica? Escutou? E Ghitza que não chega nunca... Fanica, Fanica, estamos ameaçados por uma terrível desgraça...

TIPAT. — Cala a boca! Vem alguém! Certamente deve ser Ghitza. (*Ele se precipita para a porta do fundo, pela qual entra o cidadão embriagado.*)

CIDADÃO EMBRIAGADO (*titubeando*) — Vosso criado! (*durante toda a cena, soluça e cambaleia.*)

ZOÉ — Que é isso?

TIPAT. — Que deseja aqui o senhor?

CIDAD. — Eu? (*soluça*) Eu, eu sô elêtor!...

TIPAT. (*nervoso*) — Como se chama o senhor?

CIDAD. — Como eu... me “xamo?” Que importa isso... a questão é: eu sô elêtor ou não?

ZOÉ — Ele está bêbado?

TIPAT. — Que ele vá ao diabo! Não há ninguém na porta: eles deixam

entrar aqui todos os loucos e todos os embriagados... Vamos, dê o fora!

CIDAD. — Num tô briagado, não... (*sorrindo*) Siora Zoé... Siora, a gente se conhece... i o siô Zacharia mi conhece também, desde muito tempo... Eu digo a verdade... estou com o Sr. Naé Catzavenco... ele é da nossa sociedade... mas, tem uma questão; eu, elêtor... eu, (*soluça*), apropriatório (\*)... eu... verdadeiramente... por quem eu voto? (*soluça*) É por isso qu’eu tô aqui (*cambaleia*).

ZOÉ — Mande-o embora, Fanica... Está completamente bêbado...

TIPAT. (*tratando-o com doçura*) — Vamos, cidadão, retire-se. Conversaremos outro dia...

CIDAD. — Por que um outro dia?

ZOÉ — Ah!

CIDAD. — Que outra coisa a gente tem pra fazer agora?... Não se preocupem se eu tô um pouco... si vocês soubessem o que aconteceu... (*soluça*) é isso... e as coisas que eu bebi...

TIPAT. (*aborrecido*) — Vamos, amigo, compreenda. (*Tenta agarrá-lo pelo braço.*)

CIDAD. — É que eu encontrei (*soluça*) uma carta...

TIPAT. e ZOÉ — Uma carta!

CIDAD. — Sim (*à Tipatescu*) Uma carta do senhor para a Sra. Zoé... Eu a encontrei anteontem à noite na rua, quando eu saía da reunião... Imagine só (*soluça*), encher a cara desde anteontem à noite até esta manhã!...

TIPAT. (*atirando-se sobre ele e apertando-lhe o pescoço com as duas mãos*) — Miserável!

CIDAD. — Não me sacuda assim (*soluça*), eu fico enjoado...

ZOÉ — Deixe-o, Fanica, vamos.

(\*) textual — apropriatório (proprietário).



CIDAD. — Deixem-me e vocês vão ver. Quando eu encontrei a carta, eu a abri por curiosidade e comecei a lê-la debaixo da luz de um poste. Ainda não tinha terminado de ler... zaz! Por trás de mim estava o Sr. Catzavenco... que me queria tomar a carta.

TIPAT. — E (*desesperado*) ele a tomou?

ZOÉ (*também desesperada*) — Sim, ele a tomou?

CIDAD. — Que o quê! Eu a guardei dentro do meu bolso. Então o Sr. Naé me disse: “Muito bem, você faz parte de nossa sociedade e recebe cartas do prefeito? Muito bonito, cidadão.” E eu disse (*soluça*): “Do prefeito? Ora que graça!” E ele disse: “Recoheci sua letra... Mostre-me um instante...” E eu: “Ah, não! por nada nesse mundo!” E ele: “Me dá”, e eu: “Não, não dou, não”; Bom, de palavra em palavra, fomos beber um trago... um... dois... três, e depois e tome cerveja e tome vinho... e tome vinho e tome cerveja... E, por Deus, como bebemos! Uh lá lá! Como bebemos...

ZOÉ — e a carta?

TIPAT. — A carta... (*lança-se sobre ele, gritando*) Onde está a carta?

CIDAD. — Não grite... (*soluça*) Me faz sentir mal!... A carta, eu a tenho comigo. (*Ambos o olham com impaciência e desconfiança*) Sim!

ZOÉ e TIPAT. — É possível?

CIDAD. — Sim... eu a tenho comigo (*Procurando nos bolsos*) Eh! O Sr. Naé me dizia que daria duzentos cruzeiros por ela; e eu lhe disse: “não preciso do seu dinheiro, honrado senhor... Graças a Deus... sou apropie... (*soluça*) sou elêtor... (*continua soluçando e procurando nos bolsos*) Mas com tudo isso (*soluça*) eu... por quem

voto? (*desiste de procurar; depois com simplicidade*) Devo tê-la perdido! (*procura de novo, depois categoricamente*) Ah! eu a perdi!

TIPAT. — Ah!

ZOÉ — Catzavenco deve tê-la roubado!

CIDAD. — Quer dizer, o Sr. Naé. É bem possível... porque também eu dormi um pouco... Olhem, só um pouquinho (*Zoé e Tipatescu torcem as mãos*), imaginem só... e tome cerveja, e tome vinho... e tome vinho, e tome...

TIPAT. (*agarrando-o e sacudindo-o*) — Miserável!

CIDAD. (*caindo sobre uma cadeira*) — Não me sacuda desse jeito!

## CENA VIII

*Os mesmos e Ghitza Pristanda.*

PRIST. (*entra pelo fundo muito cansado*) — Sr. Fanica! Sra. Zoé!

TIPAT. e ZOÉ — Ghitza!

PRIST. — Ele chegou! Chegou o Sr. Zaharia!

CIDAD. (*rindo abertamente*) — O Sr. Zaharia?... Não me diga (*soluça*)...

TIPAT. (*a Pristanda, mostrando-lhe o cidadão bêbado*) — Agarre esse indivíduo e...

ZOÉ — Faz com que ele saia por trás, pela escada dos fundos.

PRIST. — Vamos, camarada! (*obriga-o a levantar-se e o empurra para a direita.*)

CIDAD. — Não me empurre assim (*soluça*). Eu fico enjoado.

PRIST. (*empurrando-o*) — Vamos!

CIDAD. — Sim, mas... ouçam... por quem devo votar?...

PRIST. — Vamos!

CIDAD. — Não me empurre (*soluça*), eu fico enjoado. (*Sai sempre empurrado por Pristanda.*)

## CENA IX

*Zoé, Tipatescu, depois Ghitza e Trahanake.*

TIPAT. (*rápido a Zoé*) — De Zaharia nada temos a temer: ele sabe de tudo, mas não crê em nada... Entendeu?

ZOÉ — Fanica! Fanica! (*Ghitza volta pela direita*) E então Ghitza? Foi ver Catzavenco?

PRIST. — Estou vindo de lá, Senhora Zoé... Mas ele é duro, duro mesmo, não cede: vinte mil ou o cargo de deputado...

TIPAT. — Temos de prendê-lo (*decidido*) Vai, Ghitza, leva alguns guardas... vivo ou morto ele deve ser trazido ao posto de polícia, em seguida.

ZOÉ — Fanica!

TIPAT. — Vamos!

PRIST. — Entendido. (*Dispõe-se a sair pelo fundo; nesse momento entra Trahanake, com ar triunfante.*)

TRAHAN. — Eu o tenho seguro com um trunfo ainda maior.

ZOÉ (*começando a gemer e caindo como desmaiada em seus braços*) — Querido! Querido!

TRAHAN. — Minha pequenina Zoé! (*À Tipatescu*) Ela sabe?

TIPAT. — Sim ela sabe tudo.

TRAHAN. (*cuidando zelosamente de Zoé, depois de havê-la acomodado numa poltrona com a ajuda de Pristanda*) — Mas, meu amigo, eu não te havia proibido de dizer alguma coisa para ela? Eu sei muito bem como ela é sensível! Vê só o que



você fez! (*Todos a rodeiam, cheios de cuidados*) Eh! Eu te disse que tenho seguro nosso honorável com um outro trunfo ainda maior... Ghitza, traz depressa um copo d'água (*Ghitza sai pela esquerda*.)

TIPAT. (*dando tapinhas nas mãos de Zoé*) — Qual, honorável?

TRAHAN. (*mesmo jogo*) — Ora, vamos, um pouquinho de paciência... Catzavenco, por Deus...

TIPAT. — Mas, qual outro trunfo?

TRAHAN. (*ainda golpeando as palmas das mãos de Zoé*) — Outra falsificação, já verás... Que falsificador! Um falsário!

PRIST. (*que entrara com um copo d'água na mão*) — Verdadeiramente, um falsário!

## CORTINAS

### ATO II

*Mesmo salão do ato anterior.*

### CENA I

*Trahanake, Farfuridi e Branzovenesco, sentados ao redor de uma mesa redonda, estudam as listas eleitorais; cada um tem um lápis de cor na mão.*

BRANZ. — Sessenta e nove no vermelho, nossos... onze no azul... para eles.

FARF. — Doze...

TRAHAN. — Um pouquinho de paciência... um, dois, cinco... sete... dez... onze.

FARF. — Doze...

TRAHAN. — Com Ienake Siripeanu.

BRANZ. — Esse não tem o direito de votar desde que casou a filha... Por acaso ele não deu seus imóveis

por dote? Hein? Se ele votar, vai direto para a cadeia.

TRAHAN. — Um pouquinho de paciência... Mas se pudéssemos fazê-lo votar por nós...

FARF. — Ah, isso muda tudo... seria fácil fazê-lo votar por nós; na semana que vem ele tem um processo... Mas votar conosco? Quer dizer, como votar conosco?

BRANZ. — Sim, que quer dizer votar conosco?

TRAHAN. — Ora vamos, votar conosco.

BRANZ. — O senhor não compreende meias-palavras, Sr. Zaharia? Pois vou dizer de outra maneira: "nós", nosso partido, por quem votaremos? por quem trabalhamos nós? Ainda não o sabemos...

TRAHAN. — Por favor, eu vos peço um pouquinho de...

FARF. — Não o sabemos...

TRAHAN. — Por favor, um pouq...

FARF. — Eu vou mesmo mais longe e digo, como eu dizia ao meu amigo Branzovenesco: temo uma traição...

TRAHAN. — Como, uma traição?

BRANZ. — É por isso que hoje quando sentimos no ar assim um cheiro...

FARF. — De certas coisas...

TRAHAN. — Certas coisas?

BRANZ. — Porque se tivesse algo de certo...

FARF. — De certo...

TRAHAN. — De certo?

FARF. — Sim, ora, se há traição, se assim o exigem os interesses do partido, seja!

BRANZ. — Mas que ao menos o saibamos!

(*Trahanake procura interrompê-los sem conseguir.*)

FARF. — Porque sempre tenho dito, como nossos antepassados, como Mircea, o Velho e como Vlád, o Empalador; amo a traição, Sr. Zaharia, mas...

TRAHAN. — Rogo-vos, senhores, um pouquinho de...

BRANZ. — Que paciência, Sr. Zaharia! Já não temos mais tempo para isso... A reunião não é esta noite?

FARF. — E as eleições não serão amanhã?

TRAHAN. — Sim...

FARF. — E então, por quem votamos?

BRANZ. — Sim, por quem votamos?

TRAHAN. — Um pouquinho de paciência! Por quem vocês têm votado até agora?

BRANZ. — Não compreendo.

FARF. — E eu também não.

TRAHAN. — Por favor, expliquemo-nos um pouquinho...

FARF. — Expliquemo-nos, sim, expliquemo-nos, é o que também nós queremos.

TRAHAN. — Quem sois vós, senhores, querem dizer-me, por favor? Vagabundos? Não, por certo... Revoltosos? Claro que não... Provocadores, tampouco... Vós, quer dizer, nós, nós somos cidadãos, meu caro, pessoas honradas... Sobretudo nós três, nós somos os pilares do poder: proprietários, membros do comitê permanente, do comitê eleitoral, do comitê escolar, do comitê para a estátua de Trajano, da comissão agrícola, etc... Votamos pelo candidato designado pela totalidade do partido... porque da totalidade do partido depende o bem-estar do país, e do bem-estar do país, depende o nosso bem-estar...

BRANZ. — De acordo...

FARF. — Também de acordo, mas...



TRAHAN. — Mas, o quê? O nome do candidato pode ser o meu, ou o vosso, ou o de outro, segundo o exigam os interesses do partido. Sabe-lo-emos de um momento para outro... O prefeito deve chegar a qualquer momento; esperamos só que ele volte do telégrafo. E o telégrafo não funciona? Hein?... funciona, sim, está lá para isso. Talvez nesse mesmo momento em que estamos falando, já tenha chegado o nome... pelo fio, honrados... Sim, pelo fio, vocês duvidam?

FARF. — Tudo é muito lindo como o senhor o apresenta, Sr. Zaharia, mas nós... nós temos medo de ser traídos...

BRANZ. — Não pelo senhor...

FARF. — Não, não pelo senhor...

TRAHAN. — Por quem, então?

FARF. — Ora por quem, por quem?... bem o sabeis por quem...

TRAHAN. — Eu lhes juro, sobre a cabeça de Zoé...

BRANZ. — Vamos, não se faça de ingênuo, permita-me...

FARF. — Que tal, se puséssemos as cartas sobre a mesa?

TRAHAN. — Ponhamo-las, meu caro, e veremos.

FARF. — Eu já lhe disse que temo uma traição... não é assim?

BRANZ. — E então?

TRAHAN. — E então?

FARF. — Bem, temos medo desse amigo.

TRAHAN. — Qual amigo?

BRANZ. — Ora qual amigo, qual amigo? O senhor bem sabe...

TRAHAN. — Não sei de nada... Juro pela cabeça de Zoé.

FARF. — O senhor está se fazendo de novo de ingênuo...

TRAHAN. — Palavra de honra que não...

FARF. — Pois se trata do amigo... Fânica...

TRAHAN. (*surpreso*) — Quem?

BRANZ. — Sim, do prefeito.

TRAHAN. (*franzindo as sobrancelhas*) — Como?

FARF. (*rapidamente*) — Temos medo sim... que ele esteja de acordo com Catzavenco...

TRAHAN. (*mesmo jogo, crescendo*) — Com Catzavenco?

FARF. — Com esse farsante...

BRANZ. — Com esse niilista...

TRAHAN. (*contendo sua indignação à duras penas*) — Com Catzavenco? Traição? Fânica traidor! Eh, bravo! Eis então... assim é que eu gosto! Por essa eu não esperava! É o cúmulo!

FARF. — Nós...

BRANZ. — Que dizer a respeito?

TRAHAN. (*tomado cada vez mais pela indignação*) — Um pouquinho de paciência, senhores. Não permito a ninguém, entendem, a ninguém, que suspeitem desse modo de Fânica. Para mim, compreendam, se alguém suspeita de Zoé, minha mulher...

BRANZ. — A Sra. Zoé...

FARF. — Está havendo um engano, Sr. Zaharia, nós não...

TRAHAN. (*ainda mais indignado*) — Pouquinho de paciência... Eu digo que para mim é o mesmo se alguém vem a suspeitar de Zoé ou de meu amigo Fânica... Não é de ontem que o conheço, e nem de anteontem; fazem oito anos que eu o frequênto, e isso data de seis meses, depois do meu segundo casamento. Desde oito anos vivemos como irmãos e nem por um instante vi esse homem praticar o menor ato de maldade... Crêem os senhores que ele teria permanecido aqui, e renunciando à Diretoria que lhe foi ofertada em Bucarest, se nós não

houvéssemos insistido, Zoé e eu... e dizendo a verdade quem mais insistiu foi Zoé...

FARF. — Claro, as damas são as que mais se apegam...

TRAHAN. (*mais indignado ainda*) — Um pouquinho de paciência... Que apego? Por que se tratava de nosso amigo? Não era por interesse do partido. Que outro poderia ter sido nosso prefeito?

FARF. — Talvez se tivesse encontrado um outro.

TRAHAN. — Permita-me que não o creia. Um homem independente, que tantos serviços tem prestado ao partido, ao departamento, ao país... e também a mim, desde então, como amigo, me tem prestado e ainda me presta serviços... sim... e agora, acontece que vocês, membros do mesmo partido, (*em tom de severa reprimenda*) suspeitam que ele tenha... e se expressam em termos tão pouco parlamentares... É um pouco forte...

BRANZ. — Enfim, nós...

TRAHAN. — Um pouquinho de paciência... Mesmo assim... (*muito indignado*) De maneira que, quando vocês não entendem como está a política, eh, vêm logo a traição, não? A que ponto chegamos! Que sociedade! Muita razão tem o meu filho, o estudante: onde não há moral há corrupção e uma sociedade sem princípios, quer dizer que não os tem. (*No auge da indignação*) Traição! Bravo! Fânica traidor! É muito bonito! (*Sai muito agitado, pelo fundo.*)

## CENA II

*Farfuridi, Branzovenesco, entreolhando-se por um instante.*

FARF. — Eh!... Então?

BRANZ. — Ele é forte... muito forte mesmo... Durão, hein? Não há jeito



de lhe arrancar o segredo. Teremos que esperar.

FARF. — Esperar mais? Até quando? É como se eu já estivesse vendo: esta noite, depois da reunião, o venerável se porá em pé e agitará a campainha: “Senhores, um pouquinho de paciência: o candidato de nosso comitê é o honorável Sr. Naé Catzavenco...”

BRANZ. — O farsante!

FARF. — O niilista! — E bravo pr’aqui e bravo para lá, amanhã e depois de amanhã veremos nosso Ghitza correndo com a língua de fora para lhe lambe os pés e se agitando tanto e tão bem, que se fará eleger deputado para o segundo colégio por este Sr. Catzavenco, o qual nos tem posto em ridículo e insultado tão duramente... E nós... ficaremos de braços cruzados? Jamais!...

BRANZ. — Que vai fazer? Quer se colocar contra a autoridade?

FARF. — Que vou fazer?... Enviaremos a Bucareste, ao comitê, ao ministério e aos jornais, um telegrama breve e lacônico: *(golpeando a palma da mão esquerda com o punho direito, como um telegrafista no seu manipulador e ditando em tom brusco o texto do seu despacho)* “Traição! O prefeito e seus homens atraíam nosso partido, em proveito do niilista Catzavenco, que eles querem eleger para o segundo colégio... Traição! Traição! Três vezes traição!”

BRANZ. *(secamente)* — É forte! Muito forte! Eu não assino.

FARF. *(com energia, impondo-se)* É preciso ter coragem, que diabo, como eu tenho! Você deve assinar: nós o enviaremos anônimo...

BRANZ. — Então, como é isso, se eu assino?

FARF. — Nós assinamos: “vários membros do partido...”

BRANZ. — E se alguém reconhece nossa letra no telégrafo?

FARF. — Nós encontraremos uma outra pessoa que escreva por nós.

BRANZ. — Mas quem?

FARF. — Teremos que encontrar alguém que o leve ao correio! Vem, Branzovenesco!

BRANZ. — Contanto que isso não nos traga complicações.

FARF. — Coragem, é preciso ter coragem: é anônimo. Que horas são?

BRANZ. — Cinco horas.

FARF. — Vem depressa, entre cinco e seis horas exatamente o telégrafo fecha... *(Saem apressados)*.

### CENA III

*Ghitza Pristanda (só, entra pela direita; está um pouco agitado.)*

PRIST. — Pronto, um a mais... e tudo pra nada. Fui em cima do Senhor Catzavenco... Quando disse aos meus rapazes que o agarrassem, gritava com todas as suas forças: “Protesto em nome da Constituição! É uma violação de domicílio” — E eu disse: “Verdadeiramente, é uma violação de domicílio! Mas, tragam-no assim mesmo.” E o trouxeram. Em seguida apanhei um carro e voltei à sua casa; procurei por todos os cantos, arranquei as táboas do chão, desmontei os canos das estufas, arranhei as fendas das paredes: não houve meio de encontrar a carta. Voltei ao posto de polícia, revistei o nosso homem, costura por costura, por toda parte, nada. Por mais que o ameaçasse e lhe dissesse que tinha ordens do Sr. Fanica para metê-lo numa prisão, como um ladrão de cavalos... nada adiantou. Ele

não quis falar, senão em presença de Dona Zoé. E agora eu a procuro a não a encontro: não está em sua casa e muito menos aqui... Ah, ali está ela! Dona Zoé!

### CENA IV

*Zoé (entrando rapidamente pelo fundo.)*

ZOÉ — Por fim te encontro, Ghitza.

PRIST. — Eu também procurava pela senhora, Dona Zoé...

ZOÉ — Ghitza, Ghitza, é verdade o que acabo de saber? Que fizeram vocês? Por acaso vocês ficaram loucos? Alguns momentos atrás, quando eu saía de casa, o doutor me disse que você foi com os guardas forçar a porta de Catzavenco, que o apanhou e o levou ao posto de polícia. Como pode fazer tal coisa?

PRIST. — Ordem verbal do Sr. Fanica.

ZOÉ — Onde está Fanica?

PRIST. — Não sei, e também o procuro.

ZOÉ — E por que vocês prenderam Catzavenco?

PRIST. — Para pegarmos a carta.

ZOÉ — E conseguiram?

PRIST. — Não, Sra. Zoé, muito embora eu o tenha revistado e sua casa também; deve estar escondida em outra parte.

ZOÉ — Ghitza, estou perdida por culpa de vocês! A carta será publicada amanhã e todo esse escândalo de nada servirá. Os mestres da escola vão continuar a fazer sair o jornal, mesmo em sua ausência... Que dirá o governo de Bucareste quando souber que vocês violaram o domicílio de Catzavenco, e que o prenderam às vésperas das eleições, precisamente



quando o governo assegurou que tudo se passaria com muita ordem e calma?... Como fará Fanica para continuar sendo prefeito?

PRIST. — Sra. Zoé, esqueci de lhe dizer uma coisa: depois de todas as promessas e ameaças que lhe fiz, Catzavenco me respondeu que eu estava perdendo tempo e que não abriria a boca diante de nada, absolutamente nada, a não ser para a senhora.

Zoé — A não ser para mim?... Vamos, rápido, Ghitza, anda, solta-o e pede-lhe, de minha parte, que venha aqui... Eu o espero!...

PRIST. — Mas, se o Sr. Fanica...

Zoé — Pense em teu emprego e pense em tua família...

PRIST. — E como não pensar, Senhora Zoé? Onze bocas!

Zoé — Então vai rápido e não volte aqui sem Catzavenco. Trata-o amavelmente, apanha um carro e volta o mais breve que puderes.

PRIST. — Às suas ordens!

Zoé — Ainda está aqui?

PRIST. — Estou saindo...

## CENA V

*Zoé, só.*

Zoé (*agitada, apanha um jornal e lê*) — “Em nosso próximo número, reproduziremos uma interessante carta sentimental de uma alta personalidade de nossa localidade à uma dama das mais influentes. A partir de amanhã o original estará à disposição dos curiosos nos escritórios da nossa redação. É tudo, por hoje. Ao bom entendedor, salut...” (\*) Que fazer? (*ela passeia de um lado para outro,*

*agitada, mas logo se detém como que tomada por uma inspiração*). É preciso que Catzavenco seja eleito. Não há outra coisa a fazer, e tampouco tempo para pensar demais. Lutar com um miserável como ele, quando se está em suas mãos, seria uma loucura... Fanica deve ceder... deve... E depois! E, no final das contas, Catzavenco pode ser tão bom deputado como qualquer outro... Mas, onde está Fanica? Onde poderá ele estar?...

## CENA VI

*Zoé e Tipatescu, que entra pela porta do fundo.*

TIPAT. — Zoé, está aqui?

Zoé — Fanica!... eu te esperava... O que você fez? Prendeu Catzavenco. Pensou bem no que fez? Que é que te deu na cabeça de fazer tal coisa? Por quê?

TIPAT. (*nervoso*) — Por quê? Por quê? E é você que me pergunta por quê? Por causa da estupidez que você cometeu, para evitar a desgraça que provocou com sua negligência. Como é possível que seja tão distraída, tão estouvada? Colocar uma carta de amor no bolso, junto com o lenço, e depois perdê-la, como se fosse um papel sem importância, como se fosse um programa que se joga fora à saída de um espetáculo!... Francamente, jamais esperava de você semelhante mancada! Que diabo! Você é uma mulher adulta, e não mais uma criança. Tanto descuido, não se vê nem mesmo nas novelas ou no teatro.

Zoé — Censure-me, Fanica, censure-me... (*ela chora*) Sim, é verdade, tenho sido uma criança.. cometi uma besteira sem limites; mas agora é preciso repará-la. Se me ama, Fanica, se alguma vez representei algo em sua

vida, salve-me... salve-me da vergonha. Você é homem e, isso pra você não importa! Para você não seria uma desgraça que nossas relações fossem reveladas... mas, para mim... Fanica... pense nisso... pense nisso... (*chora.*)

TIPAT. — Precisamente por isso é que me assegurei da pessoa de Catzavenco...

Zoé — Para que, Fanica? Catzavenco podia morrer hoje e mesmo assim, seu jornal publicaria amanhã a nossa carta. Meu Deus! Como irão todos se atirar sobre esse jornal e irão me condenar moralmente e se rirão de mim!... Durante uma semana, ou um mês ou um ano, eles não falarão senão nessa aventura... Nesse lugarinho, onde homens, mulheres e crianças não têm outra distração senão falar mal dos outros, mesmo sem motivo, Fanica!... Imagine quando eles têm esse motivo!... e que motivo, Fanica!... Que escândalo infernal!... E eu, Fanica, que quer que eu faça durante todo esse tempo? Que eu morra? Morrerei... porque depois de tudo isso já não poderei viver.

TIPAT. — Então Zoé, se não há outra saída... Zoé, Zoé, você me ama...

Zoé — Eu te amo, mas salve-me...

TIPAT. — Partamos juntos...

Zoé (*afastando-se dele*) — Está louco? E Zaharia? E sua situação? E o escândalo que estouraria mais forte às nossas costas?...

TIPAT. (*desalentado*) — Então, nada mais podemos fazer?

Zoé — Claro que sim!

TIPAT. — Que poderemos fazer?

Zoé — Apoiar a candidatura de Catzavenco!

TIPAT. (*dando um salto de espanto*) — Impossível!

Zoé — Fazê-lo eleger!

(\*) em francês no texto.



TIPAT. — Jamais.

Zoé — É preciso!

TIPAT. — Por nada nesse mundo! Está pensando bem no que diz? Olha só o telegrama que acabo de interceptar: levou-o ao telégrafo, o canalha que encontrou tua carta, aquele bêbado de ontem. É um despacho anônimo. Retive-o e dei ordens que nada seja transmitido sem minha permissão; mas como posso saber o que diz um telegrama cifrado?... Escuta: "Traição! O prefeito e seus homens atraíam nosso partido em proveito do niilista Catzavenco, que eles querem eleger para o segundo colégio... Traição! Traição! Três vezes traição!... vários membros do partido." Aconteça o que acontecer, não podemos apoiar esse miserável! Não, não e não!... Vamos buscar um outro meio, precisamos encontrá-lo!

Zoé (*abatida*) — Não vejo outro meio... não há outra solução.

TIPAT. — Então...

Zoé — Então... (*soluçando*) Deixe-me, deixe-me com a minha desgraça... Deixe-me morrer de vergonha... Mate-me, depois de ter amado tanto, depois de ter sacrificado tudo por você... Olha só o que fez de mim! Olha só o que valem seus juramentos! Me levou à morte — porque (*decidida*) me matarei antes que o escândalo estoure, hoje, agora, aqui mesmo! — você me empurra para a morte, quando poderia salvar-me... e me deixa morrer... (*ela chora.*)

TIPAT. — Zoé! Zoé!

Zoé — Deixe-me... Se tua ambição, teus mesquinhos interesses políticos valem mais que minha desonra, mais que minha vida, deixe-me! Deixe-me morrer... (*chorando*).

TIPAT. — Zoé, vamos, pensemos um pouco!

Zoé — Não há mais tempo para pensar, Fanica! Cada minuto que passa, abrevia meus dias... Tem que se decidir!

TIPAT. (*lutando consigo mesmo*) — Me decidir! Me decidir!...

Zoé (*soluçando*) — Poucos momentos antes, tomei conhecimento, na cidade, da prisão de Catzavenco. Corri até ao jornal como uma louca. Toma, olha só a folha que o comitê da redação imprimiu. (*Ela lhe estende o jornal e Tipatescu lê para si mesmo*). Compreende, agora, o que devemos esperar depois de sua prisão?

TIPAT. — Esse homem joga sua vida!

Zoé — Não é a vida dele que ele joga, Fanica, é a minha; porque eu te repito, das duas coisas uma: ou você me ama e eu estou salva e então a luta contra Catzavenco é impossível — e você deve ceder; ou então você não me ama e eu estou perdida... pouco me importa... (*desesperada*) Estou decidida... (*recobrando, repentinamente, toda sua energia*). Sim, estou decidida, não quero morrer antes de lutar com todos os meios e contra todos, (*com uma energia cada vez crescente*) e eu lutarei! Lutarei contra você com todas as minhas forças, seu ingrato, sem coração!... Sim, estou decidida e me imporei a todos, inclusive a você... Estou de tal modo decidida que, há poucos instantes, ordenei a Ghitzza que pusesse em liberdade Catzavenco e que lhe pedisse em meu nome que venha até aqui...

TIPAT. — Louca! Que você fez?

Zoé — Fiz o que achava que devia ser feito. Se não quer apoiar Catzavenco, se não quer fazê-lo se eleger para salvar-me, então eu, que quero salvar-me, o apoiarei e o farei eleger-se...

TIPAT. — O quê?

Zoé — Sim, serei eu que o farei eleger. Eu estou com Catzavenco, meu marido também, com todos os votos de que dispõe, deve estar com Catzavenco, e quem não estiver com ele está contra mim... Vamos, Fanica, combata-me, esmague-me, você que dizia me amar. Veremos! (*ela vai para a direita.*)

TIPAT. — Zoé!

Zoé — Deixe-me! (*ela sai.*)

TIPAT. (*seguindo-a*) — Zoé! Zoé! (*ele sai atrás dela. Por um momento a cena permanece vazia.*)

## CENA VII

*Ghitzza Pristanda e Catzavenco.*

PRIST. (*aparecendo pelo fundo e dando um passo para trás, respeitosamente, diante de Catzavenco*) — Por favor, Sr. Naé, entre... (*Humildemente*) e perdoe-me, eu vos peço, em consideração ao meu ofício que nos ordena... (*Sério*) ser escrupulosos no cumprimento do dever... O senhor sabe melhor que eu... um policial é um policial: mesmo se for seu pai... deve prendê-lo? Prenda-o! Não adianta fazer rodeios: é o ofício. Por isso (*suplicante*) vos peço que me perdoe...

CATZ. — Vamos, Ghitzza, por que se desfazer em desculpas?... Como se não soubéssemos o que é a polícia? (*Sentencioso*) Em um Estado constitucional um policial não é, nem mais nem menos, que um instrumento!

PRIST. — Exatamente, um instrumento!

CATZ. — O culpado não é o braço que golpeia, mas a vontade que ordena... Eu mesmo escrevi um artigo a esse respeito. Não sei se o leu...

PRIST. — Certamente que devo ter lido, Sr. Naé; eu sempre leio o seu



jornal, como se fosse o Evangelho; não se espante por isso... o senhor compreende, o emprego... (*em tom misterioso*) Ah, se a gente deixa falar os sentimentos! Mas qual, não há nada a fazer: família numerosa, renumeração pequena, de acordo com o orçamento...

CATZ. — E além disso como poderia existir o mártir, se não houvesse o verdugo?

PRIST. — Verdadeiramente, Senhor Naé!

CATZ. (*mudando de tom*) — Cidadão, não esqueça sob que condições eu cheguei aqui. Vim à casa do prefeito, mas não quero vê-lo, não quero comprometer-me de nenhuma maneira. Vim, aqui, porque a Sra. Zoé me chamou, e quero ver somente ela.

PRIST. — Mas claro que sim, Senhor Naé... somente a Sra. Zoé... O Sr. Fanica nem sequer está aqui... Peço que se sente, Sr. Naé... vou avisar a Sra. Zoé que o senhor chegou... (*se dispõe a sair*).

CATZ. — Pode mesmo dizer-lhe que estou apressado para voltar à prisão onde fui metido por causa da sua desgraça.

PRIST. — Muito bem (*à parte*.) Que espertalhão! E que magnífico prefeito ele seria! (*Sai e olha Catzavenco com olhares furtivos de admiração.*)

## CENA VIII

*Catzavenco, só.*

CATZ. — Enfim, eles capitulam! E, poderia ser de outra maneira?... E esse caro, esse caríssimo Sr. Zaharia (*ri*), parece-me ouvi-lo esta noite, já me proclamando candidato do colégio! Pobre Farfuridi!... (*Gravemente*) O fim justifica os meios, disse o imor-

tal Gambetta!... O amável Fanica deve estar se roendo os cotovelos... tanto melhor para mim! Quanto mais ele perder a cabeça, tanto pior para ele. Ele me prendeu, melhor para mim! A Sra. Zoé, mais viva do que todos, mais esperta, me chama, e eu, todo delicadezas, estou aqui pronto para lhe beijar respeitosamente as mãos... Bom, no final das contas, serão aquelas mãos que me farão eleger deputado... Mas... Onde estará ela? Onde estará a Sra. Zoé?... Eu não a vejo... (*Ele se dirige para o fundo, depois para a esquerda, enfim para a direita. Nesse momento aparece Tipatescu na porta da direita, onde permanece imóvel por um instante. Catzavenco tem um gesto de surpresa. À parte*) Tipatescu! Teria preferido que fosse ela!

## CENA IX

*Catzavenco e Tipatescu.*

TIPAT. (*que aparece pela direita com ar irritado e punhos cerrados; se detém, primeiramente na entrada, e logo se dirige tranqüilamente para a porta do fundo; se detém por um instante no fundo, enquanto mede com o olhar, de alto a baixo, Catzavenco. À parte*) — Meu Deus, dê-me sangue frio!

CATZ. (*entediado*) — Estimado senhor, perdoe-me se lhe pareço que me apresento em sua casa de maneira irregular... Mas devo dizer-lhe que fui trazido da prisão até aqui por seu comissário, por ordem de... e eu não esperava encontrá-lo...

TIPAT. (*à parte*) — Descarado!

CATZ. — Porque me haviam dito que me chamavam da parte de... pois do contrário não teria vindo... logo. Em outras palavras: se estou aqui na qualidade de prisioneiro, fico... mas...

se estou em liberdade, e não peço outra coisa, retiro-me imediatamente...

TIPAT. (*que não parava de bater no chão com o pé, nervosamente, avança a passos lentos, com os dentes cerrados*) — Caro e honrado Senhor Catzavenco, não compreendo porque, entre dois homens que têm a pretensão de ser pessoas sérias, sejam precisos esses truques e maneiras refinadíssimas, essas jogadas pretensiosas e afetadas, quando a situação é tão clara... Sou um homem que gosta de jogar limpo... Permita-me que vos diga duas palavras... Sente-se, sente-se, eu vos peço. (*Aponta-lhe uma cadeira; à parte*) É preciso que eu me domine. Felizmente que Zoé está lá, ao lado!

CATZ. — Caro senhor, o senhor gosta de jogar limpo, está bem, aceito; eu gosto de ser breve, muito breve. (*Fazendo um gesto de cortar*) Podemos solucionar este assunto imediatamente. (*Tipatescu lhe oferece uma poltrona que ele recusa suavemente*) Muito obrigado!

TIPAT. — Sente-se, eu vos peço, sente-se!

CATZ. (*mesmo jogo*) — Muito obrigado.

TIPAT. (*olhando fixamente Catzavenco e em tom áspero*) — Pois, então, sente-se!...

CATZ. (*que havia recuado um pouco, cede finalmente e cai num sofá, um pouco contrariado*) — Obrigado.

TIPAT. — Faz bem. (*Senta-se ao lado de Catzavenco e este se afasta um pouco. Tipatescu volta a aproximar-se dele e Catzavenco se afasta de novo e assim acontece ainda uma terceira vez*) Assim pois, honrado senhor, por meios que não me cabem julgar, o senhor está de posse de uma



carta minha, que pode comprometer a honra de uma família...

CATZ. (*com um gesto*) — Oh!

TIPAT. — Peço-lhe desculpas se o ofendi. Sejamos ainda mais breves... Eis aí, o senhor é um homem prático, o senhor tem uma coisa da qual preciso e o senhor bem sabe como preciso dela... Eu me apresento e lhe digo... (*com muita amabilidade*) — Vejamos, meu prezado senhor, que me pede em troca dessa coisa?

CATZ. (*ingênuo*) — Como? Não o sabe?

TIPAT. (*no mesmo tom*) — Não...

CATZ. (*o mesmo jogo*) — E... o senhor nem mesmo pode imaginar?

TIPAT. — Não... E é por isso que eu vos pergunto...

CATZ. — Caro senhor (*com dignidade*), um homem político...

TIPAT. (*com ironia*) — Quer dizer, o senhor...

CATZ. — Permita-me... Um homem político deve, sobretudo nas circunstâncias políticas como as que se encontram nossa pátria, circunstâncias de natureza tais que podem determinar um movimento geral, movimento que, se tomarmos em consideração o passado de todo Estado Constitucional, sobretudo de um Estado jovem, como o nosso...

TIPAT. (*impaciente e batendo no chão com o pé*) — Por favor... (*destacando bem as palavras*) que me pede o senhor, em troca dessa carta? Seja breve, breve mesmo! (*e ele repete o gesto "cortante" de Catzavenco*).

CATZ. — Muito bem... Se é assim, se o senhor quer que eu seja breve, serei: quero (*suplicante*) que não combata minha candidatura... melhor ainda, quero que a apóie...

TIPAT. (*a ponto de explodir de raiva*) — Sua candidatura! (*dominando-se*) Meu senhor, não lhe parece que está pedindo demais?...

CATZ. — É a sua vez de responder, senhor. O senhor me propôs a troca e agora me faz a pergunta...

TIPAT. (*aproximando-se de Catzavenco que recua como das vezes anteriores; o mesmo jogo se repete*) — Não, mas diga-me francamente, não lhe parece um pouco exagerado? Hein? Que me diz?

CATZ. (*ingenuamente*) — Não.

TIPAT. (*em tom insinuante*) — E se o comitê permanente renunciasse e reservássemos um lugar para o nosso caríssimo Sr. Catzavenco...

CATZ. (*sorrindo e com tranqüillidade*) — Mas é... duas vezes nada, honrado senhor.

TIPAT. — E... se ao mesmo Sr. Catzavenco se confiasse o cargo de advogado do Estado?...

CATZ. — É pouco, honrado...

TIPAT. — E que tal o lugar de Presidente da Câmara Municipal, atualmente vago, e o de administrador da Ordem de São Nicolau; e se fosse nomeado o mesmo amigo Catzavenco? Hein? (*Catzavenco sorri com um gesto de recusa*.)

CATZ. (*sempre sorridente*) — Permita-me honorável: um homem político deve, especialmente em circunstâncias de tal natureza que podem determinar um movimento geral, movimento que (*acariciando e destacando as palavras, como se estivesse ele mesmo se escutando falar*) se tomarmos em consideração o passado de todo Estado Constitucional, especialmente de um Estado jovem como o nosso... recém-saído de...

TIPAT. (*golpeando o chão com o pé, impacientemente e interrompen-*

*do-o*) — Deixemos de lado as grandes frases, Catzavenco! É muito bom para os basbaques... Ou eu pareço ser um homem que se deixa embromar dessa maneira?... Vamos, falemos claramente: que quer o senhor exatamente? (*ele se levanta, fervendo de raiva*).

CATZ. (*levantando-se também*) — Que eu quero? ora, o que eu quero. O senhor bem sabe o que eu quero. Quero o que me pertence, após uma luta de tantos anos; quero o que mereço nesta cidade de imbecis, onde sou o mais notável... entre os homens políticos... Quero...

TIPAT. (*aos gritos*) — Que quer o senhor?

CATZ. (*mesmo jogo*) — Quero... o mandato de deputado. É isso o que eu quero, e nada mais do que isso! Nada! Nada! (*depois de uma pausa, com uma insinuação calorosa e crescente*) Tenho direito!... Eu vos peço!... Não me combata... Apóie-me... Faça-me eleger. Depois de amanhã, no mesmo momento em que eu tenha sido eleito com a maioria necessária... nesse mesmo momento... vós tereis a carta. (*Com muito calor*)... Pela minha honra!

TIPAT. (*quase a explodir*) — Pela sua honra?... E se eu não puder fazê-lo eleger-se?

CATZ. — Pode sim!

TIPAT. (*que cada vez mais perde o sangue frio*) — E se eu não quiser? — Admita que eu não queira!

CATZ. (*obstinado*) — Deve querer, senhor!

TIPAT. (*que consegue se dominar a duras penas*) — O senhor esquece que é perigoso entrar em luta com um homem como eu. Não e não! Eu não quero fazê-lo eleger-se!

CATZ. — Deve!



TIPAT. — Não!

CATZ. — Deve, se o preocupa, ainda que seja um pouco, a honra de...

TIPAT. (*estourando*) — Miserável! (*Catzavenco dá um passo para trás*) canalha sujo! Não sei onde estou que não lhe quebro a cara... (*ele se precipita, apodera-se de um pedaço de pau que estava encostado na parede e se volta furioso contra Catzavenco.*) Crápula! Você vai me dar agora a carta... vai me dizer onde ela está... ou te mato como a um cachorro! (*ele se lança sobre Catzavenco, o qual faz a volta em torno da mesa e do sofá, derruba os móveis e corre à uma janela que abre, inclinando-se logo para fora.*)

CATZ. (*tremendo, grita pela janela*) — Socorro! O vampiro me mata! O prefeito me assassina! Socorro!

## CENA X

*Os mesmos e Zoé que entra precipitadamente pela direita.*

ZoÉ (*colocando-se rapidamente entre Catzavenco e Tipatescu, suplicante e muito emocionada*) — Sr. Catzavenco, senhor, pelo amor de Deus! eu lhe peço, não grite... Fanica, ficou louco?... Sr. Catzavenco... eu peço ao senhor...

CATZ. (*também muito emocionado*) — Como não gritar, senhora?

TIPAT. (*muito cansado e nervoso, enxugando o rosto e se deixando cair sobre uma cadeira à direita*) — Crápula! Crápula! Crápula!

ZoÉ (*suplicante*) — Sr. Catzavenco, sou eu que lhe peço mil desculpas pelo nervosismo que fez Fanica esquecer de...

CATZ. — Nada de desculpas, senhora!... devo ir-me imediatamente! Não posso ficar nem mais um minuto

numa casa onde minha vida está em perigo!...

ZoÉ — Vejamos, Sr. Catzavenco, o senhor é um homem responsável, um homem prático; para o senhor pouco importa, de quem venha aquilo que o senhor deseja tão obstinadamente...

CATZ. — Não entendo...

ZoÉ — Em troca da carta em questão o senhor pediu o mandato de deputado, não foi? O senhor jurou pela sua honra que, depois de amanhã, quando o senhor for proclamado deputado, devolverá a carta a quem o tenha feito eleger, não é assim?... Pois bem! Eu o farei eleger-se, eu e meu marido; e a mim o senhor devolverá a carta... Aceita?

CATZ. (*como tomado de uma idéia*) — Aceito.

ZoÉ (*baixo à Tipatescu, prostrado em sua poltrona*) — E compreendes então que quando eu recuperar a carta... tudo... tudo, Fanica, estará terminado entre nós. (*Em voz alta*) Estamos totalmente de acordo, Sr. Catzavenco...

CATZ. — Sim, senhora, totalmente... mas... (*aponta para Tipatescu com um gesto.*)

ZoÉ (*insistindo ao lado de Tipatescu*) — Fanica! Fanica! Decida-se! Você pode ser o inimigo da minha tranquilidade?... Fala!... (*Suplicando-lhe, com doçura*) Fanica!...

TIPAT. (*levantando-se, já sem qualquer resistência*) — Está bem: se você assim o quer... seja!... Aconteça o que acontecer (*decidido*) Sr. Catzavenco, o senhor é o candidato de Zoé, do Sr. Zaharia... e por conseguinte, o meu! Depois de amanhã o senhor será deputado!...

ZoÉ (*triumfante*) — Ah!

CATZ. — Depois de amanhã vocês terão...

(*Ouvem rumores lá fora e a voz de Trahanake que diz: "Um pouquinho de paciência!"*)

ZoÉ — O meu marido!

TIPAT. e CATZ. — Zaharia!

TIPAT. — Depressa, escondam-se os dois... Ele não deve vê-los... (*Zoé sai rapidamente pela esquerda, Tipatescu e Catzavenco pela direita.*)

## CENA XI

*Trahanake, só.*

TRAHAN. — Ninguém?... E o imbecil do criado me havia dito que Fanica e Zoé estavam aqui... (*Vai até a porta da direita e bate discretamente*) Ninguém! (*Mesmo jogo na porta da esquerda*) Ninguém! (*Ele está quase para sair pelo fundo, quando se lembra de algo*) Ah, me esquecia! (*Senta-se diante da escrivaninha, apanha caneta e papel, e escreve, lendo em voz alta*) "Meu caro Fanica, eu te procurei! Volto dentro de meia hora. É preciso que nos vejamos antes da reunião. Espera-me sem falta; não saia! Um pouquinho de paciência... Trahanake..." (*deixa o bilhete bem visível sobre a escrivaninha*) E agora, tratemos de resolver as embrulhadas do nosso caro Sr. Catzavenco. (*Afasta-se rapidamente pelos fundos; a cena, por um momento, permanece vazia; depois as portas da direita e da esquerda se abrem lentamente. Zoé entra pela esquerda e Tipatescu e Catzavenco pela direita.*)

## CENA XII

*Tipatescu, Catzavenco, Zoé, depois o cidadão bêbado.*

TIPAT. — Maldita política! Não se tem um minuto de sossego (*Vai até*



a porta do fundo e a fecha.) Agora estamos tranqüilos... (A Catzavenco) Darei um pulo até ao telégrafo para anunciar a sua candidatura à Bucarest... espere notícias minhas em sua casa. Esta noite, durante a reunião, tenha muito cuidado... é preciso ter muito cuidado. (Ouve-se baterem na porta do fundo; calam-se os três, e permanecem imóveis; batem, novamente, e depois três assovios.) É Ghitza, é seu sinal! (Dirige-se para a porta do fundo e a abre; aparece o cidadão bêbado assoviando, surpreso.)

TIPAT. — De novo aqui? (recua.)

CATZ. — O mesmo sujeito! (Esconde-se como pode atrás de Zoé.)

CIDAD. — Sim, eu de novo. (Solução) Vim aqui ainda por aquela estória que falamos esta manhã... Que fazemos? Começa amanhã, não é?... Eu... em quem devo votar?

TIPAT. (barrando-lhe a passagem para que não entre em cena) — Em quem? em quem? Deixe-me em paz, cidadão: o senhor está se tornando insuportável... Vote em quem o senhor quiser.

CIDAD. — Não se trata de querer... não quero votar em ninguém...

TIPAT. — Então deixe-me em paz... o governo não tem a intenção de influenciar quem quer que seja...

CATZ. (intervindo) — Se me permite: a mim me parece, ao contrário, que num Estado Constitucional, sobre tudo num Estado novo, como é o nossa, o governo deveria...

Zoé (intervindo, também) — Depende de cada pessoa...

CIDAD. (à Catzavenco) — Olá, olá!... Não o tinha visto! Seu criado! Muitas felicidades! O senhor trabalhou muito bem, hein? E tome cerveja e tome vinho, mas não pela mi-

nha linda cara e sim para roubar-me a carta!... Bravo, Sr. Naé!

CATZ. — Oh! Oh!

Zoé — Fanica! Fanica!... Mande-o embora... É insuportável!

TIPAT. (nervoso) — Vamos camarada, deixe-nos em paz, deixe-nos... Que é que o senhor quer exatamente?

CIDAD. — Ainda não lhe disse? (solução) Amanhã serão as... então? (Solução) Por quem devo votar? Por quem? (Em meio a um soluço faz o gesto de votar.)

Zoé — Vote pelo Sr. Naé Catzavenco.

CIDAD. — Por... (solução e, ao mesmo tempo espoca numa risada) Não me diga essa loucura, me deixa nauseado.

TIPAT. (cada vez mais nervoso, agarrando o cidadão pelo braço e sacudindo-o) — Porque o senhor é um sujo viciado.

CIDAD. — Não me sacuda desse jeito, eu fico enjoado!

TIPAT. (mesmo jogo) — Porque o senhor deixou que lhe roubassem a carta do seu bolso...

CIDAD. — Ah! Não faz mal! Talvez possamos encontrar uma outra...

TIPAT. — Deixe-me falar... porque você é...

CIDAD. — Um eleitor...

Zoé — Fanica!

TIPAT. — Não... um bêbado... um viciado... um corrompido...

Zoé — Fanica!

TIPAT. — Sim, um bêbado... Olha só! O senhor ainda está embriagado... voltou a beber (Catzavenco ri).

CIDAD. — Eu? (hesitante)

TIPAT. (com repugnância) — Sim, infelizmente! O seu cheiro está empestiando o ar a uma légua (ele o

empurra) o senhor está cheirando a rum!

CIDAD. — Isto é ótimo! Esse é o meu cheiro natural. O senhor queria que eu cheirasse a petróleo?

TIPAT. — Então, por todas essas razões, o senhor deve dar o seu voto para o Sr. Catzavenco... Não se poderia encontrar um candidato melhor para um eleitor como o senhor...

Zoé — Fanica!

CATZ. (sorrindo) — O senhor sempre irônico!

### CENA XIII

Os mesmos, Farfuridi, Branzovenesco e Trahanake.

TIPAT. (cada vez mais excitado) — Sim, trabalhamos para o Sr. Catzavenco, é ele que apoiamos e será ele que teremos que eleger. E se nós o apoiamos não é porque tenha nos forçado a isso, mas porque o senhor é o nosso mais honesto concidadão...

Zoé — Fanica, acalma-te.

TIPAT. — Estou calmo... Porque o senhor (Farfuridi, Branzovenesco e Trahanake que aparecem nesse momento pelo fundo, param para escutar. Os dois primeiros apontam, para o terceiro, a cena que se desenrola diante de seus olhos.) não é um miserável como os outros, não é um canalha como os outros, porque o senhor não é um infame desprezível como os outros... (cada vez mais excitado) ...porque, repito-o, para um eleitor como o senhor, inteligente, de mente límpida, com tão grande consciência política, não pode haver melhor representante que o Sr. Catzavenco, (destacando bem as palavras) o honorável Sr. Catzavenco! (afasta com asco, o cidadão bêbado.)



CATZ. (*bonachão, sorrindo*) — Como o prefeito é irônico!

BRANZ. (*gritando lá do fundo*) — Ah!

FARF. (*à Trahanake*) — Aí está a traição! Quando eu vos dizia, venerável!... (*Adiantam-se.*)

TRAHAN. — Alto lá! Um pouquinho de paciência!

ZOÉ — Meu querido! (*Ela se precipita sobre Trahanake e o leva à parte, onde falam em voz baixa e animadamente. Catzavenco e o cidadão bêbado falam do outro lado com a mesma animação.*)

TIPAT. — Ah, deixem-me todos em paz!

FARF. — Compreendemos, senhor, mas partimos para Bucareste...

BRANZ. — E diremos tudo o que...

TIPAT. (*à parte*) — Vão para o diabo! (*Aproxima-se de Trahanake e de Zoé.*)

FARF. — Vamos aos jornais!

BRANZ. — E ao Comitê Eleitoral Central!

FARF. — Ao Governo!

CIDAD. (*mostrando Farfuridi e Branzovenesco à Catzavenco*) Uh lá lá!... por favor, isso me dá náuseas (*Catzavenco e o cidadão conversam animadamente com Farfuridi e Branzovenesco.*)

TRAHAN. — Exatamente, que está acontecendo Fanica?

TIPAT. — Não é a mim que o senhor deve perguntar, Sr. Zaharia!

ZOÉ (*com energia*) — Nenhuma palavra, querido, é preciso...

TRAHAN. — Por quê?

ZOÉ (*com precipitação*) — Se me amas, se ainda represento algo para ti, cale-se; mais tarde eu lhe conto tudo. (*Os três falam em voz baixa.*)

CATZ. (*à Farfuridi e Branzovenesco*) — Permitam-se, honrados, mas, seguramente, os senhores não poderão inspirar maior confiança às autoridades, que o honorável (*todos escutam. Tipatesco passeia nervosamente ao do.*) Sr. Tipatescu, o prefeito mais honesto!...

TRAHAN. — Sim!

CATZ. — O mais íntegro!

CIDAD. — Sem dúvida! O mais fiel!

ZOÉ — Naturalmente.

CATZ. — Permitam-me dizer-lhes que todos vossos escrúpulos nada mais são que simples questões pessoais, e quando pessoas como vós... vêem...

CIDAD. — Muito bem, vamos!

FARF. — Isso é muito bonito! E ainda nos insulta!

CATZ. — Os eleitores darão a última palavra...

ZOÉ (*encorajando o cidadão e Trahanake*) — Sim, os eleitores darão a última palavra, naturalmente!

CIDAD. (*sério*) — Sim, nós daremos a última palavra!

#### CENA XIV

*Os mesmos, Ghitza Pristanda, chegando ao fundo com um telegrama na mão.*

PRIST. — Sr. Fanica! Um telegrama muito, muito urgente!

ZOÉ — Um telegrama? (*Todos se voltam para o fundo.*)

TIPAT. (*abrindo nervosamente o telegrama e lendo*) — “A qualquer preço, mas a qualquer preço mesmo, o segundo colégio deverá eleger o Senhor Agamenon Dandanake (*surpresa geral*). Esta é para o senhor uma alta e suprema questão de confiança”... Ah!

FARF. e BRANZ. — Ah! Ah!

ZOÉ (*com toda energia*) — Oh! é impossível! Lutaremos contra quem quer que seja... lutaremos contra o governo!... (*Tipatesco, completamente esgotado, se deixa cair numa cadeira.*)

TRAHAN. — Um pouquinho de paciência!

ZOÉ — Sim, querido! Lutaremos também contra o Governo!

CATZ. — Sim, lutaremos contra o Governo!

*(Catzavenco, Zoé e Trahanake agrupam-se de um lado; no outro, Farfuridi e Branzovenesco esfregam as mãos, de satisfação; Ghitza está no fundo; Tipatesco, muito fatigado, na cadeira, como se não tivesse qualquer participação no que ocorre ao seu redor. O cidadão bêbado, no meio da cena.)*

CIDAD. (*também envolvido pelo movimento*) — Sim, lutaremos contra!... (*Soluçando, e mudando rapidamente de tom*) Quer dizer... não... Contra o Governo eu não luto...

#### PANO

#### ATO III

*A cena representa o salão de festas da Prefeitura, uma espécie de hexágono, do qual se vêem três lados. Ao fundo, três portas; a do meio dá para o corredor de entrada; sobre a porta da direita lê-se: “Registro Civil”; sobre a da esquerda, “Arquivo”. À esquerda, em segundo plano, uma porta com a inscrição: “Gabinete do Prefeito”. À direita, no mesmo plano, outra porta com a inscrição: “Protocolos”. O lado esquerdo até a porta do “arquivo” está separado da cena por um tabique de madeira, disfarçado*



por cortinas de estamemha (espécie de tecido) verde. Perto desse tabique disfarçado, à esquerda, ainda na cena, há um estrado com mesa e poltrona presidenciais. Diante da mesa, um pouco mais embaixo, a tribuna. Sobre a mesa, dois candelabros, papel, tinteiros e uma sineta. Sobre a tribuna, uma garrafa e um copo d'água. À direita, várias filas de bancos e cadeiras; o mesmo ao pé do estrado. Bancos e cadeiras em todas as partes, menos numa pequena passagem que vai da porta de entrada do fundo e que atravessa a cena, por onde as pessoas chegam e saem. Nas paredes, algumas lâmpadas presas com parafusos. A luz é escassa. Ao serem levantadas as cortinas, Trahanake está na mesa presidencial, em sua poltrona, por trás da tribuna. Ao redor da mesa, Branzovenesco e outros concidadãos. Diante da tribuna e de costas para eles, eleitores, cidadãos, público, uns sentados e outros de pé. Igualmente nos bancos, nas cadeiras e em outros lugares. No extremo dos primeiros bancos, Catzavenco com Ionescu, Popescu e demais mestres de escola e partidários políticos. Farfuridi está na tribuna. A cortina se levanta durante uma interrupção. Rumores na sala. O presidente agita a sineta.

## CENA I

Trahanake, Catzavenco, Branzovenesco, Farfuridi, Ionescu, Popescu, cidadãos, eleitores, público. Rumores...

FARF. (da tribuna) — Permitam-me! (Bebe um gole d'água) Permitam-me! (Rumores.)

TRAHAN. (agitando a sineta) — Senhores! (Com afabilidade) Silêncio, por favor! Temos questões importan-

tes, urgentes, na ordem do dia... Um pouquinho de paciência... (à Farfuridi) Prossiga, o senhor tem a palavra!

FARF. (à assembléia) — Depois de ter falado do ponto de vista histórico e do ponto de vista jurídico, terminarei assim o mais brevemente possível...

POPESCU — De verdade?... Então mantenha a palavra. (Riso no banco dos mestres de escola)

FARF. — Não me interrompam, por favor, permitam-me...

TRAHAN. (dirigindo à Popescu)... — não interrompa por favor...

FARF. — Depois de haver falado então, do ponto de vista histórico e ponto de vista jurídico, terminarei, como acabo de dizer, o mais brevemente possível. (Bebe um gole d'água recupera o fôlego, e começa lentamente como se contasse uma estória) No ano de mil oitocentos e vinte e um(\*),

(Rumores e protestos no grupo de Catzavenco. Hou! Hou! Hou!)

POP. — Bom! Se voltarmos ao ano de 1821 estamos fritos! (Rumores e protestos.)

FARF. — Permitam-me... Em mil oitocentos e...

TODOS (e no mesmo tom da voz de Farfuridi) — E vinte e um, precisamente... (Rumores e protestos.)

FARF. — Permitam-me!

TRAHAN. (agitando a sineta) — Senhores, peço-vos não interromper... Um pouquinho só de...

CATZ. — Que paciência, Sr. Presidente! A hora está passando. Temos ainda outros oradores inscritos para falar...

TUDO O GRUPO — Uh! Uh! Uh! (Rumores.)

FARF. — Permitam-me...

TRAHAN. (à Farfuridi, docemente, inclinando-se para a tribuna por cima da mesa) — Honrado, creio que não seria mal se pulássemos para o ano de 48...

CATZ. (gritando) — Melhor começar de 64...

POP., IONESCU, e TODO O GRUPO — Sim! Sim! Começemos de 64...

TRAHAN. (levantando-se como se consultasse a assembléia) — Quer dizer... Ao plebiscito?

TODOS — Sim, ao plebiscito! (Rumores)

FARF. (voltando as costas para a assembléia e encarando o presidente) — Permita-me, Sr. Presidente; o senhor me concedeu a palavra; parece-me que desde o momento em que o presidente concede a palavra...

TRAHAN. (levantando-se e colocando por cima da mesa, as mãos sobre os ombros de Farfuridi, em tom carinhoso) — Eu vos peço, honorável, faça-me o favor... passemos ao plebiscito... a assembléia assim o pede...

FARF. — Mas, Sr. Presidente...

TRAHAN. (ainda mais suplicante) — Passemos ao plebiscito! (Tomando-o pelos ombros, ele o faz voltar-se delicadamente, em direção à assembléia.)

TODOS (com força) — Ao plebiscito! Ao plebiscito!

FARF. (bebendo um gole d'água, com ar resignado) — Mas sim, como eu estava dizendo pois... em 1864 se apresenta então, para o povo, a ocasião de pronunciar-se mediante um plebiscito... Mas, vejamos, antigamente... demo-nos conta do que quer dizer... do que quer dizer um plebiscito...

(\*) 1821 — Ano da revolução nacional e social encabeçada por Tudor Vladimiresco.



IONESCU — Sabemos muito bem o que é um plebiscito! Muito obrigado pela explicação!

TODOS — Não precisamos de explicações!...

FARF. (*aos interruptores*) — Permitam-me... (*à Trahanake*) Sr. Presidente!...

TRAHAN. (*agitando a sineta*) — Senhores, eu vos peço, não interrompam o orador... (*Com muita afabilidade*) Silêncio, por favor: temos questões urgentes, na ordem do dia... um pouquinho só de paciência. (*À Farfuridi*) O senhor tem a palavra, honorável, prossiga.

FARF. (*entusiasmando-se*) — De maneira, pois, que quando dizemos 1864 queremos dizer plebiscito e quando dizemos plebiscito queremos dizer 1864... Cada um de nós sabe o que é 1864, vejamos agora o que é o plebiscito... (*Começando sua frase com força*) O plebiscito!...

CATZ. — Aqui não se trata de plebiscito!...

FARF. — Permita-me... (*Discutindo com Catzavenco*) Parece-me que, se dizemos 64... (*Com convicção*) e sobretudo não tente me contradizer: vou provar-lhes com fatos históricos que todos os povos têm seu 64...

CATZ. — Permita-me, não se trata do 64... (*Rumores a favor de Catzavenco*)

FARF. — Permita-me... (*Todos os diálogos e interrupções se realizam em um estilo de debate de tribunal entre advogados, com muita vivacidade e em tom mordaz*) Sr. Presidente!...

TRAHAN. (*agitando a sineta*) — Senhores, honrados, silêncio... temos questões urgentes...

CATZ. (*pondo-se de pé na extremidade do banco*) — Como, Sr. Presidente? Desde quando o 64 é uma

questão urgente na ordem do dia? Se não me engano, parece-me que estamos no ano da graça de 1883... Que tem isso a ver com o que discutimos?... Faça o honrado orador voltar à questão...

TRAHAN. (*levantando-se novamente e tocando os ombros de Farfuridi por cima da mesa*) — Honorável... (*Afável e suplicante*) Deixemos o plebiscito, eu vos peço por favor; passemos à questão.

FARF. (*cansado pelas interrupções se volta para Trahanake dando as costas para a assembléia*) Sr. Presidente, o senhor teve a benevolência de me conceder a palavra... Creio que faria falta...

CATZ. (*gritando*) — Não, não faz falta...

TUDO O GRUPO — Não, não, não faz falta!

TRAHAN. (*apoiando as mãos, por cima da mesa, sobre os ombros de Farfuridi, e muito suavemente*) Eu vos peço, por favor... Faça-me o favor... Voltemos ao assunto... É a assembléia que o pede...

TODOS — Sim! À questão! À questão!

FARF. (*muito cansado, bebe um pouco d'água e se resigna*) — Chegamos agora à questão da reforma da Constituição e da lei eleitoral...

TODOS — Ah! Até que enfim!

TRAHAN. (*mesmo jogo*) — Ah! (*Faz soar a sineta*) Bom, agora, mais um pouquinho de paciência... (*À Farfuridi*) Seja breve, honorável; breve, por favor... Faça-me este favor: é a assembléia que o pede.

FARF. (*transpira, bebe e se enxuga continuamente com o lenço*) — Permitam-me, por favor! Sabem qual é a minha opinião a respeito da reforma?

TODA A SALA — Não!... Vejamos qual é!... Fale!

CATZ. (*ironicamente*) — Ouçamos a opinião do honorável Farfuridi. (*Trahanake agita a sineta.*)

FARF. (*suando em bicas e visivelmente emocionado*) — Minha opinião é esta: trata-se de reformar a Constituição, não?

TODOS (*com força*) — Sim! Sim!

FARF. (*emocionado e transpirando muito*) — Então, eis aqui o que eu digo e que comigo (*começa a confundir-se*) devem dizer todos os que não querem cair no radicalismo (*confunde-se cada vez mais*) quer dizer, eu quero dizer que... se para os moderados... quer dizer, nada de exageros!... em uma questão política... e que... e que dela dependem o futuro, o presente e o passado de um país... e lá chegar, nem demasiado ligeiro, nem demasiado lento... (*Ele se enrola cada vez mais, sua e engole em seco*) de maneira que chegou a ocasião de perguntar por quê?... sim... por quê?... Se a Europa... que ela tenha os olhos voltados para nós, por assim dizer, que golpeiam a sociedade, quer dizer, a causa das comoções... e... idéias subversivas... (*Transpira e se perde cada vez mais*) e, compreendam os senhores, enfim, para quem em toda ocasião solene tenho dado provas de tato... quero dizer, em certo sentido, o povo, a nação, a Romênia... (*Com força*) o país enfim... com bom senso para que a Europa, apenas um momento antes, deva reconhecer, do que podemos dizer que depende... como... permitam-me... (*Enxuga-se*) como no 21, permitam-me (*Enxuga-se de novo*) o 48, o 34, o 54, o 64 e, igualmente, o 74, o 84 e o 94 e etc... e com respeito aquilo que nos concerne... para que também demos um exemplo aos nossos irmãos de raça



latina! (*Suadíssimo, se enxuga, bebe, se enxuga de novo e respira fortemente. Trahanake acompanhou com movimentos de mão o ritmo das frases oratórias de Farfuridi. Bravos e aplausos no fundo, dirigidos por Branzovenesco. Risos e murmúrios no grupo de Catzavenco.*) Permitam-me! Terminem em seguida! Tenho apenas que dizer ainda duas palavras! (*O ruído cessa*) Esta é pois, minha opinião. (*Lutando terrivelmente contra a fadiga que o domina*) Das duas coisas, uma... permitam-me: deve-se revisar a Constituição? Estou de acordo, desde que nada seja mudado. Ou ela não deve ser revisada? Estou também de acordo; mas que, então, se troque algo aqui e ali e, especialmente, nos pontos... essenciais... Não poderemos sair desse dilema... Tenho dito! (*Aplausos no fundo, murmúrio nas primeiras filas. Farfuridi desce da tribuna completamente esgotado, enxugando o rosto, e se dirige para o fundo; Branzovenesco e outros eleitores vão ao seu encontro e lhe apertam as mãos. Rumores. Todos se põem em pé; a desordem se generaliza. Catzavenco vai de direita para o centro, onde fala em voz baixa com o seu grupo, gesticulando vivamente. O mesmo fazem Farfuridi e Branzovenesco em outro grupo no fundo. Pristanda sai, misteriosamente do gabinete do prefeito, abre a pequena porta do tabique que dá sobre a tribuna e puxa Trahanake pelas abas da roupa, o qual estava agitando a sineta.*)

## CENA II

*Os mesmos e Pristanda.*

TRAHAN. (*largando a sineta e se voltando*) — Hein? Que se passa?

PRIST. (*em tom misterioso e rapidamente*) — Sr. Zaharia! Sr. Fanica! Sra. Zoé!...

TRAHAN. — Bem... que é?

PRIST. — Eles estão lá, ao lado, no escritório... Eles vieram por detrás, eles estão esperando. Venha imediatamente.

TRAHAN. (*misterioso também*) — Não posso deixar a presidência... que eles tenham um pouquinho de paciência.

PRIST. — É preciso, senhor... depressa... suspenda!

TRAHAN. (*agita a sineta e se levanta*) — Honradíssima assembléia! Depois do importante discurso de nosso honrado concidadão e advogado Senhor Farfuridi, creio que faríamos bem suspender a sessão por cinco minutos.

ALGUMAS VOZES — Sim! Sim! Cinco minutos!

(*Catzavenco e seu grupo, Farfuridi e Branzovenesco com o seu, se misturam com a multidão. Trahanake, que desceu do estrado abre a porta do tabique e passa com Ghitza para o lado esquerdo, separado da cena; bate na porta do gabinete do Sr. Prefeito. Zoé e Tipatescu abrem-na; Trahanake e Ghitza desaparecem no interior; a porta volta a fechar-se.*)

## CENA III

*Os mesmos, menos Trahanake e Pristanda.*

CATZ. (*ao seu grupo*) — Eh; meus caros, como poderíamos enviar esse honorável à Câmara? Não digo que não tenha suas idéias e opiniões próprias — e eu respeito essas idéias contanto que sejam sinceras, e ele mesmo é sincero, ninguém duvida disso — e respeito também todas as

opiniões... Mas, quando o honorável vem com suas idéias já ultrapassadas, com opiniões enferrujadas, vem nos assustar sem cessar com sua Europa, com suas convulsões, com suas teorias subversivas... Que me perdoe, mas opiniões semelhantes eu não respeito...

POP. — Mas não, observa só o que mantém Farfuridi; ele sustenta que, quer dizer, segundo a história — por isso tem medo das convulsões — não devemos dar mau exemplo aos nossos irmãos de sangue latino. Entendeu? Ele disse explicitamente: nossos irmãos de sangue latino...

ION. — É verdade! Ele disse...

CATZ. (*com ar protetor*) — Os senhores, os mestres, são magníficos rapazes, mas têm um grande defeito: basta que alguém lhes fale de história e, assunto terminado; ele tem razão. (*Com força*) e que história? Por que se trata de história, quem nos ensina história antes de tudo?

POP. — Que a Romênia depois de Trajano...

CATZ. — Mas não...

ION. — Que nosso antepassado...

CATZ. — Que antepassado? Como nosso? Vê como vocês não sabem! (*Em tom declamatório*) Agora, muito bem, a história nos ensina, antes de tudo, precisamente, que um povo que não avança está detido. (*O público começa a perceber que ele está perorando e se agrupa, pouco a pouco, em torno dele para escutá-lo*) e inclusive retrocede, porque a lei do progresso é assim: quanto mais rápido avanças, mais longe chegas.

(*O grupo de Catzavenco aprova e admira; os partidários de Farfuridi e Branzovenesco, que se haviam aproximado e escutavam um pouco afastados, dão de ombros.*)



ION. — É isso aí!

POP. — Isso nem sequer se discute.

FARF. (*Picado*) — Sim! O progresso sem conservadorismo, quando se vê bem que a Europa...

CATZ. (*Interrompendo-o asperamente*) — Não quero saber de nada, senhor, de sua Europa; quero pensar só na minha Romênia, pois só ela me interessa... O progresso, honorável, o progresso! É inútil que o senhor nos venha com essa estória de aparições, vossas intenções antipatrióticas e com vossa Europa para enganar a opinião pública...

FARF. (*ainda mais picado*) — Permita-me... Parece-me que há ainda alguém que engana mais a opinião pública...

CATZ. — Não quero saber de nada!

BRANZ. — É claro que o senhor não quer saber de nada... não lhe convêm...

CATZ. (*ainda mais asperamente*) — Que a Europa se meta em suas coisas. Acaso metemos o nariz em seus assuntos? Não... Então eles não têm o direito de intrometerem-se nos nossos... O senhor é advogado... somos colegas...

FARF. — Sim, sou advogado, mas não seu colega...

CATZ. (*mesmo jogo*) — O senhor conhece, como eu também, aquele princípio jurídico: cada qual para si, cada um com seus assuntos... “oneste bibere...” (\*)

FARF. — Sim, quanto à honestidade nada temos a dizer... (*Os grupos de Farfuridi e Catzavenco começam a dividir-se, cada um para o seu lado.*)

(\*) Deformação do provérbio latino: “Honeste vivere, neminem laedere, suum cuique tribuere” (viver honestamente, não fazer mal a ninguém, a cada um o que lhe é devido).

CATZ. (*em tom malicioso*) — Honorável, não sei por que o senhor me persegue... Que tem o senhor a me reprovar? Estamos aqui diante dos eleitores; não há lugar para rancores; é preciso lutar: o senhor vai apresentar a vossa candidatura, nós o sabemos; eu lhe declaro que apresentarei a minha... é a luta eleitoral! e bem sabemos que a luta eleitoral é a vida dos povos... Por que se revoltar contra a verdade? Contra o direito?... “Oneste bibere”, honorável... (*Aprovação em seu grupo.*)

FARF. (*estourando de raiva*) — Deixe-me em paz com as suas palhaçadas! Honesto, o senhor? De um lado, “O Grito dos Cárpatos”, de outro, pequenos benefícios para os colegas; de um lado, a oposição encarniçada, e por outro, o documento no bolso!... Toda a cidade fala disso, senhor...

BRAN. (*agarrando-o pelas mangas*) — Farfuridi!

FARF. (*libertando-se*) — Deixe que me desafogue de uma vez. Então o que, não sabemos de nada, não vemos nada, somos cegos? O senhor é o candidato do prefeito...

CATZ. (*rindo*) — Sou o candidato do grupo dos jovens, das pessoas inteligentes e independentes... Nosso honrado, nosso venerável presidente... (*Procura-o com o olhar*) onde está nosso venerável presidente, que não o vejo?... proclamará esta noite, segundo me parece, o candidato do vosso comitê... Ou, se tenho a honra de ser aceito pelo comitê dos senhores... porque é o vosso comitê...

FARF. (*exaltado*) — Não é mais o nosso comitê, é o seu...

BRANZ. — Seja razoável, Take! (*Agarra-o pelas mangas da roupa. Farfuridi liberta-se.*)

CATZ. (*em tom insolente*) — Quer dizer; permita-me: o senhor não é mais do comitê? (*Os grupos se apertam por completo e se observam rancorosos.*)

FARF. — Sim, eu que sempre apoiei o partido, não sou mais do comitê... e o senhor, o senhor que sempre o insultou e denegriu, o é!

CATZ. — Permita-me!...

FARF. (*furioso*) — Que permita-me!... Que permita-me!... O senhor trata de nos embromar com suas bufonadas, com seus economismos, suas sociedades, seus jogos de prestidigitador... o senhor e seus comparsas... (*Agitação no grupo de Catzavenco*) O senhor e seus bufões...

POP. (*violentamente*) — Senhor, retire essa palavra!

FARF. (*prosseguindo*) — O senhor e seu grupo (*ressalta bem as palavras*) inteligente... independente... impertinente! (*Dirige-se para o fundo, seguido por Branzovenesco e seu grupo.*)

TODOS DO GRUPO DE CATZAVENCO — Uh! Uh! (*Precipitam-se sobre o grupo de Farfuridi. Confusão, ruídos e golpes.*)

FARF. (*saindo pelo fundo*) — Vocês terão notícias nossas, charlatães!

O GRUPO DE CATZAVENCO — Fora! Fora! (*Perseguem até ao fundo o grupo de Farfuridi.*)

(*Todos, depois de se terem engalfinhado ao fundo, saem ruidosamente. Durante toda a cena seguinte, a sala de reunião permanece vazia. Ao fundo, pela porta que permanece aberta, se percebem eleitores que vão e vêm, falando em voz baixa e fumando.*)

#### CENA IV

Trahanake saindo rapidamente pelo fundo do gabinete do prefeito e pas-



sando à parte dividida pelo tabique; por trás dele, Fânica e Zoé. A cena se passa rapidamente e de modo misterioso.

TRAHAN. — Não! É impossível...

ZOÉ (seguindo-o) — Querido...

TIPAT. (mesmo jogo) — Meu prezado Zaharia...

ZOÉ — Se ainda me ama...

TIPAT. — Se é meu amigo...

TRAHAN. — Eh, um pouquinho de paciência! (Sério) Como podemos proclamar a candidatura de um falsificador?

TIPAT. — De acordo, meu caro, ele é um falsificador... mas, até que as pessoas se apercebam disso... talvez possamos levá-lo perante à Justiça...

ZOÉ — Seremos cobertos de ridículo diante dos tribunais... Reflete antes, querido...

TRAHAN. (após um momento de hesitação) — Mas não! Se fosse só isso... o truque com tua carta a Zoé, vá lá, isso passa. Eu diria que pela política — está em jogo o interesse do país, e tem procurado, como bom romeno, forçar a barra, já que sabe que você se interessa pela honra de Zoé, como amigo meu que é, e pela política fez uma falsificação...

TIPAT. — Evidentemente!

ZOÉ — Naturalmente, em política...

TRAHAN. — Eh, um pouquinho de paciência... Mas a outra lá? (Golpeia com a mão o bolso direito de seu casaco) E então, se ele gosta de maquiavelismos, eu lhe darei maquiavelismos. (Mudando de tom.) Juro pela Santíssima Virgem! Juro por Zoé que está aqui presente e que pode dizer...

ZOÉ (com sentimento) — Querido!

TRAHAN. — Jamais em minha vida fiz o jogo diplomático; mas quando se trata de jogar sujo, eu o farei sujar, meu velho...

TIPAT. (impaciente) — Não compreendo, Zaharia!

ZOÉ (mesmo jogo) — Eu também não!

TRAHAN. — Eh, um pouquinho de paciência! (Tira um papel do bolso, desdobra-o: é uma letra de câmbio) E isto que está aqui é também pela política? Estes dois endossos com os quais o honrado Sr. Catzavenco sacou cinco mil da sociedade, é também pelo interesse do país?

TIPAT. (apoderando-se, precipitadamente, do documento e examinando-o por todos os lados) — Estamos salvos!

ZOÉ — Salvos?

TRAHAN. — E então? Quando te dizia que tivéssemos um pouquinho de paciência, e que eu o havia fisgado com um trunfo muito maior...

TIPAT. (contendo à custo sua alegria) — Meu caríssimo Zaharia, nosso candidato é o Sr. Agamenon Dan-danake.

TRAHAN. — Em boa hora!

ZOÉ — Tenho medo!...

TIPAT. — Nada mais temos a temer.

TRAHAN. — Escreve-me então, o nome desse Agamenon, para que eu não esqueça... (Fala em voz baixa com Zoé.)

TIPAT. (tira do bolso sua carteira, arranca uma folha e depois de ter escrito o nome, entrega a Zaharia) — Aqui está...

TRAHAN. — Vou reabrir a sessão.

TIPAT. — Anuncie imediatamente o nome do candidato, suspenda a ses-

são e venha jogar uma partida conosco... Nós o esperamos...

TRAHAN. (quase a ponto de atravessar a porta que dá para a tribuna) — A propósito, te dei o documento de Catzavenco... sobretudo não o perca. (Passa para o outro lado.)

TIPAT. — Fique tranqüilo, meu caro Zaharia, jamais perco papéis importantes... (Beija Zoé furtivamente.)

ZOÉ — Fânica!

TIPAT. — Ah! Ajustemos contas com o nosso amigo Catzavenco! (Saem os dois rapidamente pela esquerda.)

## CENA V

*Trahanake, que subiu à tribuna, depois Catzavenco, Popescu e Ionescu, os eleitores, o público que chega pelo fundo e voltam a ocupar os mesmos lugares indicados na primeira cena. Entrada ruidosa que acompanha a sineta do presidente.*

TRAHAN. (de pé) — Já é tarde! Sentem-se, senhores, sentem-se: temos questões urgentes na ordem do dia. (Senta-se e todos sentam-se também.)

CATZ. (com modéstia) — Sr. Presidente, por favor, também eu havia pedido a palavra...

TRAHAN. — Sim, (benevolente) honrado, tem a palavra. Suba à tribuna!... (Movimento no grupo de Catzavenco.)

CATZ. (passa com ares de importância em meio à multidão e sobe à tribuna. Acomoda o chapéu, leva o copo d'água aos lábios, coloca uma porção de papéis e jornais sobre a tribuna, e em seguida tira o lenço e enxuga o rosto com a elegância de um mestre do foro. Está emocionado, tosse e luta contra a emoção que pa-



rece dominá-lo. Silêncio total. Com voz trêmula) — Senhores!... Honrados concidadãos!... Irmãos!... (Com soluções na voz) Perdoem-me, meus irmãos, se estou emocionado, se a emoção me domina tão fortemente... ao subir à esta tribuna... para vos dizer, eu também... (Soluçando ainda mais forte) Como todo bom romeno, como todo bom patriota... nestes momentos solenes... (Domina-se à custo) penso... no meu querido e pequeno país... (Já não pode conter as lágrimas) a Romênia... (Chora. Aplausos no grupo) na sua felicidade!... (Mesmo jogo em ambas as partes)... em seu progresso!... (Mesmo jogo, crescendo) em seu futuro! (Os soluções o sacodem. Aplausos frenéticos.)

IONESCU, POPESCU E TODOS (muito emocionados) — Bravo!

CATZ. (enxugando rapidamente os olhos e recobrando-se de imediato, num tom brusco, vivo e agressivo) — Irmãos, fizeram-me uma acusação, mas estou orgulhoso dela!... Sim! Eu a aceito!... Estou mesmo honrado ao dizer que a mereço!... Acusaram-me de ser muito, de ser demasiado, de ser ultraprogressista... de querer o progresso a qualquer preço. Sim! Sim! Sim! Três vezes sim! (Lança um olhar circular e triunfante sobre a assembléia. Aplausos prolongados) Sim! (Cada vez mais enérgicos) Quero o progresso e nada mais que o progresso: o progresso político... (Enchendo bem as palavras.)

POP. — Bravo!

CATZ. — O progresso social...

ION. — Bravo!

CATZ. — Econômico...

POP. — Bravo!

CATZ. — Administrativo...

ION. — Bravo!

CATZ. — E... e...

ION., POP., O GRUPO — Bravo! Bravo!

TRAHAN. (agitando a sineta) — Eu vos peço, senhores, que não interrompam o orador...

CATZ. (com força) — Eu não tenho medo das interrupções, Sr. Presidente... (À assembléia, e particularmente ao seu grupo, seguro de si.) Podem interromper-me, senhores, porque tenho o valor das minhas opiniões... (Voltando ao tom de seu discurso e dando forte entonação às palavras) Sim, somos ultraprogressistas... Agora então... conduzidos por essas idéias, fundamos aqui, na nossa cidade, “A Aurora Econômica Romena”, Sociedade Enciclopédica-Cooperativa, independente da de Bucareste... porque somos pela descentralização. Nós... eu... não reconheço, não quero reconhecer a tutela dos bucarestianos, porque também podemos fazer no nosso departamento o que eles fazem no deles...

O GRUPO (aplaudindo) — Bravo!

CATZ. — Nossa sociedade tem por objetivo estimular a indústria romena, porque, permitam-me que o diga, do ponto de vista econômico, isto vai mal...

O GRUPO (aplausos) — Bravo!

CATZ. — A indústria romena é admirável, podemos mesmo dizer sublime, mas é totalmente inexistente. Então, que exaltamos nós, nossa sociedade? Exaltamos o trabalho, a fadiga, que não existem realmente em nosso país!

O GRUPO — Bravo! (Aplausos entusiastas)

TRAHAN. (agitando a sineta) — Honrados, não interr...

CATZ. — Deixe-os interromper, Senhor Presidente... não temo as inter-

rupções!... Em Iassi, por exemplo — permitam-me esta digressão, é triste mas verdadeira... Em Iassi não temos um só comerciante romeno, um só que fosse!...

O GRUPO (movimentos) — Oh!

CATZ. — E, não obstante, todos os que vão à falência são de todas as outras nacionalidades! Expliquem-me esse fenômeno, esse mistério, se assim posso dizê-lo!

O GRUPO — Bravo! (Aplausos)

CATZ. — Muito bem. E que diz nossa sociedade? Que dizemos nós?... Eis o que dizemos: esse estado de coisas é intolerável! (Aprovações no grupo) Até quando não teremos nossos próprios falidos?... A Inglaterra tem seus falidos, a França também tem seus falidos até a Áustria tem seus falidos, enfim cada nação, cada povo, cada país tem seus próprios falidos... (Acentua bem as palavras) somente nós, não os teremos?... Como eu dizia: esse estado de coisas é intolerável, não pode mais durar!... (Aplausos frenéticos. Pausa. O orador bebe um pouco d'água e lança novos olhares de triunfo sobre a assembléia. Nesse momento, movimento da multidão no fundo onde aparecem o cidadão bêbado e Ghitza, em trajes civis.)

## CENA VI

Os mesmos, Ghitza Pristanda e o cidadão bêbado vacilando fortemente. Grandes rumores à sua entrada.

TRAHAN. (agitando a sineta) — Um momentinho de silêncio, por favor...

CATZ. (que, durante os breves instantes de rumor provocado pela entrada de Pristanda e do cidadão bêbado, consulta seus papéis) — Ir-



mãos, eis aqui o que dizem os estatutos de nossa sociedade, no artigo primeiro: "Em nossa cidade se constitui uma Sociedade Enciclopédico-Cooperativa que responde ao nome de "A Aurora Econômica Romena". A finalidade da sociedade é que a Romênia esteja bem e que todo romeno prospere."

CIDAD. (que desde a porta de entrada vem abrindo caminho, sempre vacilando, até a metade da cena, e que se afunda logo numa cadeira diante da tribuna, põe-se de pé e levanta a mão) — Eu também! (Solução) Eu também sou! (Cambaleia e volta a cair na cadeira. Risos no fundo. Rumores nas primeiras filas.)

CATZ. (à Trahanake, voltando-se para a mesa presidencial) — Sr. Presidente, peço-vos que não deixe que me interrompam.

TRAHAN. — Mas parece-me, honrável, que o senhor dizia que as interrupções...

CATZ. — Sim, (com indignação) mas...

TRAHAN. — Enfim... (Agita a sineta) Não interrompam!

CATZ. (tratando de retomar o fio da meada) — Dizia, pois: "...que a Romênia esteja bem e que todo romeno prospere"...

CIDAD. (pondo-se de pé, vacilante, levanta a mão) — Eu também sou... (Solução ruidosamente; risos e rumores.)

TRAHAN. — Ah! (Pondo-se em pé e inclinando-se sobre a mesa) Que se passa? Quem é o senhor, honrado?

CIDAD. (soluçando) — O Sr. Naé me conhece... (Apontando para Catzavenco) Ciclopédico... (Risos e rumores)

CATZ. (nervoso) — Quê?

CIDAD. — Romena... (Solução) "A aurora"!... (Novo soluço. Risos e rumor crescente.)

TRAHAN. (também nervoso, para a assembléia, agitando a sineta) — Silêncio, honoráveis, por favor!... (Ao cidadão bêbado) Como?

CIDAD. (titubeando) — Ciclopédico! (Solução) Comportativa! (Solução) Economia! (Solução) A sociedade, como direi, a sociedade que!... (Risos e grandes rumores).

ION. — Ele está de porre!...

POP. — Completamente de porre! (Movimento no grupo; alguns se levantam.)

CIDAD. (soluçando ainda e gritando) — Eu também sou membro!

TRAHAN. (agitando a sineta com força; a Ionescu e Popescu) — Estimados senhores! (Com afabilidade) Peço-vos que me ponham esse honrado senhor porta à fora!

ION., POP. e o GRUPO — Fora! Está bêbado! Fora! (Ionescu e Popescu o empurram para a porta; Catzavenco desceu da tribuna e fala com alguns de seus partidários.)

CIDAD. (agarrado pelos dois e opondo-lhes resistência) — Não me empurrem, pois isso me causa náuseas...

ION., POP. e o GRUPO — Fora!

CIDAD. — Membro!...

(A cena toda é acompanhada de risos e rumores. Os mestres da escola expulsaram o cidadão bêbado. Movimento na assembléia. Pristanda se aproxima da tribuna, enquanto os mestres e seu grupo que rodeavam Catzavenco, agitam-se e retomam seus lugares.)

PRIST. (misteriosamente à Trahanake) — Sr. Zaharia, pronto! Podemos ajustar as contas com o hono-

rável Sr. Catzavenco: ordens do Senhor Fanica... Estou na porta. Quando eu tossir três vezes, o senhor proclama o nome do candidato e sai pela portinha... O resto corre por minha conta...

TRAHAN. (em voz baixa) — Está bem.

PRIST. (em voz baixa) — Quando eu tossir três vezes: meus homens ainda não está lá!... (Coloca-se perto da porta do fundo, por onde entram ruidosamente Farfuridi, Branzovenesco e outros. Pristanda lhes fala em voz baixa; todos se colocam ao fundo, bloqueando a saída.)

## CENA VII

Os mesmos, Farfuridi, Branzovenesco e outros eleitores, o cadidão bêbado; depois Zoé e Tipatescu ocultos atrás do tabique e escutando o que ocorre na sala de sessões.

TRAHAN. (agitando a sineta, à Catzavenco, que fala em voz baixa com seu grupo) — Suba à tribuna, honrável!... (Catzavenco se dirige para a tribuna.)

Zoé — Não entendo mais nada...

TIPAT. — Possivelmente Ghitza ainda não chegou.

CATZ. (da tribuna) — Irmãos!

FARF. (conduzindo do fundo o cidadão bêbado) — Ele te pôs para fora? É possível, amigos, que deixemos que seja expulso da assembléia um cidadão honrado, um eleitor?

BRANZ. — Porque o Sr. Catzavenco...

CATZ. (rugindo) — Honoráveis! (À Trahanake) Sr. Presidente! (Rumores surdos no fundo.)

TRAHAN. — Honrados! (Agita a sineta) Um pouquinho de paciência!



(Ghitza tosse fortemente três vezes)  
Como é demasiado tarde...

CATZ. — Permita-me!

TRAHAN. (levantando-se) — Levando-se em consideração que alguns dos senhores eleitores se preparam para sair, parece-me que seria melhor, já que as eleições se realizarão amanhã, que pedíssemos agora ao honrado orador que interrompesse por um momento seu discurso e que tivesse um pouquinho de paciência, para podermos anunciar o nome do candidato proposto por nosso comitê.

CATZ. (com ar extremamente desenvolto) Aceito com muito prazer, Sr. Presidente. (Desce da tribuna dirigindo-se para o seu grupo) O nome do candidato!

Todos — Sim! O nome do candidato!

ZOÉ (em voz baixa, tremendo) — Fânica!

TIPAT. (em voz baixa) — Não tenha medo!

TRAHAN. (lendo um papel entre os candelabros) — Honrados! O candidato que nosso comitê apóia é o senhor...

ION. — Naé Catza...

TRAHAN. (interrompendo-o) — Um pouquinho de paciência... (lendo) é o senhor...

CATZ. — O senhor...

(Todos escutam com grande impaciência. Silêncio total. Por trás do tabique Zoé se abraça com Tipatescu, aflita.)

TRAHAN. — É o senhor... Agamenon Dandanake!

(Movimento de satisfação no fundo. Comoções no grupo do prefeito. Zoé e Tipatescu escutam emocionados.)

CATZ. (saltando e rugindo) — Traição! (Gesticula vivamente em meio do seu grupo. Aplausos no fundo.)

TRAHAN. (de pé) — Permita-me! (Agita a sineta. Depois de um momento de silêncio) Quem pronunciou a palavra traição? (Todos estão de pé, muito agitados.)

CATZ. (do seu grupo, com força) — Eu!

GHITZA, BRANZ. e o CIDADÃO BÊBADO — Fora! Fora com o palhaço!

TRAHAN. (agitando violentamente a sineta, para o grupo do fundo) — Um pouquinho de paciência! (À Catzavenco) E quem é o traidor, honorável?

CATZ. (muito encolerizado) — É aquele que falsifica o nome do candidato já escolhido, aquele que esquece e que atraiçoa os interesses e a honra de sua família... (Com gesto amplo) O senhor!

TRAHAN. (jogando a sineta sobre a mesa, no auge da indignação) — Bom, um pouquinho de paciência, honorável! O senhor agora me fez sair fora de mim... Eu, falsificador?... Eu, cidadão honrado, eu, homem respeitável; e vem o senhor a dizer-me, em plena reunião pública, que eu sou falsificador?... É quem o diz?... (Grande rumor. Tipatescu e Zoé escutam, sobressaltado.) E quem? (Com energia) Um falsificador patenteado!

CATZ. (saltando) — Falsificador?

TODOS DO FUNDO (gritando em tom ameaçador) — Fora com o falsificador! (Grande tumulto) Fora com o traidor!

CATZ. (colocando-se junto à tribuna, os punhos cerrados, bufando de raiva e vociferando febrilmente) Ir-

mãos! Senhores! Um momento, honrados concidadãos! Estão querendo encobrir uma abominação, que desde muito tempo ocorre em nossa cidade... (Zoé e Tipatescu se agitam); eu queria afastar do conhecimento público esse escândalo... mas, fui tão cruelmente ferido em minha dignidade que já não posso calar-me. (Zoé e Tipatescu agitam-se, apreensivos) Esse honrado cidadão, (aponta para Trahanake) esse homem venerável, esse Sr. Zaharia Trahanake...

TRAHAN. (desafiando-o) — Sim! Eu o quê?... Eu...

CATZ. — É tão ingênuo que tomia por falso um documento verdadeiro... (Movimento de terror de Zoé e Tipatescu.)

ZOÉ — Fânica!... (Está a ponto de desfalecer.)

TIPAT. (sustentando-a e gritando com todas as suas forças.) Ghitza! (Precipita-se para a pequenina porta do tabique; Zoé se agarra a ele e o detém. Grande confusão.)

PRIST. (levando as mãos à boca, em concha, e gritando, por sua vez, na direção do apelo) — Presente! (E aos seus, lá do fundo) Carreguem, rapazes!

(O grupo do fundo, com Pristanda, Farfuridi, Branzovenesco e o cidadão bêbado, se atiram sobre a tribuna e se apoderam de Catzavendo.)

CATZ. (prosegue, gritando, no meio do tumulto) — Uma Carta do Prefeito a...

GRUPO DE CATZ. — Adiante, irmãos! (Todo o grupo se precipita para o fundo.)

Todos — Fora! Uh! Uh!

(O tumulto atinge o máximo: gritos, urros, assovios. Zaharia Trahanake sai rapidamente pela pequena porta do tabique, e encontra Zoé e



*Tipatescu, e os três escutam o que se passa na sala. Pristanda, Farfuridi e Branzovenesco agarraram Catzavenco pelo colete e o arrastam para fora. O grupo de Ionescu e Popescu estão aos golpes com o grupo do fundo. Todas essas últimas réplicas e movimentos são rápidos e simultâneos. A cortina cai, lentamente, desde o começo do escândalo.)*

#### ATO IV

*(O jardim de Trahanake; ao fundo, um gradil de ferro, com uma porta de entrada, no meio; por detrás, vê-se a perspectiva da pequena cidade sobre um fundo de colinas. À direita, no jardim, no primeiro e segundo planos, três degraus de pedra, que dão acesso à casa de Trahanake. À esquerda, um pequeno bosque. Móveis de jardim.)*

#### CENA I

*Zoé e Tipatescu.*

ZOÉ — Onde estará ele? Onde poderá estar Catzavenco?

TIPAT. — Não sei: deve ter fugido ou estar morto, ou talvez se enfiado na terra... *(Depois de uma pausa, aproximando-se de Zoé.)* E então? Por que quer saber? Por que está mais preocupada do que antes? Eu, pelo contrário, estou tranqüilo... Pensa um pouco, Zoé: faz dois dias que nossos homens estão elegendo Dandanake, o qual esperamos de um momento para outro... Tenho ordens de fazer-lhe uma recepção triunfal...

ZOÉ — E depois?

TIPAT. — E depois?... Há dois dias humilhamos Catzavenco e no entanto, ele não dá sinal de vida. Onde estará? Por que não aparece?...

E a carta, por que não a publica? Por que será que ele desapareceu? E por que será também que não publicou a carta? Pouco me importa... o essencial é que ele não a publique, não? E você acha por acaso, que aquele crápula deixaria de publicá-la, se ela estivesse em seu poder?

ZOÉ — Que coração! Que maneira bruta de raciocinar, Fânica! Não te ocorreu pensar como tenho podido viver esses últimos dois dias?... Que aperto no coração! Que terror! Que tortura!... Cada pessoa que encontro, cada rosto que vejo, cada movimento ao meu redor, quase me faz desfalecer... Fânica, tem piedade de mim, mais um dia de suplício e morro... isso me deixa louca... *(Põe a cabeça entre as mãos e chora.)*

TIPAT. — Deixa de ser criança, Zoé... Zoé...

ZOÉ *(chorando)* — Então você não compreende nada, não sente nada! Dentro de alguns minutos terminarão as eleições e o Dandanake de vocês será eleito deputado; estou certa... certa mesmo... que no mesmo instante esse miserável que se esconde e que nos espreita da sombra, fará distribuir seu infame papel... para se vingar! Ah!... E então, eu?...

TIPAT. *(tirando do bolso a letra de câmbio de Catzavenco e lhe mostrando)* — Não poderá... Porque, se o fizer... estará perdido...

ZOÉ — Que me importa isso?... se antes me tiver arruinado a vida! Fânica! Não quero que me vingue, só quero que me salve... Bem que eu havia previsto que isso iria acontecer... Pressenti que chegaríamos a este ponto quando vi o escândalo de anteontem à noite na reunião... E para cúmulo da infelicidade, ele nem mesmo sabe que temos essa prova de

sua falsificação... não sabe que se vier aqui, para a troca dos dois papéis, se salvará e a mim também... *(Chora copiosamente)* Que fazer? Que fazer, meu Deus?

TIPAT. — Cale-se! Pode vir alguém... Enxuga os olhos!

#### CENA II

*Os mesmos, Trahanake e Agamenon Dandanake chegando pela porta do fundo.*

TRAHAN. *(gentilíssimo)* — Entre, entre, honorável!

TIPAT. — Quem será?

ZOÉ — Um desconhecido?...

TRAHAN. *(adiantando-se)* — Minha querida Zoé, permite-me que te apresente o Sr. Dandanake!

ZOÉ e TIPAT. — Dandanake! *(Troca de cumprimentos)*

TRAHAN. — Nosso candidato!... quer dizer, nosso candidato... eleito!

DANDANAKE *(ele cicia)* — Minhass homenazes... E o ssenhor? É o marido da Ssenhora?

TRAHAN. — Não, eu é que sou o marido da senhora; esta senhora é minha mulher, como tive a honra de lhe dizer...

DAND. — E o senhor?

TRAHAN. — E eu?... Eu sou o marido da senhora... Eu sou Zaharia Trahanake, presidente do comitê permanente, do comitê eleitoral, e... um pouquinho de paciência... *(Procura em seu bolso e tira um cartão de visitas que entrega à Dandanake)* aqui estão todos os comitês...

DAND. *(apanhando o cartão)* — Muito obrigado!... E o senhor?

TRAHAN. — É o Sr. Fânica Tipatescu, nosso prefeito, meu amigo e de toda a minha família.



DAND. (à *Fanica*) — Encantado, Sr. Presidente! (*Estende-lhe a mão. Trahanake vai se colocar ao lado de Zoé.*)

TIPAT. — Eu também, honorável... estou muito encantado... Mas, a que devemos o prazer de vossa visita?

DAND. — São ass eleições, meu caro ssenhor, ass eleições... (*Cicia acentuadamente.*) O ssenhor ssabe, a opposição me tem combatido aqui, ali e em todass ass partess... e... eu permaneci... porque minha família desde o 48 esstá na Câmara... eu havia permanecido... compreende? ssem colégio... e foi assim que vim para ass eleições.

ZOÉ (*com malícia*) — Não era necessário que se preocupasse...

DAND. — E que preocupação, pressada, ssenhora! Mas ficaria muito mal se, pelo menoss, eu não desse minha presença...

TRAHAN. — Claro que sim! Muito bem! Muito bem! Era necessário, realmente necessário.

DAND. — Mas preocupação... ah, isso sim! até ao pescoço! Imaginem vosses que eu vim numa diligência oficial puxada por doiss cavaloss, e cinco vezess trocadass ass parelhass, ta-ta-ta, ta-ta-ta, ta-ta-ta, hop-hop... Digo-lhess que cheguei quase morto!... E ass campainhass!... (*Gesto*) as campainhass!... ainda me parece ouvi-lass... Como o senhor pode imaginar, me sinto tão abatido e tão cansado... Não pode fazer idéia, minha ssenhora. (*À Trahanake*) Não queira fazer idéia, caríssimo Sr. Prefeito. (*À Tipatescu*) o senhor não faz a menor idéia, caríssimo Senhor Presidente...

TIPAT. — Naturalmente...

ZOÉ — Compreende-se...

DAND. — Cheguei um pouco cedo e quis hospedar-me no hotel mass... o cocheiro... que ssabia porque eu vinha, me indicou o Sr. Prefeito. (*Aponta para Trahanake*)

ZOÉ (*baixo à Tipatescu, que ri*) — E ainda tem ânimo para rir, *Fanica*?

TRAHAN. — Sim, tinha ido dar uma volta nas mesas eleitorais para ver como iam nossos assuntos... Vão bem, não temos de que nos queixar, correm de vento em popa... mas o senhor sabe, é o hábito, não? Como sou o chefe do partido tenho que fiscalizar tudo...

DAND. — Que ssorte havê-lo encontrado, meu amigo! Muito obrigado! (*Aperta-lhe a mão. Ambos conversam à parte, em voz baixa.*)

ZOÉ (*em voz baixa à Tipatescu*) — Olha, só, *Fanica*, por quem perdi minha tranqüillidade... diga-me, *Catzavenco* não seria melhor?

TIPAT. (*seco*) — Sim, ele é um pouco simplório, mas o prefiro; ao menos ele é honesto, não é um crápula!

TRAHAN. (*à Dandanake*) — Honorável, deixo-o aqui com meu amigo *Fanica* e *Zoé*... Devo ir ver como andam as eleições: dentro de meia hora as urnas serão abertas e tenho que estar presente... Mas não se preocupe, estamos seguros dos resultados...; entre nós a opposição nada pode fazer; somos fortes, honorável, muito fortes... O senhor não terá a maioria, honorável...

DAND. — Como assim? Terei então que ir a um sorteio?

TRAHAN. — Vamos, um pouquinho só de paciência... Sorteio entre nós?... Estava dizendo: o senhor não terá a maioria, honorável, terá a unanimidade...

DAND. — Ah, sim! (*Seguro de si*) Entende-se... Não era possível de outra maneira...

TRAHAN. — Salut, honorável, salve... Adeus, *Fanica*... Até logo, querida! (*Sai*)

### CENA III

#### *Zoé, Tipatescu, Dandanake*

DAND. — Como eu dizia, meu caríssimo, se eu não fosse eleito seria muito mal... Eu, minha família, desde o 48... e haja luta, e haja luta e pr'a frente e cada vez mais pr'a frente... e agora eu, compreende, não é?... ficar fora assim... sem colégio... E, por pouco, meu bom senhor, um pouco mais e não teria sido eleito...

ZOÉ — Não ser eleito, o senhor, com seus méritos! Impossível!...

TIPAT. — Impossível!...

DAND. — Era exatamente como eu digo, caríssima senhora. Apesar dos meus méritos, vejam vocês! Faltou realmente pouco, muito pouco mesmo... Se tivesse que contar toda a estória, caríssimos... Mas, vou lhes dizer tudo: o comitê central não queria e não queria mesmo, paciência. Diziam que não tinha muita notabilidade. Entendem, que eu não sou bastante influente, não sou muito importante... Mas tive uma sorte, uma dessas sortes! Vejam os senhores: uma noite... alguém... não direi quem... uma pessoa altamente situada... um solteirão... vem em minha casa para jogar uma partida de cartas... e depois, quando foi embora, esqueceu o seu agasalho. No dia seguinte uso-o... pensando que era o meu vejo então que não era o meu, revisto os bolsos e, sabem o



que encontrei?... Que crêem os senhores que encontrei?

TIPAT. — Que foi?

DAND. (*rindo*) — Uma carta.

ZoÉ e TIPAT. — Uma carta?

DAND. — De amor...

ZoÉ e TIPAT. (*sobressaltados*) — Uma carta de amor?

DAND. — Uma carta de amor, do solteirão para a mulher de um amigo... não direi quem... uma pessoa altamente situada lá em Bucareste.

ZoÉ — E depois?

TIPAT. — E?

DAND. — E então o que, prezadíssimo? Rápido, rapaz, um carro... Entro rapidamente e vou disparando à casa do tal fulano, do solteirão... não direi quem... uma pessoa altamente situada. "Entregue-me, entende?, entregue-me um colégio, ou darei a carta ao 'Combate'..." Em menos tempo do que leva um galo para cantar... e sem pensar duas vezes... teve que ceder, caríssima senhora, e... zás! o telegrama para aqui, caríssimo...

ZoÉ (*cada vez mais agitada, à medida que Dandanake prossegue em seu relato*) — Ah, Sr. Dandanake! Foi muito mal o que o senhor fez... sua ação é... permita-me que vos diga...

TIPAT. (*em voz baixa*) — ZoÉ! (*Ela se mostra deprimida*)

DAND. — Não é certo, meu prezado amigo, que eu soube agir? Não? Que podia fazer? Se não me tivesse acontecido isso, adeus eleição!... e isso não ficaria bem para mim. Imaginem vocês! Minha família, desde 48 (*adiantando-se para o público*) e eu mesmo, em todas as Câmaras, com todos os partidos, como todo

romeno, imparcial... e agora ficar sem colégio!

TIPAT. — Bom (*mordendo os lábios*) Mas o senhor não terminou sua história... a carta...

ZoÉ (*nervosa*) — Mas essa pessoa altamente situada... essa carta de amor... essa arma... política... que... permitiu sua eleição.

TIPAT. — A carta que o senhor queria publicar no "Combate" se...

DAND. (*recordando-se enfim*) — Ah, sim! A carta... sim... já entendo...

ZoÉ — E bem, e essa carta?

TIPAT. — Que fez o senhor com ela?

DAND. — Eu a escondi em casa, muito bem escondida... Que pensam vocês?... está num lugar bem seguro...

ZoÉ — Não a devolveu à pessoa em questão?

DAND. (*com espanto*) — Como... devolvê-la?

TIPAT. — O senhor foi eleito, ele manteve a palavra...

ZoÉ — Deve devolvê-la...

DAND. — Mas, caríssima senhora, como é possível devolver semelhante coisa? Cometer tamanha estupidez? Pode servir para outras vezes... Em caso de necessidade... zás!... ao "Combate" (*Retorna ao proscênio.*)

ZoÉ (*com repugnância*) — Ah! (*Aproximando-se de Fanica, em voz baixa e imitando o seu tom de antes.*) Sim! é um pouco simplório, mas pelo menos é honesto! (*Alto, à Dandanake*) Sr. Dandanake, tenho um pedido a vos fazer: o senhor ficará para almoçar conosco... por favor, não vá contar a estória dessa carta de solteirão...

TIPAT. — O senhor sabe, poderia causar um mau efeito sobre os eleitores...

DAND. — Não me diga isso, meu bom amigo... Mas... e se me esqueço... geralmente tenho boa memória... mas sabe, aturdido como estou depois dessa viagem posso esquecer... e... se começar a falar... faça-me um sinal. Estarei sentado, à mesa, ou ao seu lado ou de sua esposa...

TIPAT. — Que minha esposa?

DAND. — A Sra. Zoé!

ZoÉ (*à parte*) — Que idiota!

TIPAT. (*impaciente*) — Perdão, Sr. Dandanake, mas esta senhora é a esposa do presidente do comitê, isto é, do senhor que vos trouxe até aqui. (*Pronunciando bem as sílabas*) do Sr. Zaharia Trahanake... Esta senhora é a Sra. Zoé Trahanake... e eu sou Stefan Tipatescu, o Prefeito do Departamento... e sou apenas amigo da senhora...

DAND. (*que havia escutado com muita atenção*) — Agora, sim, agora está muito bem, caríssimo... perdão... o senhor sabe... com essa viagem... Imagine o senhor, cinco vezes trocamos as parselhas, ta-ta-ta, ta-ta-ta, hop-hop, hop-hop... e essas campanhas... ainda soam em meus ouvidos.

ZoÉ (*à parte*) — Temos que arrancá-lo daqui para que repouse um pouco... está totalmente imbecil.

TIPAT. — Sr. Dandanake, o senhor não quer descansar, repousar um pouco...

DAND. — Sim, meu caro; mas onde?

ZoÉ — Venha comigo, Sr. Dandanake.

DAND. (*dando-lhe o braço e saindo com ela pela direita, tomando a*



escada) — A senhora sabe, caríssima senhora, estou ainda um pouco aturdido... o carro, sabe?... e aquelas campanhias... sabe?... é espantoso como ainda ressoam em meus ouvidos... é espantoso como ainda ressoam... (Saem)

#### CENA IV

*Tipatescu, só.*

TIPAT. — E é este senhor que fiz eleger! Foi por esse que sacrifiquei minha tranqüilidade e a da mulher que amo... Onde está Catzavenco, para se ver vingado? Onde estás, Catzavenco, por que não apareces para que eu te peça perdão por te haver preterido ao honrado Sr. Dandanake, o admirável, o sublime, esse caríssimo, esse bom amigo Dandanake!... Que mundo! Que mundo, meu Deus!

#### CENA V

*Tipatescu, Zoé, depois Pristanda.*

Zoé (*descendo precipitadamente pela escada*) — Ouviu Fanica? Teu honesto Sr. Agamenon que consegue o que quer, que triunfa, tem uma carta... Que fará, então, o honesto Catzavenco que não conseguiu o que queria, e que agora morde os punhos, e que ruma sua raiva e que me espreita, sabe lá Deus de onde está escondido? (*Agitada*) Ah! estremeço só em pensar! Que estará fazendo Catzavenco? Onde estará escondida essa víbora? De onde me lançará seu veneno?

TIPAT. — Zoé! Zoé! Coragem!

Zoé (*soluçando*) — Não posso mais, não posso mais... A estória de Dandanake me esgotou as últimas

forças, partiu-me o coração... Ah; estou louca de medo!

PRIST. (*chegando rapidamente pela esquerda*) — Sra. Zoé! Sra. Zoé!

TIPAT. — Ghitzia!

Zoé (*estremecendo*) — Ghitzia! Que está acontecendo? Fala!

PRIST. (*detendo-se*) — Sra. Zoé, queria...

Zoé (*à ponto de rebentar*) — Fale, não me atormentes mais! Que houve? A carta foi publicada? Deixe-me ver. (*Agitadíssima*) — Deixe-me ver!

TIPAT. (*à parte*) — Realmente está louca!

Zoé — Sim, estou louca! E é a você que devo isso.

PRIST. (*tratando de acalmá-la*) — Não, Sra. Zoé. Nada foi publicado, nada. O "Grito" nem sequer saiu hoje... Após a fuga de Catzavenco, os senhores mestres brigaram entre eles espancaram-se, e não se fala mais em imprimir o jornal... O partido independente está desfeito... Desfeito! (*Em voz baixa à Zoé, enquanto se aproxima de Tipatescu.*) Tenho algo para lhe dizer, um segredo, imediatamente...

TIPAT. — Não era o que estava dizendo? Catzavenco?

PRIST. — Não pude encontrá-lo, Sr. Fanica; é como se ele tivesse se enfiado pela terra. (*Batendo brusca-mente na testa como se recordasse de algo.*) Ah, esquecia-me! Peço-lhe desculpas, Sr. Fanica, estou às suas ordens... O ministro... não, os ministros, os sete, chamam-no ao telégrafo imediatamente... exatamente por isso eu o procurava...

TIPAT. — Ao telégrafo? Que querem eles ainda?

PRIST. — Não sei, mas já faz uma hora que o telégrafo está transmitindo, Sr. Fanica; deve ir de imediato.

TIPAT. — Maldita política!... Zoé! Coragem, Zoé... Vou já... Zoé — Vai logo!

TIPAT. — Voltarei imediatamente (*beija-lhe a mão*). Seja razoável, Zoé. Não estamos perdidos, nada tema. Até logo. (*Sai pela porta do fundo.*)

Zoé — Até logo!... Ah! Não sei como posso amar esse homem! (*Permanece pensativa. Pristanda acompanha Tipatescu até à porta e o segue ainda com o olhar por alguns instantes.*)

#### CENA VI

*Zoé e Pristanda.*

PRIST. (*depois de se ter assegurado que Tipatescu está bem longe, volta rapidamente*) — Sra. Zoé!

Zoé (*estremecendo*) — Ai, Ghitzia! Me assustou novamente... Que há? Vai embora! Deixe-me em paz!

PRIST. — Não se aborreça, Dona Zoé, sou vosso servidor... (*Tratando-a com doçura*) Tem alguém... alguém que a senhora conhece muito bem... essa pessoa está esperando aí fora... quer falar-lhe... mas somente à senhora... Por isso disse ao Sr. Fanica que fosse ao telégrafo, para que a senhora ficasse só... Menti... não é verdade que os ministros o chamaram... Sei muito bem que vou levar um grande sabão, que vai mesmo me dar algumas porradas por tê-lo enganado... pior pr'a mim! Bom, deixemos que ele me insulte, que me golpeie... Por acaso não é o meu chefe? Não é meu patrão? Não é ele que me dá de comer, a mim... e às minhas onze bocas? Eu menti pr'a ele, mas é para o seu bem, Sra. Zoé, para que a senhora o receba... Vai recebê-lo, não é assim? Sim?...



Zoé (com ar ausente, sem haver entendido a jogada de Pristanda) — Receber a quem?

PRIST. — Quem? Como quem?... O Sr. Naé Catzavenco...

Zoé (sobressaltada) — Catzavenco? Ele está aqui? Onde está ele, Ghitza? Que venha logo, imediatamente: vamos, depressa, traze-o aqui! (Ela está no auge da impaciência)

PRIST. — Às suas ordens, senhora! (Vai até ao fundo, à esquerda, e conduz Catzavenco) Entre, honorável, entre! (Após trazê-lo sai rapidamente.)

## CENA VII

### Zoé e Catzavenco.

Zoé (precipitando-se para ele) — Sr. Catzavenco, o senhor queria perder-me e perdeu-se também. Onde se meteu o senhor, pelo amor de Deus? Por que desapareceu? Fânica tem em seu poder uma letra de câmbio cujo endosso o senhor falsificou para retirar cinco mil da sociedade... O senhor sabia?

CATZ. — Sei, senhora, sei que ele a tem... (Desolado) Sei, sim... Mas o que eu posso fazer?

Zoé — Insensato! O senhor perdeu a cabeça? Ainda me pergunta o que deve fazer? O senhor não sabe? Posso lhe dar a carta: o senhor me salva e eu o salvo. Façamos uma troca: o senhor me devolve a carta...

CATZ. (desolado) — Senhora, senhora! É impossível...

Zoé — Quê?

CATZ. — Sua carta...

Zoé — E?...

CATZ. — Não a tenho mais...

Zoé — Impossível!...

CATZ. — Não a tenho mais!...

Zoé — O senhor está mentindo!

CATZ. — Não, não estou mentindo! Não a tenho mais!

Zoé — Desgraçado! O que foi que o senhor fez?

CATZ. — Eu a perdi!

Zoé (lançando um grito e olhando desesperadamente ao redor) — Ah! Por que que eu não posso matá-lo?

CATZ. — Mate-me, senhora, mate-me mas a culpa não é minha!

Zoé — Como o senhor a perdeu? Quando? Onde?

CATZ. — Na confusão, no tumulto de anteontem à noite durante a reunião... Alguém... não sei quem... me arrancou o chapéu da cabeça... a carta estava escondida no forro...

Zoé — Então é verdade que o senhor a perdeu? O senhor não sabe, nem sequer suspeita onde poderia estar?

CATZ. — Não.

Zoé — Não?

CATZ. — Não...

Zoé (desesperada) — Ah! Então o senhor é um homem perdido... Perdido! Eu talvez me salve... Pode ser que possa me salvar! Mas o senhor!... (com força) O senhor está perdido!... Quando Fânica o prendeu, fui eu quem o salvou... agora farei com que o prendam, e não terá liberdade até que eu tenha recuperado minha carta... E tomara que eu tenha a sorte de encontrá-la... Peça a Deus que me faça encontrar essa carta... Ah! os papéis agora se inverteram, Sr. Catzavenco... A sorte começou a abandoná-lo e a passar para o nosso lado... Ah! O senhor está perdido... Sim, perdido! (Gritando para o fundo) Ghitza! Ghitza!

CATZ. — Senhora, pelo amor de Deus! (Olha para todos os lados.)

Zoé — Ghitza!... (À Catzavenco) Nem tente fugir... O senhor já não tem mais saída: os falsificadores convictos não têm salvação... tudo terminou... Ghitza! Ghitza! (Dirige-se para o fundo e se encontra cara a cara com o Cidadão Bêbado.)

## CENA VIII

Os mesmos e o cidadão bêbado com o chapéu branco de Catzavenco.

CIDAD. (entrando e adiantando-se com muito bom humor) — Não é Ghitza, sou eu...

Zoé — Que quer o senhor?

CATZ. (à parte) — O meu chapéu!

CIDAD. — Procurava pela senhora, Dona Zoé.

Zoé — E o que é que o senhor quer de mim?

CIDAD. — Oh! Aqui está o Sr. Catzavenco! Salut! honorável!

Zoé — Que quer o senhor? Fale!

CIDAD. — Que quero eu? Quero o seu bem; é isso o que eu quero! E lhe digo: que a paz esteja com a senhora! (Gesto de impaciência da mulher) Eu, Sra. Zoé, encontrei uma carta!

Zoé — Que o senhor se deixou roubar pelo honorável Sr. Catzavenco...

CATZ. (abatido) — Senhora!

CIDAD. — Não falemos mais daquela!... Encontrei outra.

Zoé — E que importa isso?

CIDAD. — Não se aborreça, senhora, espere... ainda não disse tudo. Eu, antes de entrar para a política, quer dizer, é como se eu dissesse: antes de chegar a ser comerciante e proprietário..., eu era carteiro... estafeta... o Sr. Zaharia me conhece muito bem!



ZOÉ — Oh! Vá embora de uma vez e me deixe em paz!... Ghitza!

CIDAD. — E depois, como se diz, levava as cartas aos seus destinatários. Se não o encontrava, escrevia em cima à lápis: “destinatário desconhecido”, ou “ausente”, ou “morto”, quer dizer cada um segundo o caso... (Zoé passeia de um lado para outro, impaciente, ao fundo) Mas, se encontrava o destinatário, então eu dava a carta só pr'a ele... Por exemplo, agora... Porque anteontem, durante a confusão na municipalidade, encontrei um chapéu...

ZOÉ (*aproximando-se dele*) — Um chapéu?

CIDAD. (*à parte*) — Sim, um chapéu, este aqui... e hoje, quando tentava enfiá-lo na cabeça... porque ele é bem pequeno... quis arrancar o forro para que lhe ficasse um pouco maior... E, que encontro no forro?...

ZOÉ — Uma carta!

CATZ. — Uma carta!

CIDAD. — Sim, Sr. Naé, uma carta... Vamos beber uns tragos?...

ZOÉ (*muito emocionada*) — Deixe-me vê-la!

CIDAD. — É do Sr. Fanica, e o destinatário é a senhora.

ZOÉ — Dê-me, dê-me logo.

CATZ. — Desta vez estou realmente perdido!

ZOÉ — Depressa, se ainda a tem.

CIDAD. — Tenho-a, tenho-a, sim, não a perdi... Não voltei a encontrar (*Soluça. Aponta para Catzavenco*) o nosso honorável! (*Tira a carta do forro do chapéu e a entrega a Zoé.*)

CATZ. (*à parte*) — Ah, miserável!

ZOÉ (*que havia se apoderado da carta*) — Ah!

CATZ. (*em voz baixa para o Cidadão Bêbado, que se havia aproxima-*

*mado dele*) — Desgraçado! Deu um pontapé na fortuna: eu te faria rico.

CIDAD. — Não podia... destinatário com domicílio conhecido. (*Apon-ta para Zoé.*)

ZOÉ (*que se refizera da primeira emoção*) — Senhor, senhor, o senhor é um homem honrado, um homem admirável, incomparável. Como se chama, por favor? Diga-me... meus agradecimentos, senhor.

CIDAD. — Que necessidade tenho de dizer como me chamo? O Sr. Zaharia me conhece muito bem, desde o 11 de fevereiro... Eu também sou um cidadão, eu também...

ZOÉ — Como posso agradecer-lhe? Que posso fazer pelo senhor?

CIDAD. — Diga-me por quem votar. Falta menos de um quarto de hora e... zás!... terminadas as eleições... E eu... por quem voto?

CATZ. (*com amargura*) — Pelo Sr. Agamenon Dandanake.

ZOÉ (*voltando-se para ele com o olhar cheio de desprezo e ameaça*) — Sr. Catzavenco! O senhor ainda se atreve a falar? E a fazer-se irônico depois de tudo? Ah, devo reconhecer que o senhor é muito corajoso...

CIDAD. — É verdade, Sra. Zoé?

ZOÉ — Sim, é verdade! pelo Senhor Dandanake; sim, é verdade; talvez tenha sido essa a única verdade que o Sr. Catzavenco tenha dito em toda a sua vida...

CIDAD. — Então já vou indo votar... (*Apronta-se para sair*) Mas... como se chama, mesmo?

ZOÉ — Sr. Catzavenco, por favor, seja amável e preencha a ficha de voto deste excelente cidadão. (*Catzavenco não se move*) Por favor! (*Mostra-lhe a carta. Catzavenco vai até a mesa, preenche uma ficha e a entre-*

*ga ao Cidadão Bêbado*) Permite-me? (*Apanha a ficha e lê*) “Agamenon Dandanake”... Bravo, Sr. Catzavenco, o senhor é um homem de honra...

CIDAD. (*Apanhando a ficha eleitoral*) — Já vou, não há tempo a perder.

ZOÉ (*acompanhando-o*) — Senhor, creia que... a qualquer momento... meus agradecimentos...

CIDAD. (*apressadíssimo*) — Não há tempo a perder... as eleições estão quase terminando... (*Sai, agitando sua ficha. Zoé o conduz até a saída com a maior gentileza. Volta, de-tém-se ao fundo, entreatre seu cor-pete, deixa deslizar a carta para dentro, abotoa-o de novo e se dirige diretamente para Catzavenco. A cada passo de Zoé, Catzavenco vai se ajoelhando; quando ela chega diante dele, está ajoelhado aos seus pés.*)

## CENA IX

Zoé e Catzavenco.

CATZ. — Perdoe-me, perdoe-me...

ZOÉ (*rindo*) — Levante-se, vamos, o senhor é um homem... não tem vergonha? (*Em tom severo*) Levante-se!

CATZ. (*levantando-se, todo envergonhado*) — Perdoe-me...

ZOÉ (*com dignidade*) — O senhor é muito mau, e me deu provas disso... Mas eu sou boa... e vou provar-lhe. Agora sou feliz... Não me importa se quis fazer-me mal e não conseguiu. Deus não o ajudou exatamente porque o senhor é maldoso; mas eu serei sempre boa para que continue a me ajudar.

CATZ. (*humilhado*) — Senhora!

ZOÉ — Não se assuste! Dou-lhe minha palavra de honra que o senhor está salvo...



CATZ. — Beijo-lhe as mãos... a senhora tem toda a minha devoção...

ZOÉ — Com uma condição: depois das eleições, haverá uma manifestação pública... o senhor a encabeçará.

CATZ. (*rápido e submisso*) — Eu a encabeçarei...

ZOÉ — Será o senhor quem presidirá o banquete no jardim da Prefeitura...

CATZ. (*mesmo jogo*) — Sim, presidirei...

ZOÉ — O senhor participará dos festejos com o público.

CATZ. — Participarei...

ZOÉ — E virá aqui com os demais para saudar, em nome dos eleitores, o deputado eleito e o prefeito.

CATZ. — Sim.

ZOÉ — Estamos de acordo?

CATZ. — Sim.

ZOÉ — Está bem, vá e ocupe seu posto, de imediato; e seja cuidadoso porque esta não será a última câmara!

CATZ. — Sra. Trahanake, a senhora é um anjo...

ZOÉ — Muito obrigada, o senhor é muito gentil... Mas, agora vá, depressa...

CATZ. — Já vou, já vou e lhe juro que a senhora ficará satisfeita... Beijo-lhe as mãos!... (*Sai rapidamente aturdido pelo fundo.*)

## CENA X

*Zoé, sozinha.*

ZOÉ — É verdade, eu estarei sonhando? (*Senta-se em uma cadeira, retira a carta de dentro do corpete, lê e a leva aos lábios*) Fanica! (*Levantando-se rindo, relendo a carta beija-a e volta a sentar-se*) Fanica!

(*Chora nervosamente. Após alguns segundos se põe de pé, sorrindo, enxuga os olhos e suspira profundamente.*) Ah! Já passou!... Fanica! (*Sobe rapidamente as escadas da direita e sai.*)

## CENA XI

*Tipatescu, só.*

TIPAT. (*entra rapidamente pelo fundo*) — Mas será que Ghitza ficou louco? Me fez ir ao telégrafo para nada... Está se divertindo às minhas custas? Que significa isto?... E Zoé? Onde estará ela? (*Olha para todos os lados e sai rapidamente pela direita.*)

## CENA XII

*Trahanake e Dandanake entram pela direita, procedentes do jardim.*

TRAHAN. — Ah! Aqui entre nós, honrado, a luta foi encarniçada, até não poder mais... houve coisas terríveis...

DAND. — Que me diz, meu velho?

TRAHAN. — Infâmias! Imagine só: um farsante, um miserável, para pressionar Tipatescu... Fanica... o prefeito...

DAND. (*que o escuta, atentamente, mas parecendo não entender*) — Ah! sim, é isso! O senhor não é o prefeito. (*Uma banda ataca uma marcha.*)

TRAHAN. — Ou para colocá-lo contra mim e minha família... inventa uma carta de amor de Fanica, o prefeito... para Zoé, minha mulher; e imita a letra do prefeito... de tal modo... que... se poderia jurar que era a sua, nem mais nem menos... Imagine que falsificador!

DAND. — Que me diz, amigo? Mas o meu, ao contrário, era um caso verdadeiro... (*A banda se aproxima; ouvem gritos de hurras.*)

TRAHAN. — Como, um caso verdadeiro?

DAND. — A carta era verdadeiramente de uma pessoa... sim... de um velho amigo...

TRAHAN. — Que velho amigo?

DAND. — Quer dizer, o solteirão...

TRAHAN. — Quem?

DAND. — Não direi quem... uma pessoa altamente situada... Quando o pus entre a espada e a parede... ou um colégio ou a carta ao "Combate", compreende?... zás!... rapidamente o telegrama para aqui...

TRAHAN. — Não entendo nada. (*À parte*) A viagem o deixou meio idiota... o carro... as campanhas...

DAND. (*à parte*) — Não gira bem da cabeça, o prefeito; lhe conto duas vezes a mesma estória e no entanto ele nada compreende... (*Durante toda esta cena, até a entrada da multidão, ouvem-se cada vez mais claramente a marcha e as aclamações, que se aproximam pouco a pouco.*)

## CENA XIII

*Os mesmos, Zoé e Tipatescu.*

ZOÉ (*descendo os degraus seguida de Tipatescu; estão radiantes e não observam os que estão em cena*) — E então, como o bêbado... (*Ao ver Trahanake e Dandanake, muda de tom.*) Sr. Prefeito, depois da tempestade vem a calma... (*Descendo*) Senhor Dandanake, dentro de alguns instantes será servido o almoço...

DAND. — Justamente estava dizendo ao Sr. Prefeito, e o mesmo me dizia...



TIPAT. — Ao prefeito?

DAND. — Sim, ao Sr. Prefeito! (Aponta para Trahanake, que está falando afastado com Zoé.)

ZOÉ (em voz baixa) — Gosta do nosso eleito, meu querido?

TRAHAN. (em voz baixa) — Intelligente... mas me parece demasiado astuto.

DAND. (a Tipatescu) — Ele estava me contando a estória daqui, das eleições, a carta falsificada (movimento de Zoé) e eu lhe contava o meu caso... que meu caso era um caso verdadeiro... com o solteiro...

ZOÉ (correndo para ele, em voz baixa) — Sr. Dandanake, o senhor me prometeu não dizer uma palavra dessa estória...

DAND. — Ah, eu havia prometido? (Rapidamente) E a quem prometi? Quando prometi? À senhora? (Recordando de imediato) Ah! Sim! Nunca mais... nunca mais... (As aclamações estão já muito perto. A multidão faz sua entrada ao com da banda.)

#### CENA XIV

Os mesmos, Farfuridi, Branzovenesco, Catzavenco, o Cidadão Bêbado, Ghitza Pristanda, Ionesco, Popesco, eleitores, cidadão e público.

(Branzovenesco e Farfuridi seguidos por outros eleitores — mais apresentáveis — endomingados como provincianos, entram procedentes da casa e descem pelos degraus da direita; troca de saudações por todas as partes. Pelo fundo entram Catzavenco, Ghitza em traje civil, o Cidadão Bêbado, Ionesco e Popesco, encabeçando a manifestação. Todos os que chegam do fundo, estão ligeiramente bêbados, sobretudo Catzavenco e o Ci-

dadão Bêbado, que soluça incessantemente. Segue-se uma multidão de cidadãos igualmente ébrios, agitando ramos verdes e bandeiras. Todos levam garrafas nas mãos. Da casa, seguindo a Farfuridi, Branzovenesco e outros eleitores, saem alguns criados que trazem garrafas de champagne. Ghitza Pristanda, apenas chegando em cena, faz sinais para a banda parar. Cessa a música. Distribuem copos de champagne às pessoas mais importantes. Tipatescu, Zoé, Trahanake e Dandanake se mantêm à esquerda.)

FARF. (elevando uma taça de champagne) — À saúde do Sr. Dandanake, nosso eleito! Hurra! (Hurras, música, Pristanda dirige as aclamações com a mão. Todos brindam e bebem.)

DAND. (empurrado por Zoé e Tipatescu avança com uma taça na mão até o meio da multidão) — À saúde dos leitores... que provaram seu patriotismo e aceitaram... (Não encontra as palavras)... esta... como dizer?... vamos, digam-me a palavra... ah, sim!... seus sufrágios; eu, que minha família desde o 48 está na Câmara, e eu, como todo romeno imparcial, quer dizer... como dizia?... Em suma, à saúde dos senhores! (Aclamações e brindes.)

TRAHAN. (à Catzavenco que se aproxima dele e de Tipatescu) — Então, agora o senhor é um dos nossos, honorável? Bravo! Causa-me verdadeiro prazer.

CATZ. — Venerável Sr. Zaharia! Em circunstâncias como estas (Coomovido) os pequenos ressentimentos devem desaparecer.

TRAHAN. — Ah, é disto que eu gosto! Bravo! À sua saúde, senhor!

CATZ. — À saúde do nosso venerável e imparcial Presidente Trahana-

ke! (Hurras e brindes. Zoé vê entre a multidão o Cidadão Bêbado; toma uma taça e vai oferecer-lhe.)

CIDAD. — À saúde da Sra. Zoé! Sim! Porque (soluça) é uma mulher boníssima! (Brinda com ela, que lhe aperta a mão calorosamente. Hurras e brindes.)

CATZ. (baixo à Tipatescu) — Perdoe-me e sejamos amigos, (expansivo) porque todos amamos a Pátria e todos somos romenos... mais ou menos honrados! (Tipatescu ri) à saúde do nosso querido prefeito! Viva o nosso prefeito para a felicidade do nosso departamento! (Hurras e brindes.)

TRAHAN. (tomando uma taça e avançando feliz para o meio da cena) — Eh, um pouquinho de paciência!... Eu não conheço o prefeito, eu... Para mim não há prefeito! Eu tenho um amigo! À saúde de Fanica! Viva Fanica para a felicidade de seus amigos! (Beija Fanica, depois Zoé. Fanica beija a mão de Zoé. Hurras, Dandanake, no meio dos eleitores, entre os quais estão Farfuridi e Branzovenesco, conta em voz baixa suas aventuras e evoca com o gesto as campanhas; ao fundo, à direita, Pristanda, o Cidadão Bêbado, a banda e a multidão. À esquerda, Zoé, Tipatescu, Trahanake e outros eleitores. No meio, Catzavenco.)

CATZ. (totalmente ébrio, confundindo-se mas sempre com ênfase) — Irmãos! (Todos se voltam e escutam) Depois de lutas seculares, que duraram cerca de trinta anos, eis então que nosso sonho se realiza. Que éramos nós até pouco tempo, antes da guerra da Criméia? Temos lutado e marchado desde então: ontem, a obscuridade; hoje, a luz! ontem o fanatismo; hoje, o livre-pensamento! ontem, a tristeza; hoje, a alegria!...



Eis aí as vantagens do progresso! Eis aí os benefícios do sistema constitucional!

PRIST. — Verdadeiramente constitucional! Música! Música! *(A banda ataca, com vivacidade, uma marcha. Tempestuosas aclamações. Os grupos se agitam. Todos se beijam e formam um círculo em torno de Catzavenco e Dandanake, os quais se abraçam no meio da cena. Dandanake imita, com a mão, o movimento das campainhas. Zoé e Tipatescu, afastados, contemplam a cena. A cortina cai rapidamente.)*

#### NOTA SOBRE OS PERSONAGENS

Na presente versão, preferimos manter a forma romena nos nomes dos personagens. Mas esses nomes, em alguns casos, assumem significado alegórico que devem ser explicados, especialmente visando-se uma possível encenação da comédia. Assim, vejamos:

Stepan Tipatescu, o Fânica: “Fânica” é o diminutivo de Stefan (Estevão); é o protótipo do indivíduo felino, para quem não importam os meios, por mais baixos que sejam, para se alcançarem os fins desejados.

Agamenon Dandanake: seu nome faz alusão a uma palavra romena “dandana” que quer dizer “cacete, chato, antipático”. Personagem ridículo e ignorante, político por tradição, pertencente a uma família rude. O nome Agamenon mostra o costume das famílias, de batizar os filhos com apelidos históricos.

Zaharia Trahanake: seu nome é um diminutivo de “matraca”; é um personagem provinciano e convencido de seus valores.

Take Farfuridi: Take é o diminutivo de Demétrio e Farfuridi tem o significado de “fanfarrão”. É o típico pedante.

Iordake Branzovenescu: esse nome faz alusão à palavra romena “branza”, que significa “ramo, galho”.

Naé Catzavenco: Naé é o diminutivo de Nicolau; é o protótipo do indivíduo de duas caras.

Ghitza Pristanda: Ghitza é o diminutivo de Jorege. É caracteristicamente, o funcionário servil, submisso perante os chefes e ladrão dos bens públicos.

O Cidadão Embriagado: é um cidadão simples, sempre alegre por ter bebido. Talvez seja o único personagem honesto da comédia e que, no final, não sabe mesmo em quem votar ou em quem acreditar.



# MOVIMENTO TEATRAL

Outubro/Novembro/Dezembro — 1980

## TEATRO DA ALIANÇA FRANCESA

*Os Justos*, de Albert Camus. Direção de Etienne Le Meur, com Ana Lucia Bruce, Helber Rangel e outros. Ingressos: Cr\$ .. 200,00.

## TEATRO DO AMÉRICA

*Uma Noite Em Sua Cama*, de Jean Létraz. Direção de Antonio Pedro, com Nelson Caruso, Pedro Paulo Rangel, Lupe Gigliotti, Luca de Castro e outros. Ingressos: Cr\$ 300,00.

## TEATRO DO BNH

*As 1001 Encarnações de Pompeu Loredó*, de Mauro Rasi e Vicente Pereira. Direção de Jorge Fernando, com Ricardo Blat, Stella Miranda, Diogo Vilela, Eduardo Machado e outros. Ingressos: Cr\$ 250,00.

## TEATRO CACILDA BECKER

*Diz-Ritmia*, criação coletiva. Direção de Louise Cardoso, com o Grupo Disritmia. Ingressos: Cr\$ 100,00.

*A Alma Boa De Setsuan*, de Brecht. Direção de Eric Nielsen, com Neuza Navarro, Bia Payne, Lande Leal e outros. Ingressos: Cr\$ 150,00.

## TEATRO CÂNDIDO MENDES

*Cabaré Valentin*, de Karl Valentin. Direção de Buza Ferraz, com Gilda Guilhon, Ariel Coelho, Bia Bedran e outros. Ingressos: Cr\$ 200,00.

*Happy End*, de Brecht e Kurt Weill. Direção de Paulo Reis, com Maria Padilha, Fábio Junqueira, Miguel Falabella, Angela Rebello e outros. Ingressos: Cr\$ 250,00.

## TEATRO CASA GRANDE

*À Direita Do Presidente*, de Mauro Rasi e Vicente Pereira. Direção de Alvaro Guimarães, com Gracindo Júnior, Arlete Sales, André Villon e outros. Ingressos: Cr\$ 300,00.

## TEATRO CLARA NUNES

*Quixote De La Pança*, de Camila Amado. Direção de Aderbal Júnior, com Elza Gomes, Henriqueta Brieba, Flávio Migliaccio e outros. Ingressos: Cr\$ 300,00.

## TEATRO COPACABANA

*O Senhor É Quem?*, de João Bithencourt. Direção do autor, com Jorge Dória, Margot Mello, Elcio Romar e outros. Ingressos: Cr\$ 350,00.

## TEATRO DULCINA

*Os Polícias*, de Slawomir Mrozek. Direção de Luís de Lima, com Felipe Carone, Osmar Prado, Maria Helena Dias e outros. Ingressos: Cr\$ 250,00.

## TEATRO GINÁSTICO

*Assunto De Família*, de Domingos de Oliveira. Direção de Paulo José, com Fernanda Montenegro, Fernando Torres, Carmem Silva, Ivan de Albuquerque e outros. Ingressos: Cr\$ 400,00.

## TEATRO GLÁUCIO GIL

*No Natal A Gente Vem Te Buscar*, de Naum Alves de Souza. Direção do autor, com Marieta Severo, Rodrigo Santiago, Analu Prestes e Mário Borges. Ingressos: Cr\$ 250,00.

## TEATRO GLAUCE ROCHA

*Transaminases*, de Carlos Vereza. Direção de Paulo José, com Armando Bogus, Antonio Pedro e Carlos Vereza. Ingressos: Cr\$ 250,00.

## TEATRO IPANEMA

*Aquela Coisa Toda*, criação coletiva do Grupo Asdrubal Trouxe o Trombone. Direção de Hamilton Vaz Pereira, com Regina Casé, Perfeito Fortuna, Patrícia Travassos e Evandro Mesquita. Ingressos: Cr\$ 200,00.

## TEATRO JOÃO CAETANO

*Rasga Coração*, de Oduvaldo Vianna Filho. Direção de José Renato, com Rogério Fróes, Ana Lucia Torre, Ary Fontoura e outros. Ingressos: Cr\$ 200,00.

## TEATRO DA LAGOA

*Brasil: Da Censura À Abertura*, de Jô Soares, Sebastião Nery e Armando Costa. Direção de Jô Soares, com Marília Pêra, Marco Nanini, Sílvia Bandeira e Geraldo Alves. Ingressos: Cr\$ 350,00.

## TEATRO MAISON DE FRANCE

*Bodas De Papel*, de Maria Adelaide Amaral. Direção de Cecil Thiré, com Cláudio Cavalcanti, Susana Faini, Thelma Reston e outros. Ingressos: Cr\$ 350,00.

## TEATRO MESBLA

*Toalhas Quentes*, de Marc Camoletti. Direção de Bibi Ferreira, com Suely Franco, Otávio Augusto, Tamara Taxman e outros. Ingressos: Cr\$ 300,00.

## TEATRO PRINCESA ISABEL

*O Treze*, de Sérgio Jockyman. Direção de Antonio Abujamra, com Paulo Goulart e Oswaldo Loureiro. Ingressos: Cr\$ 350,00.

## TEATRO DOS QUATRO

*Os Órfãos de Jânio*, de Milor Fernandes. Direção de Sérgio Britto, com Cláudio Corrêa e Castro, Teresa Rachel, Susana Vieira e outros. Ingressos: Cr\$ 350,00.

*Morte Acidental De Um Anarquista*, de Dario Fó. Direção de Helder Costa, com Sérgio Britto, Alby Ramos, Guida Vianna, Jackson de Souza, Antonio De Bonis e Fernando de Souza. Ingressos: Cr\$ 300,00.



## TEATRO SENAC

*Blue Jeans*, de Zeno Wilde e Wanderley Aguiar. Direção de Wolf Maya, com Miguel Carrano, Julio Cesar, Luis Carlos Nino e outros. Ingressos: Cr\$ 300,00.

## TEATRO SESC DA TIJUCA

*Café Da Manhã*, de João das Neves. Direção do autor, com Simone Hoffman, Alex Ripoll e outros. Ingressos: Cr\$ 250,00.

## TEATRO VANUCCI

*Navalha Na Carne*, de Plínio Marcos. Direção de Odilon Wagner, com Glória Menezes, Roberto Bonfim e Edgar Gurgel Aranha. Ingressos: Cr\$ 300,00.

## TEATRO VILLA-LOBOS

*Campeões Do Mundo*, de Dias Gomes. Direção de Antonio Mercado, com Denis Carvalho, Jonas Bloch, Angela Leal, Leonardo Villar e outros. Ingressos: Cr\$ 350,00.

## OUTROS ESPETÁCULOS

Em diversos locais apresentaram-se os seguintes espetáculos:

*Jogos Na Hora Da Sesta*, de Roma Mahieu; *Festaça*, de Fernando Augusto e Nilson de Moura; *As Três Faces do Poder*, de Carlos Queiroz Telles; *O Jovem Karl Marx*, de Ricardo Bandeira; *Liberdade, Liberdade*, de Millor Fernandes e Flávio Rangel; *O Olho Da Rua*, pelo Grupo Teatro Independente de Nova Iguaçu; *Poema Sangrento*, de Suely Fuentes; *Horóscopo Para Os Que Estão Vivos*, de Thiago de Mello; *Noite de Guerra*, de Rafael Alberti; *Mansamente*, de Marcos Ribas; *Mas Só Até Sábado*, de Luis Carlos Saroldi; *Operação Limpeza*, de Fernando Palitot; *Uma Peça Por Outra*, de Jean Tardieu; *Reunião de Grêmio*, de Maria Luiza Prates; *Monsieur Barnett*, de Jean Anouilh; *O Último Dos Nukupyrus*, de Gugu Oimecha e Ziraldo; *Woizeck*, de Buchner; *A Lata De Lixo Da História*, de Roberto Schwarz.

## TEATRO INFANTIL

Estiveram em cartaz as seguintes peças:

*A Estrela Guia Do Oriente*, de Luiz Sorel.  
*O Macaco E O Rabo*, de Mauro Cesar.  
*Fala Palhaço*, pelo Grupo Hombu.

*E O Beija-Flor Virou Lenda*, de Eugenio Santos.

*A Farsa de Yarim No Céu De Mandacaru*, de Claudia Castro.

*Chapeuzinho Amarelo*, de Chico Buarque e Zeca Ligiero.

*A Menina Que Perdeu O Gato*, de Marco A. Rocha.

*João E Maria*, de Maria Clara Machado.  
*Zé Vagão Da Roda Fina E Sua Mãe Leopoldina*, de Sylvia Orthof.

*A Maravilhosa História Do Sapo Tarô — Bequê*, de Marcio de Souza.

*Queridos Monstrinhos*, de Paulo Cesar Coutinho.

*Passa, Passa Tempo*, de Lucia Coelho e Caique Botkay.

*A Loja Das Maravilhas Naturais*, de Benjamim Santos.

*Os Segredos Do Bosque*, Grupo Em-Cena-Ação.

*Sonho, Só Sonho*, de Ronaldo Ciambromi.  
*Um Dia Atrás Do Outro*, de Antonio B. Rocha.

*Vamos Jogar O Jogo Do Jogo*, de Antonio Fernando Bezerra.

*O Dia Em Que O Guarda-Chuva Se Apaixonou Pela Sombrinha*, de Paulo Afonso de Lima.

*Eu Chovo, Tu Choves*, de Sylvia Orthof.  
*Um Lugar Distante, Pertinho Daqui*, de Diana Ribeiro e Marilda Kobachuk.

*Com Panos e Lendas*, de José Geraldo e Vladimir Capela.

*Keirbeck, A Pedra Negra*, de Eugenio Santos.

*Riso, Choro e Cuíca*, pelo Grupo Os Bufões.

*Cresça e Apareça*, de Alexandre Marques.  
*Papitoco*, de Mauro Menezes e Lu Maia.  
*Estela, A Estrela Que Caiu Do Céu*, de Wanda Bedran.





# Textos à disposição dos leitores na Secretaria d'O TABLADO

Albee, E. — *A História do Zoo*, nº 85.  
Aman-Jean — *O Guarda dos Pássaros*, nº 64.  
Anônimo — *Mestre Pedro Pathelin e O Pastelão e A Torta*, nº 69.  
Anônimo (séc. XV) — *Todomundo*, nº 62.  
Andrade Oswald — *A Morta*, nº 52.  
Arrabal Fernando — *Guernica*, nº 50 e *Piquenique no Front*, nº 55.  
Barros A. Inês — *O Jogo da Independência*, nº 54.  
Baccioni, Settimelli, Marinetti — *Teatro Futurista*, nº 62.  
Borges, J. C. Cavalcanti — *Em Figura de Gente*, nº 54.  
Brandão, Raul — *O Doido e a Morte*, nº 63.  
Brecht, Bertolt — *A Exceção e a Regra*, nº 61; *Aquele que diz Sim, Aquele que diz Não*, nº 71; *Quanto Custa o Ferro*, nº 72; *O Mendigo*, nº 76.  
Cabrujas, José Ignácio — *Ato Cultural*, nº 80.  
Casona Alejandro — *Farsa do Mancebo*, nº 53.  
Cervantes — *O Tribunal dos Divórcios*, nº 63; *O Retábulo das Maravilhas*, nº 67.  
Cocteau Jean — *Édipo Rei*, nº 58.  
Checov Anton — *O Jubileu*, nº 46; *Os Males do Fumo*, nº 46; *O Pedido de Casamento*, nº 85.  
França Júnior — *Maldita Parentela*, nº 55.  
Garcia Lorca — *Amor de D. Perlimplim com Belisa em seu Jardim*, nº 79.  
Ghelderode — *Os Cegos*, nº 68.  
Gheon Henri — *A Via Sacra*, nº 49.  
Kokoschka Oskar — *Assassino Esperança das Mulheres*, nº 66.  
Labiche, Eugène — *A Gramática*, nº 47.  
Largekvist, Paer — *O Túnel*, nº 82.  
Macedo J. Manuel — *O Novo Otelo*, nº 4.

Machado de Assis — *Lição de Botânica*, nº 61; *Não Consultes Médico*, nº 72.  
Machado M. C. — *Os Embrulhos*, nº 47; *As Interferências*, nº 57; *Um Tango Argentino*, nº 56; e *Os Viajantes*, nº 47.  
Marinho Luiz — *A Derradeira Ceia*, nº 59.  
Martins Pena — *O Caixeiro da Taverna*, nº 60; *O Inglês Maquinista*, nº 67.  
Maeterlinck — *A Intrusa*, nº 65.  
Meireles, R. — *A Noite de Teresa Cibalena*, nº 84.  
Millor Fernandes — *Do Tamanho de um Defunto*, nº 75.  
Monteiro A. Carmosina — *Bumba-meu-Boi*, nº 52; e *Chica da Silva*, nºs 70-71.  
O'Neill Eugene — *Antes do Café*, nº 81.  
Pinter, Harold — *Noite*, nº 82.  
Pirandello, Luigi — *O Homem da Flor na Boca*, nº 81.  
Qorpo-Santo — *Mateus & Mateusa*, nº 65.  
Racine — *Os Advogados*, nº 73.  
Silveira Sampaio — *A Vigarista*, nº 84; *Só o Faraó Tem Alma*, nº 74; e *Treco nos Cabos*, nº 81.  
Strindberg August — *A Mais Forte*, nº 68; *Os Credores*, nº 78; e *Simum*, nº 83.  
Synge J. M. — *A Sombra do Desfiladeiro*, nº 51; e *Viajantes para o Mar*, nº 48.  
Tardieu Jean — *Conversação Sinfonista*, nº 48; e *Um Gesto por Outro*, nº 64.  
Thomas, Robert — *O Nariz Novo*, nº 83.  
Valentim, Karl — *Sketches Cômicos*, nº 86.  
Valli, Virginia — *Morte Natural na Forca*, nº 76.  
Vian, Boris — *Construtores de Império*, nº 77.  
Wedekind, Frank — *A Morte e o Demônio*, nº 66.  
William, Tennessee — *Fala Comigo Doce Como a Chuva*, nº 82; e *A Dama da Bergamota*, nº 82.

Wilder, Thornton — *Viagem Feliz de Trenton a Camden*, nº 83.  
Yeats — *O Unico Ciúme de Emer*, nº 43.





## ÍNDICE

O Teatro da Vida Suspensa — <i>Jan Klossowicz</i> ..	1
Estilo, Convenção e Interpretação — <i>H. Morrison</i>	3
Sobre I. L. Caragiale — <i>H. Agosti</i> .....	6
A Carta Perdida — <i>I. L. Caragiale</i> .....	9
Movimento Teatral .....	45

À venda na Secretaria d'O TABLADO CADERNOS DE TEATRO

assinatura anual (4 n.ºs) ..... 160,00

Autora: MARIA CLARA MACHADO

<i>Clarinha na Ilha</i> .....	90,00
<i>O Cavalinho Azul</i> .....	70,00
<i>Embarque de Noé</i> (música-gravação) .	100,00
<i>O Patinho Feio</i> (música-gravação) ...	100,00
<i>CARTAZES</i> .....	10,00

Estas publicações poderão ser pedidas à Secretaria d'O TABLADO mediante pagamento com cheque visado, em nome de Eddy Rezende Nunes — O TABLADO, pagável no Rio de Janeiro. Em caso de vale postal, o mesmo deverá ser remetido à agência dos correios do Jardim Botânico - RJ, sempre em nome de Eddy Cintra de Rezende Nunes.



